

**A
PESCA
MILAGROSA**

ROMANCE

Vera Carvalho Assumpção

veralu@amcham.com.br

"E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se dizendo: É um fantasma."

Mateus 14-26

“Este não é um país sério!”

Charles De Gaulle (referindo-se ao Brasil)

"A História é a soma das coisas que poderiam ter sido evitadas."

Konrad Adenauer

"Existe no Brasil de hoje muita desinformação sobre os reais poderes que a Secretaria Especial de Informática (SEI) exerce no país. No momento em que o presidente Sarney se posiciona contra as novas reservas de mercado mas mantém a da informática, é preciso denunciar, além dos males que essa lei causa ao desenvolvimento tecnológico do país, os métodos draconianos e policialescos de que o órgão executor dessa política se utiliza para garantir sua vigência."

Gilberto S. G. Job

Revista Veja, 12/VII/1987

Capítulo I

Que trata do momento em que os rumos da vida de Eudócia tiveram de mudar

Eram cinco da tarde, o dia principiava a perder a luz e Eudócia chegava de um encontro com Paulo, um amante contumaz. Com o corpo satisfeito e o bom aspecto que as tantas agruras da vida não haviam conseguido desmontar, caminhou até o escritório de sua casa e se deteve no umbral da porta. Levantando as pálpebras dos olhos muito negros e aveludados, espreitou Nelson, seu marido de muitos anos. Desde que seus destinos misturaram-se ao do país, ele não fazia outra coisa além de caminhar às voltas e mais voltas, a passos lentos e trôpegos. Através de uma vaga e irreal atmosfera, ocorreu-lhe que um dia ele fora seu noivo, seu amado, enfim, o homem de sua vida. Recordou-o como uma figura esfumada, distante, cujos únicos elementos concretos ainda eram os bigodes colossais, a cabeça um pouco inclinada para a esquerda e a vitalidade doentia dos seus duros olhos cor de mel. Ela estivera tão atordoada com os últimos acontecimentos que, por diversas vezes, havia pego do armário antigos álbuns de fotografia a fim de se convencer de que se tratava de um homem concreto e não um noivo sonhado ou reelaborado de algum filme. Naquele entardecer, ficou na dúvida se o imaginara na época em que o conheceu ou se o imaginava ali, em sua decadência silenciosa. Ou talvez, por tantas vezes, tivesse observado a realidade como se fosse um roteiro de filme, que as coisas se confundiam. Vinha-lhe a sensação de que se o roçasse com a ponta da unha, ele se desmancharia como um velho cenário e se converteria num montão de serragem.

Entre o prazer da tarde no motel e a visão da figura do marido, ocorreu a Eudócia que era preciso passar pela cozinha e verificar para quantos dias ainda teriam a costureira mesa farta. Desde que o marido, o sogro e seus dois melhores amigos se associaram a fim de enriquecerem por obra de um milagre, alguma coisa lhe escapou. Também ela se deixara levar pela euforia. Saboreou com prazer a idéia de poder gastar os milhares de dólares sonhados. E, a partir de um determinado momento, os acontecimentos se precipitaram com tal velocidade, que foram levando tudo de roldão, especialmente o equilíbrio interno de Nelson. Observando-o naquele eterno caminhar, suspirou, e mais uma vez pensou que havia batido fundo demais. Era preciso reverter a situação o mais rápido possível.

Saindo do escritório, ela foi até a sala de jantar. Ali, sob o olhar benevolente do avô, alheios aos problemas, seus dois filhos faziam os deveres escolares. Eudócia beijou-os, sentou-se e perguntou sobre a escola e os amigos. Enquanto eles absorviam-lhe a animação e narravam as últimas proezas, ela observou o quadro da parede. Era uma imensa figura de Cristo e os apóstolos envoltos na epopéia da pesca milagrosa. Abarcando com o olhar o sogro, os filhos e as figuras do quadro, que a acompanhavam por toda vida de casada, pensou que aquele era o seu mundo e era urgente fazer com que retomasse um rumo mais coerente! Por um momento sentiu-se com a responsabilidade de Cristo trazendo seus apóstolos sãos e salvos e com as redes cheias.

Estava envolta nestes pensamentos, quando um uivo agoniado quebrou a paz da sala. Eudócia viu os filhos e o sogro olharem-na com os mesmos olhos amarelos e assombrados dos personagens do quadro, mas nenhum deles tomou qualquer atitude. Ela dirigiu-se ao quintal. Os cachorros dormiam, não poderiam ter uivado daquela maneira infernal. O céu escurecia e uma lua luminosa aparecia como um bola branca. Eudócia observou-a por algum tempo pensando no seu poder de controlar as marés, os ciclos menstruais e os ataques dos licantropos. Ocorreu-lhe

que o uivo agoniado poderia ser de um lobisomem, mas em seguida sorriu da própria ingenuidade e foi para o quarto.

Deitada na cama, com os olhos pregados no teto, deixou o pensamento correr solto. Sua vida, que sempre seguira a coerência da sociedade em que vivia, desabara para o descabro. Havia se dedicado a criar uma família que desmoronava a olhos vistos. E iria continuar desabando, a menos que fizesse alguma coisa para ganhar dinheiro e segurar a barra. Chegara a um extremo onde o que possuía era um marido esquizofrênico, dois filhos para criar, uma casa para sustentar e um sogro esclerosado com uma aposentadoria de merda. Pois bem: o que a levava até ali? Esta foi uma de suas linhas de pensamento naquele anoitecer. Quais os fatos que se haviam encadeado para que chegasse aonde chegou? Retrocedeu então até a época em que se apaixonara por Nelson. O trágico, visto como passado, tornava-se cômico. Poderia ser contado às gargalhadas em noites de bebedeira. Mas naquela hora, ainda era uma lembrança a ser considerada.

A lucidez, que sempre projetou uma luz sobre ela, fez com que tomasse simultaneamente outra linha de pensamento. Esta linha dirigia-se para a frente. Levava-a à pergunta: Que fazer? De imediato pensar, o que era a única maneira que conhecia de não ficar louca. Refletir. Seguir uma direção de pensamento lógico e coerente. Por não ser uma personagem existencial, com direito ao auto flagelo destrutivo, tinha certeza de que não se deixaria escorrer para a depressão. Olhava o teto de seu quarto, tal como acabara de ver o marido no seu caminhar insano. Pensou seu homem desintegrando-se como seu próprio tempo, seu próprio país. Por todos os lados, restos e desolação. Como ressurgir daquelas cinzas? Como reverter os rumos decadentes?

A situação era grave. Todas as perdas pelas quais passaram nos últimos meses e que levaram Nelson ao desatino tinham um sentido trágico, uma qualidade simbólica, não deixavam dúvidas que representavam o país em que vivia, a situação de golpes e cachorradas subterrâneas onde alguns se saíam bem, às custas dos muitos que pagavam a conta. Apesar da própria lucidez, e acima de todas as conjecturas existenciais e filosóficas estava o dinheiro. Sem dinheiro, como fazer, não para conjecturar sobre a vida, mas, mais diretamente, para existir? Como os gregos, ela sabia que o termo que designava no vocabulário filosófico, o ser, a essência, a coisa-em-si, significava igualmente a riqueza, a grana! Sem ele era complicado existir. Sem ele a existência era o inferno!

Tendo vivido próxima a homens investidos de sacralidade, funcionários de órgãos federais, com poderes de decidir os destinos não só da pátria, mas dos mortais à sua volta, acabou por adquirir certa tarimba nas cachorradas subterrâneas. Vivendo num país que tateia as saídas através do absurdo, não iria hesitar em agarrar as oportunidades. Só que não se apresentava coisa alguma. Ela, que tivera sempre em mente o cinema e seus roteiros, vivendo por procuração os grandes amores, aproveitou a nostalgia e começou a encadear imagens sensacionais sobre a própria existência, tentando criar um roteiro cujo fim imediato era conseguir grana! Foi então que toda sua vida passou diante de si como, segundo dizem, acontece aos que estão a um passo da morte.

Capítulo II

Que narra como Eudócia conheceu Nelson

Eudócia jamais poderia imaginar que tendo pela primeira vez avistado Nelson num país tão consistente como a Suíça, ele pudesse vir a se tornar um arremedo de ser humano. A lembrança dos efêmeros bons tempos em que o conhecera parecia-lhe tão longínqua, que era como se tivesse acontecido a uma jovem desaparecida, que ela própria revia como se reinventasse filmes assistidos muitas vezes.

Na época, seu Guilherme, pai de Nelson, trabalhava numa secretaria do governo e, preocupado com o baixo nível dos estudantes brasileiros, arranjava para o filho ininterruptas bolsas de estudo no exterior. Nelson havia estudado nas melhores escolas do mundo e estava fazendo a última pós-graduação para voltar ao Brasil com os títulos de Master, P.H.D. e tudo o que os filhos das famílias que têm ligações com o Estado dão-se o direito. Eudócia passava pela Suíça numa excursão de recreio. Tinha dezoito anos e estava um pouco confusa quanto aos rumos da própria vida. Fora sempre alegre e descontraída, mas deparava-se com o desejo ferrenho de sua família em casá-la. Arrumara um noivo de quem não desgostava, mas cuja presença provocava-lhe o horror de imaginar que não poderia aspirar nada além de ser igual à própria mãe: governanta do marido e dos filhos. Por isto, discutira com a mãe, indispusera-se com o pai, brigara várias vezes com o noivo e acabou criando situações embaraçosas para toda a família. Os pais, seguindo conselhos de parentes mais escolados, numa tentativa de resgatá-la para seus propósitos, juntaram as economias e embarcaram-na para aquela viagem. Não sem antes convencer uma tia disponível a acompanhá-la na qualidade de conselheira e guardiã. Tinham a esperança de que, ao retornar, Eudócia reatasse com o noivo e finalmente se casasse, dando-lhes o tão merecido sossego. Por diversas vezes, a mãe de Eudócia afirmara que a filha flanava pela vida e não tinha capacidade de gostar de ninguém. O melhor seria amarrá-la o quanto antes aos grilhões de um bom casamento.

Por uma brincadeira do destino, numa escapadela do grupo da excursão, enquanto vagava por ruas geladas da Suíça, Eudócia viu um insinuante rapaz com a pele menos branquicenta do que os demais transeuntes. Impressionada com seus bigodes colossais e sua elegância invernal, fitou-o ao se cruzarem. Ele notou o olhar e fez meia volta. Sorriram um para o outro. Trocaram umas palavras em inglês e logo perceberam que ambos eram brasileiros. Ele a convidou para um café com bolo e, numa cafeteria aquecida e aconchegante, foram enveredando por suas autobiografias. Então, ela pôde reparar na vitalidade doentia dos seus duros olhos cor de mel, e ele deliciar-se na singularidade dos olhos dela, cujas íris eram tão negras que se confundiam com as pupilas dando-lhes uma profundidade assombrosa. Sentindo-se suficientemente aquecida, ela tirou as luvas. Ele reparou que suas mãos não eram como as das suíças e francesas que davam sempre a impressão de estarem terminando uma ordenha. Naquela mesma noite, Nelson levou-a a um dos melhores restaurantes da cidade. Ela, que não tinha o hábito de coisas caras e requintadas, deslumbrou-se. E continuou se deslumbrando com o empenho dele em estar ao seu lado. Muito mais eficaz do que a guia da excursão, ele mostrou-lhe o que havia de melhor na cidade e arredores. Quando o grupo seguiu, ele foi encontrá-la na Itália.

Num ambiente de gôndolas, macarronadas, vinhos rascantes e muitas canções românticas, os dois se divertiram a valer. Na última noite, depois de terem jantado num dos

melhores restaurantes do lugar, foram a uma boate. Lá por umas tantas, ela se sentiu meio tonta e percebeu que era hora de parar de beber. Foi ao toailete lavar o rosto e refrescar os pulsos mas, ao retornar, como num passe de mágica havia um novo drinque sobre a mesa. Deslumbrada que estava com tantas possibilidades que a vida lhe mostrava, deixou que a noite fizesse sua história sem cautelas. Chegou a esbarrar na idéia de que ao norte do equador os pecados sempre tiveram peso maior do que ao sul. Mas, em seguida, veio a represália: vivia-se uma só vez e as boas oportunidades raramente se repetiam. Do resto da noite, lembrava-se de imagens e sons distorcidos. Deram muitas risadas, abraçaram-se, dançaram. Veio, então, o hotel onde Nelson estava hospedado. Aquele era um local onde, depois de um tempo, mesmo olhando as fotos, ela era incapaz de visualizá-lo como real. Talvez tivessem bebido alguma coisa ou dançado juntinhos ao som da música ambiente, num minúsculo espaço entre a televisão e a cama. Antes que ela se apagasse, a luz foi apagada. Mas entre uma coisa e outra havia um intervalo que ela não poderia dizer se preenchido pelo delírio etílico ou pelo susto do amor. Então sim, sobreveio a morte absoluta, que poderia descrever como uma sensação de soltura pelo espaço sideral. Muitas horas depois, seus olhos se abriram e ela se lembrava das paredes empapeladas, e os sentidos alerta dizendo que deveria rapidamente reunir-se ao grupo da excursão. Partiriam naquele dia para o Brasil e ainda teria de inventar uma boa desculpa por ter desaparecido por toda a noite. A tia era uma alma simples e foi fácil fazê-la acreditar num trânsito que engarrafara sem a menor chance de movimento. O difícil foi deixar Nelson, homem que em poucos dias tornou-se a obsessão de sua vida.

Tão logo chegou ao Brasil, para desespero da família, Eudócia despachou, em caráter definitivo, o noivo que a aguardava esperançoso. Nelson já estava nos últimos meses do curso e escreveram-se com toda a fúria da paixão. Contra todas as previsões de sua mãe que desesperadamente tentava convencê-la de que gente rica não casava com gente pobre, tão logo Nelson retornou, noivaram e marcaram casamento.

Capítulo III

Que trata do retorno de Nelson ao Brasil

Desde que a convidara para um café com bolo na Suíça que os olhos singularmente negros de Eudócia e seu sorriso cheio de uma simpatia ampla e brincalhona não saíram do pensamento de Nelson. Embora ela não se recordasse com precisão o que ocorrera na última noite da Itália, ele possuía bem clara na memória a maneira deliciosa com que ela se derreteu em seus braços, fazendo-lhe carícias estremecedoras, que lhe deixaram a sensação de ver por todos os lados seus imensos olhos negros conduzindo-o a um abismo de desamparo. Não conseguia concentrar as idéias em outra coisa que não fosse retornar para reencontrá-la. E tão logo terminou o curso, o fez.

Ao entrar em sua própria casa, Nelson sentiu falta da mãe. Era a primeira vez que ela não o esperava em seus retornos. Havia recém falecido. Nelson recebera na Suíça um telefonema do pai dando-lhe a surpreendente notícia e desaconselhando-o a voltar ao Brasil para o enterro. Aliás, nem haveria tempo. Sua mãe fora vítima de um desastre aéreo. Morrera na queda de um bimotor, e jamais fora explicado o que ela fazia nele, nem para onde ia com pessoas que o próprio pai não sabia quem eram. O fato de todos os ocupantes do avião terem morrido, aumentava o mistério. Ao receber a notícia, Nelson lastimou-se diante de uma amiga de emergência, afirmando que a mãe fora uma mulher maravilhosa. Apesar de estar vivendo fora de casa por um longo tempo, recordou-se que ela lhe agüentara a adolescência, época em que andara desconstruído sem saber bem o que fazer da vida. Ao conhecer Eudócia, ainda estava tentando se consolar por não ter voltado no primeiro avião, nem que fosse para ver o túmulo lacrado. Afinal, depois de morta, a mãe encarnava a pessoa que mais amor lhe dedicara. Respondendo-lhe uma simples frase: "Não se amole, estas coisas acontecem", Eudócia encerrou o assunto. Ele não falou mais da mãe até que, quando aconteceu toda a desgraça, sentiu-se idêntico a ela, prevaricando, e, à consciência deste fato se somava então a consciência de ser tão mortal como ela.

Naquele retorno, Nelson sentiu a falta que a mãe fazia na casa. Encontrou o pai solitário, empenhado no partido político como jamais estivera, e o país numa abertura onde já nem se sabia se quem mandava era da oposição ou da situação. Ao pôr os pés em casa, Nelson sentiu tristeza ao ouvir os cães acorrentados começarem a ladrar, enlouquecidos pelo cheiro estranho. Um grito da empregada, também desconhecida, os fez calar na hora. Assustado com a autoridade daquela voz, sentiu-se estrangeiro na casa que sempre fora sua. Não fosse o amor de Eudócia, teria encontrado um curso qualquer e partiria imediatamente para outra viagem. Decidido a viver no Brasil, aceitou o bem pago emprego que seu pai lhe arranjara na diretoria de uma estatal e agradeceu a Deus por Eudócia estar tão apaixonada esperando por ele.

Também esperando por ele estavam seus melhores amigos: Antônio e Teófilo. Os três vinham por caminhos paralelos desde a escola maternal. Ao conhecê-los, Eudócia foi penetrando o mundo de Nelson. Antônio possuía uns tantos diplomas estrangeiros, e era o que ela considerava um homem que, além de bonito, estava convencido da própria beleza.

Teófilo era outro tipo. Cheio de soberba, dizia-se brasileiro "de verdade". Havia estudado no Brasil e se orgulhava profundamente de ter adquirido uma infinidade de títulos no próprio país. Além de se orgulhar dos títulos, para cada um deles possuía uma história interminável a ser contada. Ao ir tomando intimidades, Eudócia impressionou-se com os

conhecimentos que Teófilo possuía sobre a história pátria. Ela sempre fora uma grande leitora da história, mas ele sabia tudo sobre 7 de Setembro e 15 de Novembro e outros levantes libertários, só que baseado nas sociedades secretas. Destas coisas que não estão nos livros. Era ferrenho defensor da democracia e do que ele definia como liberdade. As poucas vezes em que Eudócia tentou dar uma opinião, ele corrigiu-a com a raiva dos que têm razão. Seus assuntos eram poucos e longos. Por amor àquela nova vida, ela conseguia enfrentá-lo cheia de coragem. Mas, passados os primeiros momentos de encanto por suas histórias reinventadas, ela começou a pensar num meio de se livrar do seu hálito que, com o fluir e o repetir dos fatos, ia se tornando extremamente desagradável. Sem atinar que ali estava a semente dos dissabores de Nelson, suportou-lhe o hálito quando ele conjecturou que o equilíbrio econômico-financeiro, a felicidade e o futuro de milhões de brasileiros dependiam deles três descobrirem um produto que pudessem copiar dos gringos e fabricá-lo às carradas. Teófilo confessou que aquela idéia havia lhe ocorrido desde que haviam engendrado a reserva de mercado para produtos ligados à informática. Havia muita gente trançando seus pauzinhos para conseguir licenças de fabricação e começavam a fabricar o que era proibido importar. Só era preciso um pouco de capital, e claro, a proteção do órgão governamental que cuidava do assunto. Aí sim, mais um item passava para o "index" das importações e quem o fabricasse poderia vendê-lo no Brasil por um preço dez vezes maior do que o do mercado internacional. Com isso parariamos de enricar os gringos e enricariamos a nós, os brasileiros! Para Teófilo, isto era autonomia e liberdade.

No dia em que se aventou tal idéia, apesar do seu encantamento por tudo o que vinha de Nelson e a própria vontade de enricar, no sorriso da despedida, Eudócia notou que o branco da pele de Teófilo era encardido. Ao se deitar pensou nele como um xenófobo encardidinho e jamais conseguiu recordá-lo de outra forma. Até que ele próprio demonstrasse que na luta pelo estrelato puxa-se o tapete até dos amigos, jamais comentou com Nelson aquele apelido. Apesar da sua aversão não pelo encardido da pele, mas pelo fato do desgraçado ser pernóstico, Eudócia estava de tal forma deslumbrada por aquele mundo tão diferente do seu, que o suportava com bravura.

Capítulo IV

Que fala de como Eudócia vislumbrou "A Pesca Milagrosa"

Eudócia entrou de chofre no mundo de Nelson. Os amigos eram incansáveis em promover reuniões de boas-vindas e, para cada uma delas, ela e a mãe passavam costurando até de madrugada a fim de que pudesse estar vestida à altura do ambiente. De onde estava agora, era quase inacreditável se rever tão encantada com os assuntos das mulheres conhecidas na época. Começavam por suas roupas que se gabavam de comprar nas melhores butiques, quando não no estrangeiro, e iam seguindo por uma imensa rede de conversas elaboradas sobre peças decorativas, nomes de vasos que ela jamais imaginou que tivessem nome, nomes de pintores que vendiam suas obras por preços exorbitantes, tapetes persas e chineses que eram contrabandeados e vendidos a preços que ela jamais imaginou existir alguém que pusesse no chão alguma coisa daquele valor. Falavam também de viagens mirabolantes para lugares que, aos poucos, Eudócia foi localizando no seu atlas. Um mundo de futilidades que parecia comum a todas as mulheres e acabou envolvendo-a por um bom par de anos. Conforme iam se tornando mais íntimas, contavam seus problemas. Eudócia foi se tornando tão eficaz em ouvi-las que pelo bafo sabia o que haviam bebido e quanto. Pela proximidade sentia a intensidade dos problemas. Falavam de amores que não deram certo, filhos rebeldes, maridos chatos e com pouco dinheiro para suprir-lhes as carências, sogras intragáveis, empregadas ineficientes e, especialmente, de marcantes sensações do passado. Quando começaram a confidenciar sobre seus amantes, Eudócia já estava um bocado realista e ria ao imaginar aquelas cenas de amor com homens suarentos e resfolegantes, numa idade em que o ato de amor começava a se complicar.

Deslumbrada com aquele mundo, Eudócia revoava por ele como uma passarinha feliz. Não se cansava de admirar o noivo com suas roupas alinhadas, segregando juventude e dinamismo por todos os poros, envolto numa luminosa atmosfera de simpatia. Não havia quem não o admirasse. Suas amigas e sua família ficaram encantadas e elogiaram-lhe a sorte de se casar com um moço tão cobiçado e rico. A primeira vez que jantou em casa de Nelson, conheceu seu Guilherme. Encantou-se pelo sogro, cuja barba cerrada bem escanhoadá, os cabelos fofos e bem penteados terminando em suíças grisalhas e os bigodes engomados pareciam traços fiéis do seu caráter. Depois de um delicioso jantar, cheio de orgulho, ele chamou-lhe a atenção para o quadro que cobria quase totalmente uma das paredes da sala de jantar e que era uma cópia perfeita de um pintor do século XV. O quadro chamava-se "A Pesca Milagrosa" e seu original fora pintado por Konrad Witz e estava no museu de Genebra. Seu Guilherme tinha uma história interminável sobre a aquisição daquela cópia, e acendeu o cachimbo para melhor narrar as proezas. De todas as peças de vulto que havia na casa, Eudócia percebeu que aquela era a que realmente importava. Na época, ela estava demasiadamente encantada com o novo mundo em que Nelson a introduzia e também com o próprio sogro para dar a devida atenção ao quadro. Vislumbrou-o superficialmente e achou engraçado o olhar das figuras, sem sequer suspeitar que ele não só fosse acompanhá-la por boa parte da vida, como as figuras desenhadas seriam suas melhores confidentes.

Para coroar tudo aquilo, seu Guilherme ofereceu a eles uma festa de casamento digna dos melhores "happy ends" de roteiros românticos. Sempre que se lembrava desta fase de sua vida, Eudócia só podia pensar numa história "hollywoodiana" com um par romântico e um final em que os dois se casavam em grande pompa. Na época, assistia a muitos filmes de amor que

acabavam quando o mocinho e a mocinha se casavam, e achou que sua vida simplesmente materializava um deles. Com o passar dos anos, ela foi vendo que quando os filmes terminavam era exatamente onde a vida real começava. Mais adiante ainda, percebeu que quando a vida já não oferecia emoções interessantes, podia-se, através dos filmes, vivê-las por procuração. Mas o deslumbramento de Eudócia por sua nova vida não se abateria facilmente. Ainda mais quando um golpe de sorte pôs seu Guilherme numa posição de onde podia dar ouvidos às idéias delirantes de Teófilo. Com amizades partidárias entranhadas na secretaria com o poder de decidir sobre os aparelhos informatizados a serem fabricados no Brasil, bastaria descobrirem um deles adequado às necessidades dos brasileiros e enriqueceriam para valer!

Capítulo V **Que narra da lua-de-mel ao desencanto**

Depois de tantos anos onde sua distração maior eram os filmes, se tivesse de fazer um roteiro sobre uma mulher feliz, Eudócia descreveria a própria vida ao lado de Nelson desde que o conheceu até o dia em que um copo de champanhe, ao invés da costumeira luxúria, amargou-lhe a boca e provocou-lhe conjecturas sombrias.

Esta história começava com os dias de felicidade e encantamento na Europa e seguiam pelas pomposas bodas. Terminada a festa, Eudócia e Nelson embarcaram num navio para uma viagem costeira. Apesar dos balanços da embarcação terem provocado em Nelson intermináveis enjôos, ela se sentia tremendamente apaixonada. Sentada ao seu lado no estreito camarote, administrava-lhe remédios, segurava-lhe o pulso e aplicava-lhe compressas geladas na testa. Sentia-se profundamente feliz e desejava-o com uma intensidade injustificada levando em consideração seu lamentável estado. Ela o amava de tal forma que sentia um prazer enorme em poder cuidar dele e, se preciso fosse, até morrer por ele. O carinho que sentira pelo noivo, naquelas circunstâncias, transformava-se em obsessão por poder finalmente fazer alguma coisa por ele. Acompanhava-o nos seus vômitos afundando-se nos seus cheiros e misérias. Seguindo a orientação de viajantes mais escolados, trazia-lhe azeitonas e petiscos salgados, que diziam fazer bem para enjôos marítimos, e chamava o médico todas as vezes que notava qualquer modificação no seu semblante.

Quatro dias depois, com medo de sucumbir aos cuidados da esposa, ele se levantou e foi abraçado a ela passear no convés. A brisa marítima lhe fez muito bem, e ele passou a gozar das delícias de bordo ainda com um pouco de tonturas, mas sem os humilhantes vômitos. Ela desmanchava-se para fazer-lhe todas as vontades. Não lhe bastava tão logo tê-lo visto recuperado, enfiar-se em sua cama, desejava muito mais que seu corpo. Queria apoderar-se da matéria imprecisa e luminosa que ela julgava haver em seu interior e que lhe escapava ainda nos momentos em que pareciam morrer de prazer. Estava disposta a investir a vida para apoderar-se da alma daquele homem, mantendo-o apaixonado por ela. Aos poucos ia conhecendo seus hábitos. Quando ele lhe disse que gostava de andar, acompanhou-o pelos tombadilhos, sem sequer imaginar que ele fosse acabar num caminhar insano, dando voltas circulares ininterruptas em seu escritório. Quando se cansavam, debruçavam-se nos parapeitos e tudo era pretexto para conversa. Talvez por ter passado tanto tempo encantada pela intrepidez daquela nave rasgando as vagas e sobrepujando o labiríntico oceano, ela tenha sempre pensado no órgão governamental que tanto lhes incrementara os planos como um brigue flibusteiro.

Ao retornarem da viagem entraram no novo apartamento dado pelo sogro, o que fez com que ela o admirasse mais ainda. Mesmo que dinheiro não fosse problema, esmerava-se em decorar o apartamento com o maior capricho e o menor investimento possíveis. Enveredava sem temores pelas prendas domésticas. Munida de revistas explicativas, executava cortinas, cobria sofás e esfalfava-se para tornar perfeita a decoração do lar. Tudo por amor àquele marido! Caprichava receitas para que ele as saboreasse ao chegar em casa. Com a maior boa vontade dedicava-se a servi-lo e possuía uma tolerância ilimitada para resistir às suas excentricidades. Estava sempre disposta a acompanhá-lo a qualquer restaurante, mesmo que lhe tivesse preparado um jantar especial.

Foi depois de ter nascido o primeiro filho, quando estavam no auge de uma festa de casamento muito animada e Nelson se levantou imitando um bocejo de sono iminente que Eudócia, como se lhe tivesse caído um raio na cabeça, percebeu seus gestos de tirano. Naquela hora, usou de todos os argumentos que conhecia para ficar mais uns momentos na festa. Indiferente às suas súplicas, ele levantou e sequer se despediu dos outros convidados. Simplesmente avisou que a esperaria no carro. Ela, que estava no ponto de pegá-lo e entrar com ele no baile, percebeu de chofre que ele havia sido sempre um tirano e sua veneração por ele a cegava. Aturdida, ela emborcou de um gole o champanhe, pegou a bolsa, lançou um olhar cheio de desamparo aos que estavam ao seu redor e o seguiu. Ainda tentou se convencer que o pobrezinho trabalhava tanto e estava realmente cansado, mas desta vez não conseguiu. Foram para a casa em silêncio, ele bocejando, ela com o champanhe a lhe amargar as entranhas. Naquela noite, também ela simulou um bocejo de sono iminente, apagou a luz, e custou a adormecer. Quando o fez, o champanhe que sempre a estimulava a noites de amor, provocou-lhe um estranho sonho. Via Nelson despir a cara que ela sempre tinha visto nele porque na realidade era uma máscara, mas a cara real por baixo da máscara era idêntica. Despertou intrigada com o sonho, o que fez com que durante todo o dia se dedicasse a sombrias conjecturas sobre a própria vida.

Sua única angústia do tempo de solteira era a obsessão da mãe por casá-la. Sempre teve a impressão de que o mundo poderia apresentar inesperados melhores do que a entediante rotina das donas-de-casa. Achava que bastaria pôr o pé no estribo da vida, e as coisas agradáveis iriam acontecendo. Aos dezoito anos a mãe induziu-a a um noivado onde todos estavam felizes exceto ela. Desmanchou o noivado, e sua vida seguiu exatamente por onde ela teria horror que seguisse. Apaixonou-se perdidamente, casou-se e estava tendo os filhos. Casando-se com Nelson, agradou a mãe e passou anos deslumbrada numa vida onde dinheiro jamais fora uma preocupação. Se economizava era por ser este um traço de sua personalidade. Logo depois do Guilherme Júnior, nasceu-lhe uma filha. Tinha empregada, cozinheira, babá. Quando ia ao médico com as crianças, Nelson mandava um carro da estatal com motorista que a levava e trazia. Sentia-se uma autêntica madame. Só que fora premiada pela fatalidade de entender que, embora com o conforto que o dinheiro dava, não passava do que sempre tivera horror de ser: governanta do marido e dos filhos. Ao deparar-se com a tirania do marido, deixou-se sugar pelos filmes românticos, vivendo por procuração os relacionamentos amorosos de tanta falta lhe faziam.

Capítulo VI

Que trata de casamentos e uniões

Nelson foi o primeiro da turma a se casar. Talvez por isso, os amigos foram adquirindo o hábito de se encontrar em sua casa após o jantar. Eram raros os dias em que Teófilo e Antônio não aparecessem. Nas conversas que se prolongavam noite adentro, embaladas por muito uísque, podia-se detectar o embrião de uma sociedade que tinha tudo para ser perfeita. Só faltava atinarem com a tal idéia genial, ou seja, descobrirem um aparelho a ser copiado dos gringos e fabricado no Brasil. Seu Guilherme, que não perdia encontro, aguardava a idéia para trançar os pauzinhos e conseguir, junto aos amigos do órgão governamental, os beneplácitos necessários. Então, como um truque de prestidigitador, ficariam mais ricos do que podiam sonhar.

Enquanto a idéia não surgia, uma noite, Teófilo foi acompanhado de Jacira, namorada com quem se casou em pouco tempo. Ao pensar nela, Eudócia sentia certa estranheza conjecturando que na lembrança, certas pessoas tinham a dimensão normal da realidade, enquanto outras eram pequenas ou apenas apresentavam um perfil, carecendo de profundidade. Na sua lembrança, Jacira não passava de uma figura opaca que tricotava ininterruptamente. Seu rosto, imediatamente esquecível, era redondo, textura de cera, sem vestígios de paixões sob a superfície. Um rosto tão banal que nem parecia estar presente.

No dia em que Jacira e Teófilo se casaram, no decorrer da festa, Eudócia não conseguiu chegar à conclusão se a maquilagem da noiva escondia a beleza ou disfarçava a feiúra. Mas Jacira compensava a inexpressividade com uma aptidão fantástica para os trabalhos manuais. Não houve uma única vez em que visitassem os recém-casados e Jacira não exibisse uma novidade: ou construía um vitrô, ou pintara um quadro, ou uma toalha de mesa para o Natal. No entanto, era nas reuniões de todas as noites em casa de Eudócia que Jacira demonstrava sua perícia. Levava fios e agulhas e, enquanto conversavam, tecia sem tomar fôlego. Iniciou Eudócia nesta arte para que não ficassem à toa, enquanto os homens passavam o tempo em suas conversas de meninos sonhadores. Uma ia se alimentando no ânimo da outra e produzindo coisas cada vez melhores. Em pouco tempo, Eudócia sentiu que disputavam a qualidade dos trabalhos manuais e das receitas culinárias. Por sorte, percebeu a tempo que a amiga era imbatível e se pôs à margem das pelejas. Com o nascimento do primeiro filho, a expressão de Jacira foi se transformando num tranqüilo rosto dessas rainhas virtuosas que se vêem em gravuras históricas. Foi se tornando cheia de exigências e circulava pela casa com uma simplicidade requintadíssima.

Nas reuniões em casa de Eudócia, pouquíssimas vezes Antônio foi acompanhado de Isabel. Logo nos primeiros encontros, ela esclareceu ser amante de Antônio e adorar aquela situação. Não queria se casar. O próprio Antônio a havia incluído num dos tantos trens da alegria num excelente emprego federal, e ela não tinha a menor intenção de perder sua liberdade. Não tinha humor para trabalhos manuais, pertencia a outro mundo. O que Jacira

possuía de doméstica, ela possuía de social. Certa vez, convidou Eudócia para um aperitivo de fim de tarde num bar fantástico. Entrou dando beijinhos no dono e foi pedindo para o "barman" o de sempre para si e para Eudócia que precisava experimentar a especialidade da casa! Em poucos instantes apareceram em cima do balcão dois copos tão bem decorados e coloridos que seu conteúdo não poderia deixar de ser uma bebida dos deuses. Os copos bateram-se num brinde e Eudócia sentiu escorrer pela garganta o líquido doce apimentado que amolecia as pernas e afrouxava os lábios. A maioria das pessoas chegava e cumprimentava Isabel dando beijinhos e fazendo comentários cheios de intimidade. Eudócia ficou deslumbrada não só com as pessoas, as bebidas, os espelhos e a decoração do local, mas especialmente com a desenvoltura de Isabel. Sem ser capaz de disfarçar o encantamento, pensava no tanto de felicidade que a vida podia oferecer em locais como aquele.

Quando finalmente as duas se sentaram numa mesinha e pediram o segundo drinque, Eudócia reparou nos cabelos loiríssimos de Isabel e nos seus olhos claros como a água. Ela era bonita e atraente como as mulheres fatais dos filmes "noir". Com a intimidade que a bebida ia criando puseram-se a conversar e Isabel, após desfiar boa parte da autobiografia, confessou que o grande sonho de sua vida era ser proprietária de um local como aquele: bar e boate. Era uma das razões porque não se casava com Antônio. Não estava disposta a ser simplesmente uma esposa sujeita às migalhas da glória do marido. Como amante, ele a colocara num cargo federal muito bem pago. E ela juntava religiosamente o dinheiro, aplicando-o da melhor forma, com o único objetivo de montar uma boate das mais luxuosas da cidade, onde seria ela a comandar o espetáculo. Depois de mais uns drinques, acabou por dizer que sempre sonhara com amantes felinos e que Antônio tinha uma musculatura pesada, mas que não era isso que a impedia de se casar com ele. Tinha horror ao casamento, pois com sua permissividade acabava por matar a espontaneidade do amor. Eudócia ouvia aquilo tudo e sorvia sua bebida enquanto no fundo, tão no fundo que o choque era levíssimo, apenas sentido como o bater das asas de uma mariposa, pensava que Isabel tinha razão. Da maneira como a amiga falava, quando o ato sexual perdia a graça era como estar acabada, velha, ao contrário do enlouquecedor desejo que Nelson lhe provocara nos primeiros tempos.

Naquela noite, Antônio e Nelson juntaram-se a elas. Entraram no bar cheios de desenvoltura e também conheciam muitos dos frequentadores. Não havia mulher que não se voltasse para o porte real da cabeça de Antônio exibindo o charme de conquistador lendário que era. Mas Nelson não ficava atrás. Eudócia sentiu-se envaidecida por ele ser um dos homens mais interessantes do local. O fato lhe trouxe uma enorme segurança e ela pensou que talvez fosse ela a não estar se empenhando o necessário para fazer com que ele lhe despertasse os instintos como o fizera no princípio. Afinal, naquele ambiente tão requintado, não via um único homem mais atraente do que ele, e as mulheres o fitavam descaradamente.

Capítulo VII

Que fala do desencanto aos amores por procuração

Desde que conheceu Nelson na Suíça até o dia em que teve a festa interrompida por seus bocejos, Eudócia manteve a impressão de que ele e Antônio eram os executivos indispensáveis da estatal em que trabalhavam. Com todos os cursos e diplomas que possuíam, ela acreditava serem super-homens capazes de conversar em linguagem máquina com o computador, atividade que não havia outra pessoa capaz no país inteiro. Ao passar a observá-los com olhos da realidade, eliminou-lhes a aura de endeusamento e percebeu claramente que Nelson e Antônio não faziam muito mais do que passar o dia todo se divertindo no computador com joguinhos de criança. Indignou-se ao ouvi-los contar, morrendo de rir, que na empresa haviam sugerido a compra de um equipamento que não servia para nada além de distrai-los. Acabaram trazendo um pequeno computador para a casa e, desde então, quando se reuniam após o jantar era para disputar embates na telinha. Começavam por dar tiros imaginários em patos e passarinhos que voavam sem rumo e iam até guerras com tanques e aviões que destroçavam povos imaginários. Eudócia encafifava-se pois, também a partir da nova visão que tinha de seu homem, perdera por completo o interesse pela decoração do lar, pelas receitas culinárias e pelos jantares caprichados. Passava o dia entediada, levando seus filhos para aulas supérfluas, comprando coisas dispensáveis e esperando a noite para tricotar com Jacira.

Nestes encontros, Teófilo era o primeiro a se aborrecer com os jogos no computador e juntava-se às mulheres. Enquanto ele discursava, achando que a revolução aconteceria e que estava na mão dos padres e sindicalistas, as duas teciam. Antes que tivessem a mirabolante idéia que lhes permitiria sonhar com o império, Teófilo passou por uma fase em que, enveredando noite adentro, era capaz de beber uma garrafa de uísque, obviamente importado, enquanto engrandecia os revolucionários. Perdendo as medidas, enobrecia as freiras guerrilheiras que invadiam terras produtivas em nome de Cristo. Falava das técnicas de guerrilha urbana utilizada pelos camaradas para desestabilizar a sociedade e propiciar-lhes o momento exato para a tomada do poder. Acreditava piamente que incentivar as mulheres a terem filhos e jogá-los na rua um a trás do outro era o que iria fazer nossa gente evoluir e acompanhar os rumos da História! Já quase bêbado, não fazia questão se lhe davam atenção, bastava-se a si próprio com uma loquacidade indomável. Criticava arduamente as negociatas do governo que eram noticiadas diariamente na imprensa e ninguém movia uma palha para impedi-las e muito menos para puni-las. Só a revolução para reacomodar nossa pátria!, era a conclusão a que chegava a cada fim de noite.

Jacira, que não fazia o menor esforço para entender as revoluções de que o marido falava, ganhara o prêmio máximo num concurso de panos de prato bordados e preparava-se para participar de outro. Desta vez seriam casaquinhos tricotados para recém-nascidos. Eudócia admirava-lhe a paciência. Via-a trabalhando com a cuidadosa minúcia de quem não tem pressa e encontrou em seu imperceptível trabalho a melhor medida para o desenrolar da vida. Media o

tempo pelo que poderia tricotar. Ao ser convidada para um almoço ou jantar, a primeira coisa que lhe ocorria eram as horas necessárias para tecer uma blusa nova.

Nesta época, o que mais distraía Eudócia, além das noites tricotando com a amiga, eram as conversas com o sogro que, com um pé no partido da situação fazia diligentemente a campanha do partido da oposição. Embora não entendesse muito sobre política, ela achava divertido seguir os meandros que o sogro lhe explicava. Desde os tempos em que se casaram e moravam no apartamento, seu Guilherme freqüentemente jantava na casa do filho. Ao ver o neto nascendo, encantou-se. E mais encantado ficou quando lhe puseram o seu nome acrescido de Júnior. Achou que era a hora dele ir morar no apartamento e ceder sua casa para que a família do filho melhor se acomodasse e o neto pudesse correr pelo quintal e brincar com os cachorros. Ao fazerem a troca, seu Guilherme adquiriu definitivamente o hábito de jantar com eles na sala de jantar, cujos móveis continuaram os mesmos, e onde podia-se compartilhar com os personagens da "Pesca Milagrosa".

Eudócia gostava da presença do sogro. Era um homem que bastava um olhar para se ver que era um grã-fino. Ela encantava-se com suas suíças grisalhas e seu imenso bigode sempre engomado e bem acertado, que tirava suspiros de muitas mulheres. Seus olhos tinham a mesma cor amarelada dos do filho, com a mesma vitalidade doentia. Possuía bom gênio e o sorriso fácil desde que não o contrariassem. Era encantado por música. Tanto que, ao se mudar, comprou para si um novo equipamento de som, deixando na casa o seu, ao lado da cadeira de couro. Por vezes, após o jantar sentava-se ali e, enquanto manipulava o cachimbo, deliciava-se com a música. Afirmava ser um refrigerio para a alma e entristecia percebendo que Nelson não se emocionava como ele.

Foi pela mesma época em que se desencantava com o marido que, num dos aniversários de casamento que comemoraram como se fossem os apaixonados de antes, Nelson presenteou Eudócia com um videocassete, a novidade do momento. Imediatamente entraram num clube de filmes e ela assistia vorazmente a tudo o que havia. Ela, que já gostava de cinema, passou a dedicar todo o tempo livre aos filmes no vídeo. Foi então que, aos poucos, percebeu que quando a vida não oferecia mais emoções, podia-se, através de bons roteiros, vivê-las por procuração. Gostava dos filmes românticos e de aventuras que tivessem um certo suspense. Achava que o cinema era bom quando representava a usina do sonho, alguma coisa que se sobrepusesse e ajudasse a agüentar a realidade, dando leveza à vida. Apesar do seu interesse por cinema, e de estar sempre buscando leituras que a fizessem entender melhor esta arte maravilhosa, não sentia prazer nos filmes que retratavam a vida com demasiado realismo, e que colocavam o "nonsense" como referência máxima. Achava que ao invés de causarem deleite, filmes com abertura para a emergência do irracional angustiavam os espíritos com o rigor das imagens propositadamente inacabadas, transmitindo a impressão de que em tudo o que se faz sempre falta alguma coisa. Como em geral não tivesse com quem comentar suas impressões, muitas vezes após assisti-los anotava certas cenas comparando-as à vida real. Daí ter atravancado a escrivinha com infindáveis páginas disparatadas. E era lendo as anotações, que se impressionava com o tanto que a vida ficava mais interessante quando se pensava nas pessoas

como personagens e imaginava-as no desenrolar dos roteiros. Detectava os antagonistas e protagonistas e comparava-os com a vida real. Em ocasiões propícias, repetia frases que ouvia nos filmes e comparava o efeito. Usava este comportamento nas discussões com Nelson, o que ia pouco a pouco afastando-a da realidade. Havia melodramas com ritmos bons, e mesmo os entediantes tornavam-se mais divertidos quando vistos como se fossem um filme.

Capítulo VIII

Que narra como Eudócia e Paulo se conheceram

Mesmo sendo amante de Isabel, Antônio vivia falando de outras conquistas e alardeava o amor como se o tivesse acabado de inventar. Certa noite, para surpresa geral, apresentou-se na casa de Nelson acompanhado de Marlene, uma jovem até então desconhecida do grupo, e declarou-a sua noiva. Já estavam de casamento marcado e Eudócia, passada a perplexidade da surpresa, quase morreu de pena de Isabel, tão confiante de mantê-lo como amante a vida inteira. Como nessa altura o cinema já fosse para Eudócia um vício insaciável, pensou que aquele roteiro só caberia na lista dos filmes cuja referência máxima era o "nonsense". Nada além do que a enfadonha realidade.

Quando a recepção do casamento de Antônio começava a esquentar e a noiva já entrara no salão, esbanjando elegância, exibindo a pérola central do colar exatamente da mesma cor do miolo das flores do vestido, Paulo se aproximou. Nelson, depois de efusivos cumprimentos, apresentou-o. Eudócia tentou examiná-lo, mas o poder de sua presença abateu-se sobre ela, confundindo-a, submergindo-a, monopolizando tão agressivamente sua atenção que ela levou tempo para sair do encantamento e poder realmente observá-lo e ouvi-lo. Enquanto isso, como outras incontáveis ocasiões de sua vida, Paulo sentiu a fígada nas vísceras, sinal que jamais falhou diante de uma mulher que levaria para a cama. Envaidecido, galante, com endiabrados olhos verdíssimos, embora os garçons não negligenciassem um único convidado, trocou quantas vezes foi preciso o copo de Eudócia. Enquanto falava, o olhar de Paulo esquadrinhava-lhe o rosto, sua boca expressiva, carnuda sem ser sensual, a fronte serena, o nariz bem feito, mas o que mais o impressionara naquela mulher era exatamente o que havia impressionado Nelson: a singularidade dos olhos que consistia no fato de ser a íris tão negra quanto a pupila, dando-lhe ao mesmo tempo penetração e opacidade.

Passada a comoção das apresentações, como quem faz um inventário depois do incêndio, Eudócia conseguiu se acalmar o suficiente para fitar aquele homem tão sedutor. Enquanto observava seu insolente olhar, entrevia-lhe o sorriso que revelava uma língua poderosa e dentes grandes e úmidos: carnívoros. Jamais um homem lhe despertara tão veementemente os instintos. A conversa com Paulo enveredava para sua autobiografia e Eudócia, solta pelo álcool, disfarçava o alvoroço interior levantando as sobrancelhas e pondo candura no olhar. Por vezes sorria, deixando a emoção escapar pela boca. Na falta de outras, pronunciava frases ouvidas nos filmes. Só que ali, sua emoção não era vivida por procuração, sentia uma real excitação das entranhas.

Paulo trabalhava na mesma estatal que Nelson e Antônio. Era o que, cheio de orgulho, se intitulava: funcionário indispensável! Trabalhava! Não era apenas figura decorativa!, apregoava sorridente entre golinhos de champanhe. Seu real orgulho vinha do fato de ser conhecedor da pedra filosofal! Depois de sugá-la do cérebro de um amigo alemão, era dono da fórmula de um dos produtos químicos fabricado pela estatal. Aliás, o único que não dependia do

governo para mensalmente cobrir as despesas. Dava lucro! Ele acompanhava pessoalmente a combinação dos elementos e suas metamorfoses, escrutava o refter de líquidos densos e, partindo de elementos baratíssimos, transformava-os num produto que valia mais do que ouro! Era a matéria prima para um medicamento indispensável à sobrevivência de idosos! Como o Brasil não respeitasse patentes internacionais nesta área, era como se ele tivesse inventado o produto e não simplesmente sugado do cérebro de um alemão desavisado. Paulo narrou a proeza e sorriu exibindo seus dentes carnívoros.

Naquela noite, Eudócia lembrava-se de ver Paulo lhe fazendo a corte com classe e abertamente, o que de alguma forma a envaidecia. Enquanto punha todo o empenho em ouvi-lo, através do barulho dos talheres nos pratos e da música, procurou Nelson com o rabo dos olhos. Encontrou-o desenvolvido, com a elegância de sempre, conversando com amigos e ela poderia jurar que, com palavras, reinventava a própria vida. No meio daquela festa arrebatadora, conversando com o homem que ela julgava o mais charmoso da festa, Eudócia nem sabia se estava um pouco bêbeda ou fazendo o papel de bêbeda e levava tudo o que ele dizia na brincadeira. Não se comprometia com nada. Quando já estava ficando incômoda a insistência dele em levá-la para almoçar no dia seguinte, seu Guilherme aproximou-se e salvou-a da situação. Paulo não perdeu a desenvoltura. Continuou, incluindo seu Guilherme nos assuntos, inclusive enaltecendo-lhe a atuação na manipulação dos pauzinhos para que o plano do seu partido para acabar com a inflação por decreto tivesse como fim maior colocar no governo grande número de partidários. Só assim poderiam considerar ter dado um grande passo para a democracia! Eudócia pensou que o último governo militar decretara uma abertura que não fizera mais do que pôr novamente em cena personagens decrépitos, dignos do filme "A Dança dos Vampiros" de Polansky. O atual queria acabar com a inflação por decreto e, pela primeira vez em sua vida, via faltarem os alimentos essenciais até para quem podia pagá-los. O que mais poderiam ter pela frente?

No final da noite, ao se despedirem, Paulo segurou firme a mão de Eudócia, enquanto roçava demoradamente os lábios no seu rosto e balbuciava-lhe na orelha o convite para o almoço no dia seguinte. Sem saber que a salvava de um sufoco, Nelson se aproximou. Ela aproveitou para soltar a mão que Paulo segurava e afastou-se, deu-lhe uma piscadinha, enquanto afirmava que um dia destes se veriam.

No caminho para casa, Nelson comentou que Paulo era um dos amigos mais simpáticos que havia na estatal, mas era raríssimo poderem almoçar juntos. Ele era um assíduo freqüentador de motéis em hora de almoço, a hora mais propícia para as mulheres casadas que conquistava sem escrúpulos. Eudócia estremeceu, embora ele a tivesse impressionado, jamais faria amor com o sol pipocando no telhado e, menos ainda, ir assim a sangue-frio para um motel. Nos filmes, as cenas de amor de que gostava sempre vinham precedidas de acontecimentos capazes de criar expectativa. Era preciso dar um tempo e gerar um clima propício para que a cena não chocasse. Lembrou-se das amigas vangloriando-se de amantes sensacionais. Eudócia ouvia-as, e, ao imaginar a si mesma copulando com os homens mencionados, não podia deixar de vê-los suarentos, em posições e estertores que lhe causavam

acessos de riso. Mesmo quando ouvia seriamente os casos das conhecidas sobre proezas mirabolantes feitas com amantes, punha em dúvida e ria por dentro imaginando o casal nas situações citadas. De forma que jamais apareceu alguém que pudesse ser seu amante até aquela noite em que conheceu Paulo, que a fez recriar na imaginação maluquices em torno do ato sexual. Voltando para a casa depois da festa de casamento de Antônio e Marlene, Eudócia foi incapaz de dizer uma única palavra, colhida de surpresa pela própria mente que se fixava na investida daquele homem tão sensual, e não deixava espaço para as próprias ironias.

Capítulo IX

Que trata de como surgiu o embrião da sociedade

Apesar de não ter mudado em nada sua vida de conquistador, Paulo, a partir do instante em que conheceu Eudócia, não teve mais um instante de paz. Ao longo de seus anos de conquistas, jamais uma mulher havia desdenhado um convite seu, e o fato de Eudócia fazê-lo cheia de displicência, deixou-o atônito. Era pensando nela que, a cada dia, tinha mais assuntos a discutir com Nelson. Ficou sabendo dos encontros de todas as noites e, depois de muitas insinuações, acabou sendo convidado. Então, passou o resto do dia se preparando para, ao chegar lá, não demonstrar a ansiedade que sentia.

Na hora do jantar Nelson comentou o convite e Eudócia sentiu uma espuma gelada percorrer-lhe as veias. Tampouco ela conseguia tirar a figura de Paulo da cabeça e, a cada palavra de Nelson na hora das refeições, cada olhar casual, seus gestos mais triviais lhe pareciam semeados de truques para descobrir aquele segredo. Nos últimos dias, era tal seu estado de alarme que evitava falar à mesa, apreensiva que um descuido pudesse delatá-la. Tornou-se evasiva. E, na tempestade das dúvidas, surpreendeu-se pensando em Paulo com mais frequência e interesse do que se permitia, e até se perguntava atribulada por que ele não ia visitá-los. De modo que quando o próprio marido anunciou-lhe a visita de Paulo, custou a crer que não fosse outro embuste da fantasia. Na tentativa de disfarçar o alvoroço, enquanto corria ao banheiro para retocar a maquilagem e se perfumar, concentrou-se nas últimas conversas dos homens.

Viviam um tempo em que Nelson, Antônio e Teófilo pareciam enfadados do que faziam. Antônio havia recém percebido que se casara com uma mulher dispendiosíssima e ainda tinha Isabel que jamais se importou com seu casamento, e reaparecia exigindo-lhe os costumeiros favores. Teófilo delirava com o porte de rainha que Jacira ia adquirindo, e não poupava esforços para incentivá-la. Por ser o único a não trabalhar na mesma estatal, e sim numa multinacional americana, tinha muitas recriminações aos gringos. Nas reuniões de todas as noites, já não lançavam mão dos joguinhos do computador para se distraírem. Não havia novidade capaz de prender-lhes a atenção. Sentavam-se na sala de jantar e, sob as figuras do quadro "A Pesca Milagrosa", punham-se a discutir seriamente sobre possíveis negócios que os fizesse enriquecer o tanto que cada um precisava. Eudócia e Jacira teciam enquanto ouviam a conversa dos três e orientavam Marlene nos segredos do tricô. Teófilo continuava no firme propósito de copiar algum aparelho dos gringos e fabricá-lo às carradas. Antônio e Nelson punham muita fé em tal possibilidade. A única dúvida era saber que aparelho copiariam, pois era preciso uma boa idéia para que não fizessem o que já havia muita gente fazendo.

Para serem importados, os aparelhos que tivessem qualquer parte informatizada, dependiam da autorização de um órgão criado pelo governo que averiguava se havia no Brasil alguém fabricando coisa parecida. Este órgão era quem aprovava projetos para a fabricação de aparelhos que eram trazidos, copiados e homologados como se tivessem sido produzidos a partir

de pesquisa e tecnologia brasileiras. Quem tivesse conhecimentos no órgão e um bom produto para copiar, tinha o mapa da mina. O fato do aparelho ser fabricado aqui, automaticamente tirava os importados da jogada, tornando-o único no mercado, o que permitia a sua comercialização a preços muitas vezes mais alto do que os do mercado internacional. Depois de instalada a Nova República e do primeiro plano que abolia a inflação por decreto, alguns partidários de seu Guilherme tomaram a direção de tal órgão. Ao conversar com esses amigos, que aliás lhe deviam alguns favores, trocava idéias sobre o que seria bom para seu filho que contava com tantos títulos e diplomas. Queriam entrar neste filão e ganhar dinheiro a rodo. O pessoal do órgão afirmava que era preciso um aparelho que não fosse corriqueiro como os computadores de pequeno porte, que começavam a saturar o mercado.

Enquanto usava de todos os recursos para melhorar a maquilagem e embelezar os cabelos, Eudócia tentava pôr toda sua atenção nesses planos. Também ela delirava com a possibilidade de ganhar milhares de dólares! No entanto, quando a campanha soou, o sangue fugiu-lhe das faces, indo provocar um surdo latejar no abdome. Correu para a porta e não conseguiu disfarçar a decepção ao ver Teófilo e Jacira. Mas tão logo eles se acomodaram em seus lugares costumeiros, a campanha soou novamente e desta vez era Paulo vestido num alinhadíssimo traje esporte cinza. Quando seus endiabrados olhos verdíssimos pousaram nela e a seguir seus lábios roçaram-lhe as faces, Eudócia teve de segurar firme nas mãos dele para não desfalecer. No entanto, com o correr da noite, Paulo foi percebendo que Eudócia continuava arisca às suas insinuações de almoço no dia seguinte ou o dia em que ela pudesse. Sem o menor interesse no assunto dos homens, Paulo olhava-os com fastio e investia no convite para o almoço. Sua expressão não deixava dúvidas quanto às intenções.

Apesar de estar louca por ele, Eudócia não podia aceitar o amor da forma que suas amigas descreviam e que lhe provocava riso. Era preciso uma seqüência de cenas que desembocassem no amor e não ter duas horas de almoço onde era preciso despir-se às pressas e resfolar em busca de prazer. Com essa idéia fixa em sua mente, ela conseguiu se safar por toda a noite e quando se despediram no portão, pediu licença para entrar. Desculpou-se com a possibilidade de uma das crianças a estar chamando e deixou Nelson terminando as despedidas. Sem chance para a última tentativa, Paulo prometeu a Nelson que voltaria outras noites. Mesmo sem ser capaz de repetir uma única palavra do que os homens haviam dito, afirmou estar encantado com o negócio que planejavam.

Nas noites seguintes, enquanto bolavam o tal aparelho que os faria enriquecer, Eudócia parecia ver uma mancha acinzentada que se esfumava e que era a figura de Paulo em seu elegantíssimo traje. Ela sentia-lhe a falta como se tivesse perdido um ente querido, mas não tinha coragem de mencionar sequer o seu nome. Era como se o simples fato de fazê-lo pudesse demonstrar todo o alvoroço de suas entranhas. Na tentativa de tirá-lo da cabeça, acabou pensando nele como jamais imaginou que se pudesse pensar em alguém, pressentindo-o onde não estava, desejando-o onde não podia estar, acordando de súbito com a sensação física de que ele a contemplava na escuridão enquanto ela dormia.

Numa noite em que aquela ausência se tornou demasiadamente dolorida, ela sentiu um

ódio feroz pelos homens sentados em frente à "Pesca Milagrosa" e odiou mais ainda aquela conversa que até então não tinha resultado em nenhum plano prático que os fizesse trabalhar e muito menos ganhar dinheiro! Cheia de ódio, enquanto trocava os cinzeiros sujos por limpos e reenchia o balde de gelo, comentou que os americanos estavam forçando a derrubada da reserva de mercado e que, se isso ocorresse, seus planos iriam por água abaixo antes mesmo de se tornarem realidade! Com o olhar que se parecia tremendamente com o das figuras do quadro, eles a fitaram estarecidos. Assustaram-se que ela pudesse estar a par de tais assuntos! Mas continuaram a conversa, confiantes de que tal idéia não passasse de disparates de jornalistas. Por seus conhecimentos no órgão, sabiam que o pessoal de lá nem cogitava a possibilidade da reserva de mercado sofrer qualquer arranhão. Seus diretores eram xenófobos e suas metas eram: exercer o poder, se encher de ganhar dinheiro e ferrar os gringos.

Eudócia, que nunca vira o marido fazer mais do que freqüentar a estatal, jamais imaginou que daquelas conversas entediadas pudesse sair algum plano prático que os fizesse trabalhar de verdade. E, a cada noite, enquanto passava os pontos de uma agulha para outra, perguntava-se quando criaria coragem para ela mesma telefonar a Paulo convidando-o para visitá-los novamente.

Capítulo X

Que explica como Eudócia começou a ver "A Pesca Milagrosa" com outros olhos

Às vésperas de seu Guilherme atinar com a engenhoca que os faria enriquecer, Eudócia vislumbrou "A Pesca Milagrosa" com outros olhos. Após tantos anos morando na mesma casa e conhecendo o quadro desde que conhecera seu Guilherme, naquela noite, com os cinzeiros sujos nas mãos, prestes a ir para a cozinha renovar o gelo do balde, por uma razão qualquer, voltou-se e deparou-se com um quadro que não parecia ter visto anteriormente. Foi como estar diante de um precipício e sentir-se seduzida por ele. Atrás da cena, a paisagem flamenga ia tão fundo que acabava em geleiras ampliando sua própria sala, e as figuras, que sempre se mostraram a ela como instantâneos de personagens bíblicos, apresentavam-se como seres que não representavam apenas a lenda, mas pareciam possuir um talento diabólico capaz de revelar uma alma. Cristo, caminhando sobre as águas e estendendo a mão a Pedro prestes a sucumbir por sua pouca fé, tornava confusa sua aparência um lado abominável e outro divina. Iria realmente estender a mão a Pedro, ou simplesmente tinha o dedo em riste, demonstrando-lhe sua autoridade? Fascinada, Eudócia reparou-lhe a vitalidade doentia dos duros olhos amarelos. Seria Cristo um endemoninhado que não fazia mais do que ensandecer seus homens? Ela, que era tão encantada com a ação ininterrupta dos filmes, sentiu-se paralisada pelo irresistível poder daquele quadro. Ainda com os cinzeiros nas mãos reparou que os homens ao redor da mesa paravam de fazer o que estavam fazendo e a olharam todos ao mesmo tempo. Deparou-se então com quatro pares de olhos tão glaciais como os que via na cara dos apóstolos do quadro. Talvez por força daquela convivência com o próprio quadro, eles começavam a se parecer com as figuras desnorteadas acima das suas cabeças. Como os apóstolos que se esfalfavam em remar tentando puxar do lago uma rede cheia de peixes, os homens ao redor da mesa também punham empenho em atrair para si uma rede gorda. Será que conseguiriam? Fixando o olhar no esforço desatinado dos apóstolos, ela perguntou-se qual deles seria Paulo e imediatamente o mesmo poder irresistível que a paralisara, obrigou-a a se precipitar para a cozinha levando os cinzeiros sujos, alucinada pela falta que aquele homem lhe fazia. Há dias que sequer ouvia mencionarem-lhe o nome, e sua imaginação o buscava por todos os cantos. Para não enveredar por caminhos de desejo desatinado, ao retornar à sala com os cinzeiros limpos e o balde cheio de gelo, concentrou-se na conversa dos homens.

Seu Guilherme estava realmente empenhado em fazer com que o filho, associado a Antônio e Teófilo e com o beneplácito do Estado, conseguisse enriquecer rapidamente. Acreditava que para viver bem tinham o suficiente, mas era preciso deixar ao neto não só umas poucas propriedades, mas uma firma sólida para que seu próprio nome seguisse e se imortalizasse. Eudócia via os olhos amarelos do sogro brilharem e suas suíças e bigodes se alvoreçarem ao imaginar Guilherme Júnior como diretor presidente de uma grande empresa. Ouvindo o sogro, ela conjecturava se o filho teria a capacidade esperada e a disposição necessária. Mas este detalhe ainda estava longe de ser a verdadeira preocupação. Passando a

mão pelos bigodes numa tentativa de assentá-los, com os olhos mais amarelos do que nunca, seu Guilherme antegozava o império que a princípio seria seu e só muito mais tarde chegaria ao neto. Embora seguisse aquele assunto com mais interesse do que seguia a novela das oito, Eudócia já estava cansada de, noite após noite, ouvi-los construindo castelos em cima de cada possível projeto, sem pôr em prática coisa alguma. Mais uma vez ouviu seu Guilherme, com seu realismo, profetizar que não haviam se deparado ainda com uma idéia suficientemente boa para criar o império que sonhavam, mas em breve ela despontaria.

Eudócia voltou à sala de visitas e observou as laçadas que Jacira dava nos fios enquanto ouvia os problemas com jóias e peças de arte que Marlene citava. Ofereceu-lhes mais um licor de anis e já ia retomar o tricô quando souu a campainha. Com um ligeiro tremor, ela correu abrir a porta e, ao vislumbrar Paulo, sentiu que o sangue lhe fugia das faces e as pernas fraquejavam. Como ele estivesse empenhado em disfarçar a própria ansiedade, não reparou-lhe o tumulto interior. Passados os primeiros tremores, ela convidou-o a entrar. Ele encontrou os homens excitadíssimos, envoltos em planos que já conhecia e, apesar de não acreditar que Nelson ou Antônio tivessem capacidade de criar o império de que falavam, animou-se com a idéia. Incentivou-os a criarem seu próprio negócio, embora não fosse conveniente largar as incontáveis regalias dos que trabalhavam para o Estado. Quando Eudócia ofereceu, ele aceitou um licor de anis que era o que ela estava bebendo e foi sentar-se com as mulheres. Percebendo-lhes o interesse por aquele projeto totalmente imaginário, Paulo explicou-lhes que o órgão federal que lhes daria proteção já havia enriquecido muita gente e se eles realmente conseguissem um aparelho necessário à indústria, teriam o mapa da mina. Continuou falando até se dar conta que as mulheres perdiam o interesse. Com um profundo suspiro percebeu que não estava ali para erguer castelos de enriquecimento alheio. Dera-se ao trabalho de retornar àquela casa por Eudócia. Acostumado a levar para a cama as mulheres mais sedutoras do mundo, angustiava-se vendo-a tratá-lo muito bem, mas sem jamais demonstrar que entendia suas segundas, terceiras e quartas intenções. E tanto foi que, apesar de todo o seu empenho em interessar-se pelo projeto deles, Paulo não conseguiu que Eudócia aceitasse seu convite para almoçar no dia seguinte. Aquela atitude dela o desconsertava de tal forma que ele voltou para a casa abatidíssimo, jurando tirá-la da cabeça e nunca mais visitá-la.

Eudócia se perturbava profundamente com o calor de homem que Paulo exalava, envaidecia-se com seu desejo por ela, mas o esquema de almoço no motel não a seduzia. Ouvira tantas vezes as narrativas de suas amigas em aventuras com amantes, e imaginara cenas tão grotescas que não podia deixar de visualizar Paulo sobre ela nu e resfolegante. Se aceitasse o convite, na hora em que a cena imaginada começasse a rolar, tinha receio de ter um acesso de riso e pôr tudo a perder. Quando assistia a bons filmes, enternecia-se muito mais vivendo por procuração os amores da tela do que supunha poder viver na hora do almoço num motel. Nos filmes, as cenas de amor que lhe arrancavam lágrimas e lhe davam leveza à vida eram precedidas por situações capazes de criar uma expectativa, fazendo do amor um estado de graça. O amor a sangue-frio na hora do almoço num motel só poderia fazer parte dos roteiros "nonsense" que exibiam o lado obscuro de um realismo cruel.

Muitos filmes mostravam que os amores extraconjugais, pelo simples fato de serem ilícitos, se tornavam mais excitantes. Antes de conhecer Paulo, Eudócia jamais se preocupou em selecionar as relações lícitas ou ilícitas dos filmes, contentava-se com os atos de amor, especialmente os que não vinham carregados de sentimento de culpa. Depois que a figura de Paulo passou a atormentá-la, vivia com a idéia de que talvez o sentimento de culpa incrementasse o amor. Quantos processos da Inquisição versavam sobre obscenidades inimagináveis executadas por freirinhas que haviam feito voto de castidade! Apesar de suas restrições ao motel na hora do almoço, todos os delírios e fantasias sexuais de Eudócia acabavam por desaguar na figura de Paulo. Em tudo o que fazia arranjava um motivo para evocá-lo e, cada vez que ouvia seu nome, sentia um calafrio de medo que alguém pudesse descobrir-lhe aquele segredo. No fundo do seu coração, crescia a esperança de que ele tivesse suficiente imaginação para criar uma situação que não fosse ir a sangue-frio para um motel na hora do almoço.

Capítulo XI

Que conta como foi a descoberta da máquina ideal

Com muita nitidez, Eudócia se lembrava do dia em que seu Guilherme chegou mais cedo para o jantar com um imenso calhamaço em baixo do braço e os olhos cor de mel mais amarelados e luminosos do que de costume. Aflito na ansiedade de esperar Nelson, foi contando a ela que seus amigos do órgão federal lhe haviam fornecido um projeto que ia ser aprovado pela antiga diretoria, e que poderia ser aproveitado por eles. Era a idéia genial com a qual ainda não haviam atinado!, ele repetia com os olhos iluminados. Se conseguissem fabricar aquela máquina operada por computador, cujo projeto especificava cada detalhe, ficariam milionários!

Eudócia não entendia as especificações técnicas, mas o sogro estava tão excitado que foi lhe mostrando as páginas cheias de desenhos, dizendo que havia uma firmeca de fundo de quintal com a pretensão de fabricar aquela máquina sofisticadíssima. Por mais de dez anos, a tal firmeca havia sido a representante da empresa americana. Durante esse tempo haviam aberto um mercado fabuloso no Brasil. Fizeram um trabalho tão bem feito que as fábricas que se prezassem e quisessem competir em exportação, tinham de ter uma daquelas máquinas operadas por computador para controlar a qualidade de seus produtos. O projeto era tecnicamente perfeito. Mas o pessoal do órgão não era bobo e sabia que a firmeca não seria mais do que testa-de-ferro para que os gringos fabricassem pequenas partes aqui e trouxessem o grosso do equipamento do seu país. Não se podia crer que uma firmeca de fundo de quintal fosse capaz de construir um equipamento tão complicado. E mais, por que a tal firmeca e não eles? Afinal possuíam tantos títulos e diplomas que não iriam precisar absolutamente dos gringos para copiar a tecnologia! O melhor de tudo era contarem com o apoio amplo e irrestrito do órgão governamental onde seu Guilherme possuía amigos. Havia também a evidência da firmeca ter falhado no principal. Seus diretores sequer mencionaram a parte das comissões que caberia ao pessoal do órgão! Seu Guilherme levantou muito as sobrancelhas para afirmar que eles não se mostrariam mesquinhos. A primeira coisa a ser tratada seria a divisão dos lucros! Encantada com tudo aquilo, Eudócia repetia a pergunta: por que uma firmeca de fundo de quintal e não eles?

Quando Nelson chegou, antes mesmo de dizer boa-noite, o pai já foi lhe mostrando o calhamaço e explicando os detalhes. Jantaram excitadíssimos. Com os olhos cheios de faíscas incandescentes, seu Guilherme partia o pão e dizia terem finalmente descoberto o mapa da mina! O pessoal da tal firmeca era bom mesmo! Por incrível que pudesse parecer, no nosso país, queriam vencer pelo caminho mais difícil! Apresentaram um projeto tecnológico perfeito, sem esquecer um só detalhe! Técnica perfeita jamais levantaria as portas do órgão. Mas iria lhes facilitar tremendamente a vida. Contagiado pela euforia do pai, Nelson abriu uma garrafa de vinho e fez questão que todos bebessem. Conversou com as crianças e, por conta do empreendimento, prometeu férias muito boas para o próximo verão.

Naquela noite, entre golinhos de uísque e explicações do seu Guilherme, Antônio e Teófilo tomaram conhecimento do projeto e se encantaram. Examinaram detidamente o projeto e foram unânimes em afirmar que, com todas aquelas explicações, tinham capacidade de sobra para construir a máquina. Afinal não era nada além de uma ferramenta sofisticada, comandada por computador. No dia seguinte, tirariam cópias das especificações técnicas, alugariam um local e começariam os trâmites para abrir uma firma. Mandariam fazer cada parte da máquina numa oficina, comprariam os componentes eletrônicos e montariam o protótipo. Talvez

tivessem algum problema em adaptar um computador nacional e escrever o programa para que comandasse a máquina. Mas Nelson e Antônio eram peritos em programar computadores. A aprovação pelo órgão já estava garantida, pois a firmeca, além de fornecer o calhamaço tecnológico, não se preocupou com os contatos, nem em compartilhar uma ínfima parte dos lucros. Tão logo eles obtivessem a reserva de mercado, ninguém mais conseguiria licença de importação. No embalo do entusiasmo, seu Guilherme lembrou-os que dentro de quatro meses ocorreria uma feira de mecânica e seria ótimo se tivessem o protótipo da máquina funcionando. A apresentação da nova firma iria ser em grande estilo. Tinham de escolher um nome sugestivo. Seria conveniente que fosse bem brasileiro para não deixar dúvidas de que a pesquisa e desenvolvimento tecnológicos fossem nossos.

Diante do entusiasmo dos homens, os olhos de Eudócia esbarraram nas figuras do quadro da parede. Depois de ter se sentido tremendamente seduzida por ele, lembrou a lenda dos tempos de suas aulas de catecismo. No barco, dois dos apóstolos remavam e quatro puxavam a rede. Cristo, sobre as águas, estava estático num gesto de quem daria a mão a Pedro que, fora do barco, principiava a afundar por ser um homem de pouca fé. Na lenda, Cristo não deixaria Pedro afundar e acalmaria os ventos e as ondas para que o barco chegasse à margem com uma rede transbordando de peixes. No quadro, por sua expressão cheia de uma ambigüidade divino-demoníaca, não se poderia ter certeza se Cristo os salvaria ou os entregaria à fúria dos ventos. Eudócia estava envolvida com estes pensamentos, quando o soar da campainha fez com que sentisse um abalo percorrer-lhe a medula dos ossos. Segurando o coração para não lhe sair pela boca, foi atender.

Apesar de ter jurado um cem número de vezes que não voltaria a pôr os pés naquela casa, era Paulo quem estava do lado de fora da porta. Com os lábios lívidos de susto, Eudócia se deparou com os endiabrados olhos verdes e um ramo de rosas vermelhas que ele segurava na altura do peito. Ao sentir seus lábios quentes roçando-lhe a face, a fim de disfarçar o aturdimento, ela se pôs a falar sobre o plano dos homens antes mesmo de convidá-lo para entrar. Por fim, tomou o ramo de rosas de suas mãos e conduziu-o para a sala. Ofereceu-lhe uma bebida. Ele preferiu o licor de anis e emborcou-o de uma golada. Precisava de um certo aturdimento para pensar na própria sorte sem demasiada lucidez.

Ela foi colocar as rosas num vaso e ele entrou na sala de jantar. Tão logo inteirou-se do assunto dos homens, para não deixar transparecer a comoção íntima, manipulou o projeto e deixou-se envolver na excitação geral, achando a idéia magnífica. Ao perceber que a própria comoção estava sob controle e que ninguém repararia seu assédio sobre Eudócia, sentou-se ao seu lado. Mirou-lhe os olhos que naquela noite lhe pareceram mais negros e aveludados do que nunca. Segurou-lhe o braço e, com a voz trôpega, balbuciou sua necessidade de encontrá-la. Era tamanho o alvoroço de Eudócia só de pensar naquele império que construiriam e nos milhões de dólares que teria para gastar em todas as futilidades que sonhasse, que aceitou o convite. Marcou a hora e o motel onde se encontrariam, sem perceber que o sangue fugia dos lábios dele. Os dois tentaram prestar atenção na conversa, mas nenhum dos dois conseguiu concentração suficiente.

Antes de se despedir, muito discretamente, Paulo comentou com Eudócia que ainda não acreditava que Nelson e Antônio, cujo trabalho na estatal ele conhecia tão bem, tivessem capacidade para montar o tal império que descreviam. Eudócia estava tão maravilhada com a idéia que jamais imaginou que, como as receitas culinárias, as altas tecnologias também possuíssem manhas e, sem que as decifrassem, não havia receita que desse completamente

certo. Também não foi capaz de prever que a tal manha seria responsável pelo estado de descalabro a que Nelson chegaria sem conseguir fazer nada além de dar voltas e mais voltas ao redor da mesa do escritório. Mas, como justificativa por não ter ido ao encontro com Paulo, usou o fato dele desacreditar a capacidade de trabalho de Nelson.

Capítulo XII

Que narra como Eudócia falhou com sua palavra

No dia seguinte, Nelson demonstrou a Eudócia uma disposição para o trabalho e o empreendimento até então desconhecida. Acostumada a agarrar-se aos últimos fios do sono enquanto o marido resmungava para encontrar os chinelos, buscando o caminho até o banheiro aos tropeços e dando topadas devastadoras, praguejando por não poder acender a luz, naquela manhã nem percebeu-lhe o levantar. Despertou com o ar impregnado de água de colônia que se desprendia do banheiro aberto e deparou-se com o marido já banhado e barbeado, terminando de vestir-se para sair. Eudócia deu um pulo da cama, lavou o rosto às pressas e acompanhou-o no café da manhã. Enquanto tomavam café, ele mencionou a necessidade de tirar várias cópias do projeto tecnológico. Esperava que a copiadora da estatal não estivesse enguiçada. Iria mais cedo porque seu Guilherme ia almoçar com ele, e precisava das cópias prontas para que ele pudesse devolver o projeto.

A pedido do marido, Eudócia foi até a sala de jantar buscar o calhamaço que continha o projeto e, na calada da manhã, observou a figura de Cristo. Mais do que nunca, sua mão levantada mostrava-se com o dedo em riste a recriminar Pedro por sua pouca fé. Atormentada pela sonolência do recém despertar, pensou que ela mesma não deveria ter pouca fé. Talvez ao marido faltasse oportunidade para desempenhar suas aptidões. Saiu da sala, entregou-lhe o projeto e acompanhou-o até a porta. Beijou-o cheia de carinho. Observando-o mais elegante do que de costume, sentiu-se humilhada. Olhou suas roupas de dormir desmazeladas e voltou para a cama, não sem antes pegar o jornal. Obrigou-se a não adormecer enquanto lia a primeira linha do editorial, como fazia todas as manhãs. Conjeturou que precisava ao menos conhecer a política do governo na área em que enveredavam. Afinal iriam ficar milionários e, um dia, seu filho seria o presidente daquele império!

Estava entretida no editorial quando, com um sobressalto, ocorreu-lhe que na noite anterior havia combinado almoçar com Paulo. Tentou pegar no sono novamente o que naquela hora postergar-lhe-ia o problema, mas a idéia do encontro a pôs desperta. Na noite anterior, uma força mágica fez com que aceitasse o convite, mas ali na cama imaginava sua entrada no motel na hora do almoço e todo o encanto se esvaía. A ruminante dúvida se ia ou não ao encontro deixou-a num tal estado de perturbação, que até a hora do almoço andou pela casa como se tivesse infinitas coisas para fazer, mas na realidade não fazia coisa alguma. Pegava um objeto com a intenção de limpá-lo e ia para o telefone a fim de dar uma desculpa a Paulo. Discava o número e desligava em seguida, esquecendo-se do que iria fazer se não telefonasse. Resolveu arrumar o guarda-roupas, mas não fez mais do que ficar olhando as roupas penduradas sem saber por onde começar. De repente, lembrou-se da frase de Paulo onde mencionara não acreditar que Nelson ou Antônio fossem capazes de gerar aquele império com que sonhavam. Imediatamente a imagem de Cristo com dedo em riste ralhando com Pedro de pouca fé veio-lhe à mente. Apesar de no fundo ter a mesma opinião sobre a capacidade de trabalho do marido, sabia que para se criar um império baseado nos beneplácitos do Estado, trabalho e competência eram os últimos requisitos. De qualquer forma, encheu-se de ódio por Paulo que se intrometia em sua vida particular e transferiu a aversão que sentia por ir ao motel a sangue-frio na hora do almoço para sua pessoa.

Assim foi, até que passou a hora combinada sem que ela fizesse coisa alguma.

Tampouco atinou que sem nenhum aviso contrário, e sem sequer suspeitar que, naquele instante, ela o odiava por ele ter mencionado a ineficiência de Nelson, Paulo a esperava no local combinado. Jamais dissera nem mesmo a seus melhores amigos, que com sua fama de lendário conquistador, tivera de passar pela humilhação de almoçar sozinho num quarto de motel. Enquanto mastigava e engolia, ruminando a frustração com a comida, mais uma vez jurou que iria desentranhar Eudócia de sua vida, nem que precisasse dos recursos mais extremos. Ele, tão orgulhoso de observar as metamorfoses dos elementos enquanto se combinavam na sua fórmula secreta, sentia o próprio sangue adensando-se nas veias, sem saber o que fazer para impedi-lo. Enquanto isto, ela continuava andando pela casa parecendo cheia de afazeres e sem na realidade fazer coisa alguma, atormentada pelo calor que aumentava e pelo arrependimento de não ter cumprido a promessa de ir ao encontro. Por fim ligou o ventilador e caiu sentada numa poltrona, perdida em conjecturas sombrias, deixando que as cruces do seu coração girassem como as pás do ventilador. Sem acreditar que houvesse um telefonema capaz de redimi-la, entregou-se ao irremediável calor da tarde.

Capítulo XIII

Que trata da euforia com os planos para a criação do império

Eudócia ainda fixava os olhos nas pás do ventilador sem enxergá-las, quando Nelson chegou na hora do jantar e buzinou para que fossem ajudá-lo com a papelada que trazia. Eudócia levantou-se como um autômato e foi, mas só teve tempo de ver as empregadas colocando as várias cópias do projeto tecnológico na sala de jantar. Sem notar-lhe o aturdimento, Nelson e seu Guilherme entraram excitadíssimos. Num esforço extremo para tirar Paulo da cabeça, Eudócia interessou-se pela euforia deles e, embora ela mesma bem no fundo não acreditasse na capacidade do marido, regozijou-se por não ter ido ao encontro de Paulo, o que poderia ter-lhe aumentado a pouca fé. Serviu um aperitivo e, enquanto brindavam, convenceu-se de que o que fazia falta a seu homem era que ela o instigasse a enfrentar o mundo. Sua capacidade de trabalho era o que menos contava, desde que tivesse as regalias do Estado. Enquanto jantavam e imaginavam tudo o que poderiam fazer quando ficassem milionários, ela comprometeu-se consigo mesma a fazer seu homem ter motivos para criar o tal império.

Teófilo, o primeiro a chegar naquela noite, tinha muitas novidades. Por ser o que trabalhava numa multinacional e ter um desejo imenso de poder sair dela honradamente indo trabalhar para si, foi o que se interessou de verdade. Passara a tarde anotando os fornecedores de peças e componentes eletrônicos que precisariam para construir a máquina. Faltava-lhes o nome com que batizariam a firma, e ele sugeriu que já havendo um réptil e uma fruta famosos nesta área, poderiam pensar numa ave, o uirapuru, o mais brasileiro dos pássaros. Além do mais, quando cantava fazia com que os outros se calassem para ouvi-lo. Poderiam usar a idéia na propaganda. Quando suas máquinas entrassem no mercado, as outras se calariam! Seu Guilherme ponderou que era um nome que soava bem no Brasil, mas se resolvessem exportar, era um nome impronunciável para estrangeiros, com a possibilidade de virar motivo de chacota. Antônio sugeriu o nome de flamingo, que além de ser um pássaro que vivia nas costas atlânticas tropicais até o estuário do Amazonas, era uma ave conhecida e apreciada mundialmente. Apesar de Teófilo protestar, querendo um nome de ave exclusivamente brasileira, com o correr da noite, acabou sendo aprovado o nome Flamingo.

Seu Guilherme tinha outras novidades. Descobrira que a empresa americana não dependia exclusivamente da firmeca, possuía também um funcionário instalado no Brasil para dar acessoria nas vendas. Mesmo com tudo isto, seu amigo do órgão orientara-o a fazer uma consulta diretamente na matriz americana. Afirmariam não ter conhecimento do representante no Brasil e solicitariam uma visita à empresa americana a fim de decidir sobre uma grande compra para uma estatal brasileira. E, quem fosse, traria todos os catálogos e informações possíveis.

Naquela noite, ficou decidido que iriam Nelson e Teófilo e, por estar próximo o fim do ano, Eudócia e Jacira iriam para as compras de Natal. Poderiam gastar por conta do império maravilhoso que se propunham a criar. Eudócia ficou tão radiante que baniu do pensamento as conjecturas e aflições do dia. Quando o grupo se foi, ela entrou na sala de jantar para recolher os copos e cinzeiros sujos e deparou-se com as figuras iluminadas do quadro. Com o olhar insolente, Cristo ralhava com o homem que ele próprio ensandecera naquela sua demonstração que desafiava todas as leis da física. Parado sobre as águas, ele olhava com desdém aos que esperavam a salvação. Sentando-se por um instante, ela contemplou a paisagem. Apesar da

lenda dizer que o barco enfrentara vento forte e ondas grandes, ali no quadro ele se assentava nas águas como se o fizesse sobre uma planície. Pela primeira vez ocorreu a Eudócia que os funcionários do órgão movimentavam-se num brigue flibusteiro assentado sobre um calmo planalto. Deixando os olhos ultrapassarem a paisagem do quadro, via velas brancas abertas enfrentando o labiríntico oceano e conquistando tesouros com uma facilidade incrível. Quando Nelson a chamou, emborcou rapidamente um cálice de licor de anis, recolheu os copos e dirigiu-se ao quarto, retomando a intenção de fazer do seu homem um grande empresário. Talvez fosse preciso tornar-se mais exigente, ter necessidade de coisas mais caras, para que ele enfrentasse o mundo por ela.

Num daqueles dias de excitação com a nova empresa, houve uma noite em que Eudócia despertou sobressaltada. Como um fantasma, Nelson a olhava na escuridão com cobiçosos olhos de cão que lhe saltavam das órbitas e que ela julgou cheios de ódio. Ficou mais alucinada ao perceber que não se tratava de sonho nem de fantasia. Nelson estava acordado e, na escuridão do quarto, a consumia com o olhar alucinado dos seus duros olhos amarelo-fosforecentes. Com um arrepio gelado, ela deu um salto na cama. Nelson então fingiu que era ele quem acordava com o escândalo dela, e que ela se assustava porque devia ter sonhado. Eudócia foi para o banheiro lavar o suor frio da testa e molhar os pulsos, atrapalhada com as palavras dele, sem saber onde terminava a realidade e onde começava o sonho. Horas depois, antes que o sono outra vez a pegasse, atribuiu tudo aquilo a seus estados pré-menstruais onde cada vez mais acreditava nos poderes sobrenaturais das mudanças químicas. A euforia que se seguiu na organização do império e os preparativos da viagem fizeram com que não desse importância àquele fato e jamais pensasse nele até o dia em que ficou sabendo das prevaricações do marido e vasculhou a vida em busca de um momento marcante. A noite em questão seguiu-se ao dia em que Nelson pela primeira vez despiu Arlete, e Eudócia na hora não foi capaz de atinar com sua importância.

Capítulo XIV

Que trata de como na busca de dados para o projeto, Eudócia e Marlene descobriram o delírio de fazer compras em Nova York

O fato da viagem ter superado toda e qualquer expectativa otimista, fortaleceu ainda mais os alicerces daquela sociedade maravilhosa. A animação foi tanta que Nelson mandou enquadrar os muitos e variados diplomas que obtivera com qualificações ótimas em diferentes escolas do mundo e pendurou-os no "hall" de entrada de sua casa, com o propósito de mudá-los para o novo escritório da Flamingo tão logo o concretizassem. A única mudança nos planos foi que Teófilo não pôde ir. De qualquer forma, para ele aquela viagem teria sido desgastante por estar com os gringos pelo pescoço. Era da opinião que viajar só era agradável para a Europa, onde se respirava história e civilização. Em seu lugar foi Antônio, e tiveram boas razões para essa mudança. Nelson e Antônio, em poucos dias, mesmo sem a menor utilidade prática, conseguiram criar entre seus superiores interesse pela compra de uma das máquinas que se propunham a fabricar. De modo que foi conseguida a viagem com tudo pago pela estatal. Assim que puseram os pés na primeira classe do avião, começaram a sentir a delícia de bons tratos com contas pagas nem se sabia de ciência por quem.

Foi no licor com cafezinho servido antes do filme, que Eudócia e Marlene começaram a ficar mais amigas do que já eram. Uma turbulência pega pela nave fez com que sentissem uma espuma gelada percorrer-lhes as tripas e agarraram a mão uma da outra. Os olhos azuis de Marlene tornaram-se pálidos e sua estatura esbelta contraiu-se. O mau tempo durou pouco e, logo que a nave se estabilizou, as duas trocaram confidências. Marlene disse ter percebido o assédio de Paulo sobre Eudócia e confessou que se fosse com ela já teria sucumbido. Afinal era o homem mais charmoso que conhecia! Eudócia disfarçou o rubor do seu desejo provocando uma tossinha seca. Desde a tarde em que não comparecera ao encontro, sofria a amargura de sua falta. Após afirmar que também o achava muito insinuante, mudou de assunto, mencionando o que compraria em Nova York. Ao falar sobre compras, perceberam haver bolado a mesma organização de anotá-las numa cadernetinha. Enquanto uma lia a lista, a outra ia se lembrando das coisas que esquecera. Até que as luzes se apagassem, acabaram duplicando as anotações.

Ao começar o filme, Eudócia delirou por ser um enredo romântico. Seguindo o roteiro, conseguiu agrupar os fatos do seu relacionamento com Paulo dando a eles um certo sentido. Tinha de admitir que havia alguma coisa mágica entre eles. Arrependeu-se por não lhe ter dado um telefonema, e odiou-o por tampouco ele ter-lhe telefonado para saber se não lhe acontecera alguma desgraça impossibilitando-a de ir ao encontro. O que ela não imaginava é que, através de Nelson, ele sabia cada passo de sua vida e que naquela hora ela estava pelos ares, rumo a Nova York. Ao terminar o filme, dormiram tranquilamente, embalados pela vodka russa, vinho alemão e champanhe francês. Ao despertar, Eudócia olhou pela janela e foi tomada pela excitação de ver as coisas como Deus as via. Na alba da manhã, o mundo lá em baixo pareceu-lhe recém inventado.

Desembarcaram, se instalaram num dos bons hotéis de Nova York e, enquanto os maridos saíram rumo ao escritório da empresa, as duas foram tomar pé no comércio. Ao entrar num dos grandes magazines, Eudócia vislumbrou uma ordem de beleza, um luxo, um perfume inebriante e uma luz atônita que parecia de outro mundo. Havia tudo o que a imaginação

pudesse criar e o que sequer cogitara. Abalada pela certeza da presença física de Deus, caminhou bem devagar, sem tocar em nada, só com o olhar atilado por toda a loja, até que lhe passou o encanto e ela caiu no delírio desenfreado das compras. Naquele dia, não só compraram presentes para os filhos e a família inteira como tiveram uma idéia fantástica, que ajudou Eudócia quando precisou de capital para mudar os rumos da própria vida. A euforia para comprar era tamanha que, por que não comprar muito mais do que já estavam fazendo e revender as coisas no Brasil? Ela e Marlene tiveram a idéia em uníssono. Estariam de volta pouco antes do Natal e seria só avisar as amigas ávidas por novidades. Rapidamente organizaram a sociedade. As regras eram fáceis, comprar acertadamente, revender com classe e muito lucro e repartir os ganhos. Era tão delicioso fazer compras naqueles magazines requintados que, com o dinheiro que apurassem nas vendas, poderiam retornar. Repetiriam a operação diversas vezes, ampliando ao infinito a felicidade das compras. Eudócia sentia-se renascer com aquele relâmpago de vida dentro da vida. Cuidava dos artigos que comprava com cuidados de noiva apaixonada. Marlene era de família rica e sempre fora requintada, o que a tornava ótima companhia pois tinha muito bom gosto e conhecia a boa qualidade das mercadorias. Naquela atividade delirante, Eudócia percebia não precisar das emoções dos filmes a fim de vivê-las por procuração, bastava-lhe ter dinheiro e a possibilidade de comprar.

Enquanto a sociedade das mulheres se organizava, Nelson e Antônio não tiveram dificuldades na visita à empresa. Divertiram-se muito ao narrar às mulheres a surpresa do departamento de vendas de lá ao saber que eles queriam comprar uma das maiores máquinas que fabricavam e não sabiam sobre seu representante no Brasil. Nelson e Antônio tiveram o cuidado de explicar que a compra toda dependia de verbas do governo brasileiro que, como todos sabiam, não andava nos melhores dias. Animados com a excitação dos homens da empresa americana diante da possibilidade de venderem um sistema dos maiores, fizeram uma visita completa, inclusive à área de fabricação. Selecionaram e trouxeram quantos catálogos e informações puderam. E, naquela altura da euforia, nem poderiam supor que, no meio de mais de cem quilos de catálogos técnicos, não houvesse uma única folha que desvendasse as manhas daquela tecnologia.

Capítulo XV

Que trata de como na esteira do delírio das compras houve o reencontro com Paulo

Como haviam previsto, na primeira semana após o retorno, Eudócia e Marlene venderam tudo o que trouxeram, e se houvessem trazido mais coisas, mais coisas teriam vendido. Algumas amigas ficaram chateadas por chegarem atrasadas e encontrarem quem foi mais cedo comprando as mercadorias que mais cobiçaram. Mas as duas anotaram as encomendas e prometeram para breve mais uma viagem. Não só os lucros eram animadores, como tanto Eudócia como Marlene tinham no sangue o delírio pelas compras. Jacira ficou enciumada e numa das noites em que tricotava na casa de Eudócia, desabafou. Havia perdido justo a viagem onde elas tiveram aquela idéia fantástica. As duas a tranquilizaram, tão logo passasse o fim do ano e as coisas se acalmassem, iriam de novo e Jacira iria junto. Que fosse juntando dinheiro! E para regozijo das três, chegaram a fazer várias viagens juntas. Não fosse por Teófilo, talvez tivessem continuado com a sociedade até o fim da vida.

Ao tomar conhecimento da viagem de Eudócia, Paulo acometeu-se de uma tristeza invencível e até se esqueceu da terrível ofensa dela não ter comparecido ao encontro, obrigando-o a almoçar sozinho no motel. Passava as noites se torturando com a possibilidade de ocorrer uma catástrofe com o avião ou que alguma coisa a obrigasse a não regressar. Assim que soube da chegada, exultou com a notícia de que as mulheres haviam trazido novidades para vender. Com a desculpa de ajudar nas vendas, contatou suas incontáveis amigas e levou uma delas à casa de Eudócia. Com isso reencontraram-se sem tocar na desfeita que ela lhe fizera.

Eudócia demonstrou tanta euforia em revê-lo que ele retornou para uma visita depois do jantar. Como ela o recebesse com os olhos brilhantes de carinho, achou-se no direito de mais uma investida. Ao ouvir o convite para motel na hora do almoço, ela se enfureceu. Como uma pantera ferida, desabafou que os atos de amor deviam ser precedidos de um clima romântico e propício e não irem a sangue-frio para um motel na hora do almoço. Surpreso com as palavras e a atitude dela, Paulo ficou embaçado. Jamais ouvira das mulheres com quem saía semelhante disparate. Afinal os motéis criavam um clima tão propício ao amor que ninguém se preocupava se era dia ou noite! De qualquer forma, já em casa, no meio da noite, analisando-lhe o destampatório, tomou suas palavras como uma promessa de amor. O desastrado era ele!

Marlene, que tantas confidências havia trocado com Eudócia, aconselhava-a a aceitar o convite de Paulo, afinal só se vive uma vez na vida e as boas oportunidades não ocorrem todos os dias! Eudócia sorria, mas não chegou a contar à amiga nem a ninguém por que não aceitava. Talvez nem ela mesma soubesse muito bem, e não poderia imaginar que aquele seu destampatório, instigado por uma raiva cega que a falta de imaginação para criar uma situação propícia estimulava, pudesse ser interpretada por ele como uma promessa de amor. O pior era que tudo contribuía para aumentar seu desejo por Paulo.

Entre ela e Nelson, ambos haviam encontrado um modo de viver juntos sem se atrapalhar. Viviam de trocar idéias quanto aos negócios, e ele acatava as opiniões dela, que tinha o firme propósito de instigá-lo a enfrentar o mundo sem desanimar. Com as coisas indo às mil maravilhas e a concretização dos planos de enriquecer cada vez mais próxima, no embalo da euforia, os dois sentiam um grande entendimento. Por toda sua vida de casado ele dera a ela o dinheiro da despesa, que ela administrava com rigor e ele sempre atendera com gosto a qualquer pedido para gastos imprevistos. Nunca lhe regateou um vintém, jamais lhe pediu contas. Ela é

que as prestava a si própria como se o fizesse perante o tribunal do Santo Ofício. E foi graças a essa severidade e a eficiência com que aplicou os lucros das viagens que, na hora em que decidiu tomar outro rumo na vida, teve com quê.

Nos primeiros tempos da sua paixão, Paulo pensava em Nelson como um marido bobo como tantos que conhecera, cujas mulheres faziam deles gato e sapato. Este fato fazia com que lhe nutrisse um vago sentimento de piedade. Quando o viu pela primeira vez na vida trabalhando e com todos aqueles planos que pareciam ir se concretizando, pensou que ele não era tão bobo quanto parecia, pelo contrário, um homem de firmeza e habilidades infinitas. A antiga piedade de Paulo foi se transformando numa aversão por um novo Nelson bem sucedido na vida. Acreditou que seu plano de tornar-se milionário era tremendamente eficaz na manutenção da fidelidade de Eudócia. Enternecido com o destampatório que havia interpretado como uma promessa de amor, resolveu preveni-la. Ao encontrar Eudócia, afirmou-lhe sem rodeios que ela voltava a se encantar pelo marido por confundir a posse de bens materiais com o amor. Com essa frase, ao invés de transmitir tudo o que, cheio de amor e carinho pensava sobre o assunto, atçou-lhe a raiva. Ela zombou de suas palavras afirmando que sempre acreditara no amor como um estado de graça que não fosse meio para nada, mas sim origem e fim em si mesmo. Jamais iria confundi-lo com a posse de bens materiais! Paulo sentiu-se aviltado com aquela confusão onde não fazia mais do que tentar confessar sua paixão e ela entendia tudo atrapalhado, sem sequer vislumbrar a carga de amor, incerteza e ciúme que ele trazia em si. Paulo se vingou mencionando que Nelson iria se transformar num homem muito rico, às custas de puxar o tapete do que todos denominavam "firmeca" e que era uma firma de gente honesta, de carne e ossos como eles, e que haviam trabalhado anos a fio para conquistar um mercado e iriam perder tudo para gente cujo único trunfo era a proteção do Estado. Por acaso ela já pensara nisto? Eudócia assustou-se que jamais tivesse pensado desta maneira. Mas tampouco se deteve pensando, afinal havia tantas coisas mirabolantes em que pensar, e aquilo talvez não passasse de mais uma das formas que ele encontrava para magoá-la. Foi depois de muito tempo, quando também ela se aventurava pelas cachorradas subterrâneas e puxava tapetes para seu próprio proveito, que se lembrou das palavras de Paulo. Aliás, muito tempo depois, foi ele quem bateu na sua porta, no meio da madrugada, para jogar-lhe na cara que, como o marido havia puxado o tapete da firmeca, ela repetia o gesto da mesma forma vergonhosa.

Capítulo XVI

Que explica como o ano-novo trouxe boas novas para a formação da Flamingo

Acalmada a euforia de vender os artigos da viagem, Eudócia voltou a cuidar dos filhos e a tricotar todas as noites com Jacira e Marlene. As três acompanhavam o delírio de seus homens construindo a máquina como se a recém inventassem. No afã de desvendar cada detalhe, seu Guilherme e Teófilo passaram muitas horas debruçados sobre o projeto técnico e notaram algumas falhas. Imediatamente seu Guilherme contatou seu amigo no órgão. Era exatamente o que precisavam para exigir que a firmeca retirasse o projeto a fim de corrigi-lo. Seu Guilherme esfregava as mãos e ria sozinho, não porque a firmeca fosse solucionar as falhas técnicas que até então existiam só no projeto. Sua euforia era porque tão logo a firmeca retirasse a sua papelada, o órgão teria o campo aberto para aprovar o projeto da Flamingo.

Com todas as possibilidades que aquele empreendimento catalisava, Eudócia viveu o melhor Natal de sua vida. Não só porque os planos mirabolantes avançavam dia-a-dia, mas também porque trouxera da viagem presentes que deixaram seus filhos e parentes deslumbrados. Terminada a comilança do Natal, os integrantes da Flamingo viajaram a fim de passar o ano-novo numa praia. Quando à meia-noite pularam as sete ondas em homenagem à deusa do mar e dos amantes, tinham em mente os mesmos pedidos. Que a máquina ficasse pronta e que eles enriquecessem rapidamente a fim de realizar os planos idealizados e os que sequer haviam sonhado.

Paulo também passou o ano-novo numa praia, mas bem longe deles. Pela primeira vez na vida seu desejo era ficar sozinho, num lugar bem sossegado. Há algum tempo sentia metamorfoses no próprio comportamento. Seu apetite diminuía. Suas noites transformavam-se em pesadelos. Brigava com os cobertores que ora lhe afogueavam e ele os chutava, ora faziam falta e ele os tinha de procurar. Perdia o sono e se intrigava. Já havia sido atraído por seios escapando de decotes, pernas cruzadas, olhos com cílios que batiam num ritmo diferente, mas jamais por alguém que parecia desdenhar do seu desejo. Não conhecia uma negativa de mulher, pelo contrário, precisava se desvencilhar das que o assediavam. Não podia aceitar o fato de que a indiferença de Eudócia estivesse diretamente ligada às suas entranhas. Das noites de insônia, se levantava disposto a nunca mais procurá-la, e fazer um programa com uma das tantas mulheres insinuantes que conhecia. Telefonava para qualquer uma e combinava o encontro, mas no meio da engalfinhação olhava a companheira e se deparava com os olhos negros de Eudócia a consumi-lo. A sensação agia sobre ele como um balde de água fria, o que requeria horas de novas carícias das parceiras para recuperá-lo. Acabou por pegar nojo das mulheres com quem saía e que desempenhavam prodigiosos malabarismos para satisfazê-lo. A conclusão a que chegava era que numa época em que as mulheres iam para a cama com qualquer um, a que não estivesse disposta a fazê-lo, agia sobre seus sentidos fazendo com que sua vida se resumisse a imaginá-la na cama com ele.

Próximo ao ano-novo, uma de suas amigas ensinara-lhe que Iemanjá vivia no mar e era a deusa protetora dos amores. À meia-noite do dia trinta e um, ele precisava jogar rosas brancas no mar, pular sete ondas e despejar uma garrafa de champanhe nas águas. Quanto mais fé e mais caro o champanhe, mais os favores da deusa cairiam sobre os amores em questão. Paulo empenhou-se com tal veemência em cumprir o sortilégio, e o fez de tão boa fé, que quando a

última gota de champanhe pingou da garrafa nas ondas do mar, sentiu que respirava melhor e que Eudócia iria com ele para a cama na próxima oportunidade. Mas errou, pois ao se reencontrarem, mais do que nunca, ela estava encantada por aquele marido que construía a máquina que seria exposta na feira da mecânica. E já estava se preparando pois, tão logo a feira terminasse, iria com Jacira e Marlene para outra viagem de compras em Nova York.

Os caderninhos onde anotavam as encomendas inchavam na mesma proporção que sua excitação pela viagem. Fariam mais compras do que podiam imaginar. Mas antes que isso acontecesse, tiveram a notícia tão esperada. O pessoal da firmeca, imbuído de boa fé, reconheceu as falhas técnicas e retirou o projeto para as devidas correções. No dia seguinte, seu Guilherme e Teófilo foram a Brasília dar entrada no projeto da Flamingo. Retornaram radiantes, era uma questão de dias e teriam a concessão da reserva de mercado que tirava definitivamente os gringos, a firmeca ou quem quer que fosse da jogada. Aquela máquina, que já estava quase pronta, era considerada tecnologia desenvolvida por eles! Junto à excitação pela próxima viagem, Eudócia compartilhava da euforia dos homens e, em sonhos, via o órgão como um brigue flibusteiro rasgando as vagas rugidoras e sobrepujando-se ao labiríntico oceano.

Capítulo XVII
Que narra como a Flamingo conseguiu a reserva de mercado e só Deus sabe o que foi empenhado

O dia em que o Diário Oficial publicou a concessão da reserva de mercado para a Flamingo, foi um dia comemorado com um jantar das arábias no melhor restaurante da cidade. Num ambiente de espelhos e miragens, Eudócia teve a oportunidade de conhecer a figura sacralizada, o grande amigo do sogro que trabalhava na tal secretaria especial. Era um homem com a musculatura pesada e a cabeça de prócer, que Eudócia julgou não passar de um banco de dados onde contabilizava os lucros com as trocas de favores. Por seu porte se parecer ao de Antônio, ela imaginou-o um conquistador. Embora Eudócia jamais tenha pensado naquele homem sem que o imaginasse um ocupante do brigue flibusteiro, via-o ali como um cavaleiro dos pampas, um homem endeusado pela posição junto ao Estado. Apesar do deslumbramento da noite, notou que não havia sido tão fácil conseguir a tal concessão como os homens alardearam. Só Deus e seu Guilherme sabiam o que já estava empenhado. Ela própria se sentia tão inebriada por aquela aventura e a possibilidade de enriquecer para valer que preferia parecer ignorante, incapaz de entender o quer que fosse, como uma delicada boneca de luxo que não quisesse que lhe enchessem a cabecinha com coisas enfadonhas. No entanto, sua mania de observar a realidade como se fossem cenas de filme, faziam-na ordenar os fatos numa cadência que fizesse sentido e, às vezes, captava olhares e atitudes só visíveis aos interessados.

Depois de degustadas as especialidades da casa, Eudócia sentiu o ar eletrizar-se ao redor da mesa. Era Teófilo que se levantava e começava a discursar. Animado pela bebida, teimava que a firmeca não passava de testa-de-ferro dos gringos, pois sequer tinham espaço físico para construir uma máquina daquele porte. Com seu nacionalismo radical a flor da pele, deu o soco no peito que lhe provocou uma tosse tísica, da qual logo se recompôs afirmando ser a Flamingo composta por brasileiros, e o que o órgão havia concedido era a permissão para que pudessem cada vez mais aprimorar a tecnologia brasileira. Aquela concessão era para o bem do Brasil e a felicidade dos brasileiros que acreditavam na própria capacidade de criação e de desenvolvimento tecnológico! Passado o primeiro impacto, as palavras de Teófilo se diluíram e a conversa foi retomada. O ar ao redor da mesa voltou a eletrizar-se, desta vez porque os olhos de seu Guilherme encontravam os do homem do órgão e não só agradeciam como imploravam que continuasse a ajuda. O homem do órgão, perito em decodificar mudas súplicas, compreendeu que a mensagem levava em pós-escrito a certeza de que, realizados os negócios, sua parte estava garantida. Enquanto mantinham o olhar, os dois inspiravam de maneira que era possível perceber o peito inchando e as asas dos seus narizes vibrando. Quase imperceptivelmente, o homem do órgão arqueou a sobancelha esquerda. Observando a cena, não era difícil adivinhar que para conseguir os beneplácitos da secretaria especial, seu Guilherme havia empenhado boa parte dos hipotéticos lucros. Eudócia suspirou com a insipidez da realidade, mas em seguida olhou o luxo e os espelhos ao seu redor e se deixou levar pelas miragens.

Confiante quanto à sua parte nos lucros, o homem do órgão bebeu uns goles de vinho e confessou que não suportava o pessoal da firmeca especialmente o diretor técnico. Conversaram umas poucas vezes e considerava-o um presunçoso. O que pudesse fazer para quebrar-lhe a

crista de se achar um super-homem conhecedor de altos segredos tecnológicos, fazia com gosto. A excitação dos homens era grande. Os copos iam se tocando em brindes sucessivos que eram repetidos ao infinito pelos espelhos das paredes. Eudócia sabia que o homem do órgão era traquejado. Com certeza tratava de negócios com a mesma destreza com que enfiava as mãos experimentadas sob a saia de uma mulher encontrando imediatamente o centro elétrico que incendiava e umedecia.

Por sorte, ao se acomodarem ao redor da mesa, Eudócia não fora escolhida para se sentar ao seu lado. De frente, podia observá-lo melhor. Não deixou de notar o orgulho de Teófilo e Antônio ao verem as próprias esposas sentadas uma de cada lado do endeusado homem. O rosto de cera de Jacira chegou a ganhar rubor. Por vezes Eudócia tinha a impressão que o homem punha a mão em baixo da mesa e bolinava Marlene. Mas aquele preposto do Estado era traquejadíssimo, e não iria criar o menor compromisso que não fosse acertar contas única e exclusivamente a seu favor. Como Eudócia, seu Guilherme jamais esqueceu a desfaçatez com que ele desdenhou das mulheres ao seu lado, tampouco a grosseira cumplicidade do seu olhar. Só que para seu Guilherme, era o gesto com o qual não duvidava vencer e para Eudócia desvendava toda a intrepidez e audácia do brigue flibusteiro rasgando loucas tormentas e se sobrepujando ao labiríntico oceano. Naquele momento, nenhum dos dois conseguiu avaliar o quanto custava engolir tudo aquilo em busca de um tesouro hipotético!

Dias depois, seu Guilherme contou que seus comparsas no órgão chegaram a ficar penalizados de ver a decepção do pessoal da firmeca. Dois diretores compareceram pessoalmente para reapresentar o projeto, e teriam resposta para quantas perguntas técnicas lhes fossem feitas. Só que não houve nenhuma. Quando souberam que em quinze dias outra firma apresentara projeto semelhante, e eles não só não poderiam mais reapresentar o deles como não poderiam importar as máquinas americanas por já haver similar nacional, foi como se tivessem levado um golpe no meio do coração. O sangue fugiu-lhes dos lábios e perderam a fala. Não conseguiram sequer esbravejar desabafando a perplexidade e o ódio. Deixaram o órgão em luto profundo. Seu Guilherme fingiu um sorriso penalizado e afirmou que gentinha que queria se meter em altas esferas, sem saber como as coisas funcionavam, querendo as comissões só para si, não tinha a menor chance de vencer! E quando pensava em comissões, conjecturava se não havia empenhado mais trunfos do que os que possuía, mas tinha tanta fé na capacidade de trabalho dos jovens e um desejo tão grande de deixar aquele império para o neto que encetava as empresas mais árduas com imprevisão e galhardia.

Enquanto a firmeca se recompunha da perplexidade e os sócios da Flamingo, mais do que nunca, trabalhavam para expor a máquina na feira da mecânica, as mulheres tricotavam e planejavam mais uma inebriante viagem de compras.

Capítulo XVIII

Que trata da exposição da máquina na feira da mecânica

Paulo exultou quando soube que Nelson, Teófilo, Antônio e seu Guilherme passavam o dia todo na feira da mecânica exibindo a máquina e Eudócia, se quisesse ir à noite ver o estande, precisava de companhia. Foi o próprio Nelson quem sugeriu-lhe que desse a ela uma carona. Diante daquela possibilidade, sem conseguir controlar as rajadas de calafrio que tomavam conta do seu ser, Paulo telefonou a Eudócia. Ao atender o telefone e ouvir-lhe a voz, ela sentiu o costumeiro tremor que a proximidade daquele homem lhe causava, mas não fizeram mais do que conversar amigavelmente e combinar o horário.

Exalando a melhor água de colônia que possuía e no melhor traje esportivo que encontrou no guarda-roupa, Paulo apertou a campainha pontualmente. Ao vê-la abrir a porta, encantou-se ao perceber que também ela se vestira com esmero e se perfumara esperando por ele. Eudócia convidou-o para entrar e ofereceu-lhe um aperitivo. Assim que o calor do uísque lhe desceu pela garganta, Paulo sentiu o primeiro ímpeto de confessar todas as suas insônias e desassossegos desde que a conhecera, mas se conteve e falou dos restaurantes que freqüentava, e ela se interessou. Com a organização da Flamingo, quase não lhes sobrava tempo para comer fora, ela explicou enquanto se deixava perturbar por aquele sorriso que mostrava dentes grandes e carnívoros e a língua poderosa. No segundo uísque, ele falou das boates que conhecia e ela imaginou-se dançando bem juntinho a ele. No terceiro, falou das viagens que havia feito, e quando ele aceitou mais uma dose, ela achou que era melhor irem, antes que a exposição se encerrasse. Num estado de exaltação que não havia conseguido apaziguar com quatro doses de uísque, Paulo continuou falando enquanto dirigia, ansioso por encontrar um caminho secreto para desabafar toda a sua agonia diretamente no coração de Eudócia. Tinha uma necessidade incontrolada de pôr a alma pela boca. Até que, no meio de um trânsito emaranhado, às golfadas, confessou seu desejo que mais parecia uma doença da alma que ia lhe contaminando o corpo. Sem dar tempo para que ela se recuperasse do estado de perplexidade, parou o carro e avançou sobre ela num beijo enlouquecido. Ela tentou resistir, mas ao perceber a determinação que o impulsionava, deixou-se envolver por um desejo desatinado. Num beijo avassalador, tentaram tatear as partes dos corpos um do outro até perceberem que estavam sendo o motivo de chacota de uma molecadinha ranhenta que, no cruzamento, vendia vassouras para limpar teias de aranha do teto e frutas da estação. Perceberam também que estavam sob um poste cuja luz de mercúrio iluminava-lhes a alma. Ele voltou a pôr o carro em movimento, e seguiram o resto do trajeto num silêncio constrangedor.

Ao entrarem no local onde se realizava a exposição, enquanto observavam as máquinas e os robôs com suas presas possantes, Paulo ia pensando que sempre fora um homem tão calculista, tão seguro de seus atos e de suas conquistas, e com Eudócia agia como um adolescente desajeitado e apressado. Por seu lado, ela conjeturava que tipo de homem era aquele que não fora capaz de parar o carro ao menos num lugar mais adequado. Será que além de almoço em motel não era capaz de criar outra situação! Não duvidava que, se aceitasse o tal convite para almoço, ao invés de ter uma extasiante tarde de amor, teria de lidar com um homem inexperiente e quem sabe até impotente!

Paulo já vinha meio desarvorado com os próprios atos e ao ver o sucesso do estande da Flamingo, tomou-se de ódio por Nelson. A máquina ainda não funcionava como deveria, mas

fisicamente estava ali, linda e brilhante, igualzinha às importadas. Apesar de tudo, Paulo fazia comovedores esforços para parecer alegre, simpático, loquaz, mas bastava ver seu suor e sua palidez para saber que não podia com a alma. Na tentativa de dar vazão àquele sentimento que começava a torturá-lo, tão logo teve oportunidade, levou Eudócia para ver o estande da firmeca. Enquanto fingiam-se interessados nos equipamentos expostos, ela prestava atenção nas pessoas. Com exceção do americano, que foi fácil identificar, os outros ela foi adivinhando. Tempos depois, arrependeu-se por não ter fixado bem aqueles rostos, pois quando passou a ouvir-lhes as vozes, não era capaz de se recordar com nitidez de nenhum deles. Ao se afastarem, Paulo lhe falou que era às custas de puxar o tapete daquela gente, que eles iriam construir um império. Ela estava tão indignada e transtornada com a engalfinhação de principiante a que ele a submetera, que seu único desejo era que desaparecesse da sua frente. Como ele não demonstrasse a intenção de ir embora, tão logo conseguiu convencer Nelson, foi com ele para a casa, sem um único gesto de compaixão que demonstrasse a Paulo que o perdoava.

Como um autômato, Paulo deixou-se ficar perambulando pela exposição, bebendo em cada um dos estandes, até que a vida saiu de foco. Por fim, com a visão embaçada, venceu as dificuldades para chegar ao estacionamento. Encontrou o carro, colocou-o em movimento e seguiu para casa. Chegou arrasado. Jogou-se na cama e adormeceu, mas despertou pouco tempo depois com um acesso de tosse, sentindo que o estrangulavam por dentro com presas de robô. Compreendeu então que por muitas rosas que tivesse lançado a Iemanjá, o champanhe caríssimo que despejara no mar e as sete ondas que pulara, a única e triste verdade era que Eudócia jamais se prestaria a seus propósitos. Acostumado a acompanhar a combinação de elementos químicos e suas metamorfoses na calma do laboratório, sentia o sangue se adensando nas próprias veias e não sabia o que fazer para evitá-lo.

No meio daquela noite, sem ter plena consciência que aquela era uma atitude que repetiria periodicamente pelo resto de sua vida, jurou que não visitaria novamente Eudócia, e que iria arrancá-la de seus pensamentos.

Capítulo XIX

Que fala de como as altas tecnologias, como as receitas culinárias, possuem suas manhas

Passada a euforia de construir o protótipo e participar da feira da mecânica, Eudócia, Marlene e Jacira fizeram mais uma inebriante viagem de compras. Ao retornarem, sentiram que alguma coisa havia mudado. Ao invés do entusiasmo costumeiro, viam seus homens meditados, acobalhados. Não precisaram de muita astúcia para perceber que apesar do sucesso da exposição, a máquina apresentava defeitos no seu funcionamento que nenhum deles era capaz de resolver. Teófilo e seu Guilherme eram os mais empenhados em solucionar o problema, mas quanto mais se aprofundavam, mais sentiam o quanto estavam longe de conseguir. Nos encontros de todas as noites chegavam sem solução e saíam com problemas mais intrincados. Passaram a falar da máquina com voz soturna. Não obstante afirmassem sem escrúpulos e o órgão acreditasse mesmo sem ver que eram capazes de fabricar qualquer das máquinas monumentais que a empresa americana fazia, ainda não tinham sido capazes de fazer a mais simples delas funcionar corretamente. Nas conversas arrastadas, só não sucumbiam em bebedeiras abusando do uísque porque Teófilo salvava, entorpecendo-os com sua conversa xenófoba. Com a eloquência que o uísque exacerbava, recitava que a empresa americana que se pusesse de molho e a firmeza que contasse seus dias, pois não permitiriam que importassem um único parafuso! Com o cuspe lhe juntando no canto da boca, batia no peito a dizer das responsabilidades que tinham com a pátria. Não fora à toa que haviam conseguido a aprovação do órgão para o desenvolvimento de tecnologia tupiniquim! A partir do dia em que a concessão de reserva de mercado da Flamingo fora publicada no Diário Oficial, para cada máquina que se quisesse importar, eles tinham de ser consultados. E eles teoricamente eram capazes de fazer qualquer uma das máquinas. Possuíam até catálogos coloridos com a máquina linda e brilhante! Permissão para que os gringos continuassem vendendo aqui não dariam por nada deste mundo! Eudócia ouvia o falatório e olhava "A Pesca Milagrosa". Naquela empresa temerária, se não houvesse Cristo com a mão estendida para salvá-los, sucumbiriam com o barco, os peixes e tudo o mais. E cada vez mais sentia que a mão de Cristo não estava estendida para ajudá-los, mas sim com o dedo em riste ralhando com Pedro, ou quem sabe condenando a todos.

Numa das noites em que os homens estavam ao redor da mesa com a garrafa de uísque, discutindo como resolver o problema técnico, ficaram assombrados ao ouvir Eudócia afirmar que, como nas receitas culinárias, as altas tecnologias também possuíam manhas. Mais assombrados ainda ficaram quando ela mencionou as tantas amigas que faziam pratos especiais e, embora dessem a receita a quem pedisse, não ensinavam a tal manha, em geral um truquezinho à toa, mas sem o qual, o prato jamais dava certo. E o pior era que muitas vezes se estragavam ingredientes caríssimos até se constatar o fato. Nestes casos, o melhor era dar uma bebedeira na desgraçada e fazê-la confessar o segredo!

Não houve melhor argumento para tirar os homens da sua prostração do que aquelas frases de Eudócia. A princípio sentiram-se assombrados mas, a seguir, seus olhos foram ganhando brilho. Seria muito mais fácil arrancar o segredo de quem o sabia do que se empenhar em descobri-lo por si! Só que não havia amigos conhecedores do segredo e fosse só dar-lhes uma bebedeira para que se abrissem. Mas a idéia calou-lhes no espírito e, em poucos dias, seu Guilherme veio com uma solução. Seus amigos ligados ao governo sempre sabiam como fazer

as coisas! Era só colocar escutas nos telefones da firmeca. Alguém de lá com certeza conhecia o segredo! Deviam colocá-las também na casa do gringo pois provavelmente era ele quem discutia com seus superiores a montagem das máquinas. Era um procedimento que custava caro, mas não precisavam se expor às inventivas dos detetives de cinema que tinham de se disfarçar para instalar escutas. Havia pessoal especializado para fazer o serviço e seu Guilherme contactou-os. Como sempre, aquela idéia tão brilhante que lhes permitiria novamente sonhar com a riqueza foi comemorada com um belo jantar.

Posto em prática o plano e, sem ter uma única pecinha da máquina que não tivesse sido trocada ou recolocada de outra forma, seu Guilherme já não ia ao escritório. Passava tardes inteiras com o gravador ligado, indo e voltando as fitas gravadas, tentando descobrir a tal manha, através das conversas telefônicas. Anotava todos os pontos interessantes para depois do jantar fazer com que os sócios ouvissem sem perder tempo. Numa tarde brumosa, Eudócia e Guilherme Júnior entraram na sala e encontraram o avô desanimado, com os ombros caídos e os cabelos desgrenhados, numa expressão de quem está entregando os pontos. Depois de desligar o aparelho, levantou os olhos mortiços e com um sorriso triste, falou para o neto:

- Se eu morresse agora, antes de construir o império, você mal se lembrará de mim quando for moço!

Eudócia achou que ele dissera aquilo sem nenhum motivo visível e Guilherme Júnior mal o ouviu e pulou no seu colo querendo brincar. Ela, no entanto, experimentou a sensação de ver um anjo mau se despreendendo da figura de Cristo e flutuando por um instante na penumbra da sala. Sentiu um gelo percorrer-lhe a espinha quando seu Guilherme deu um soco na mesa e falou que o único a saber aquele misterioso segredo era o diretor técnico da firmeca e ele o odiava por isso. Com os olhos vidrados, disse a Eudócia que aquele homem consertava todo o tipo de máquina e sabia fazê-las funcionar qualquer que fosse o defeito. Tornar-se amigo dele era impossível, quanto mais dar-lhe uma bebedeira para que revelasse o segredo!

Com o correr dos dias e o escutar das fitas, ficaram sabendo outras coisas. Uma delas era que havia um ex-funcionário movendo uma ação trabalhista contra a firmeca e uma das secretárias entregava-lhe quantas pastas do arquivo ele pedisse. Também ficaram sabendo que o escritório do gringo era dentro da firmeca e ele possuía um computador com todas as informações necessárias ao bom andamento dos negócios. Seu Guilherme chegou à conclusão de que a firmeca era de uma tal desorganização, que poderiam facilmente contatar a secretária e, por um bom vidro de perfume e umas calcinhas rendadas, ela também lhes emprestaria algumas pastas. Por seu porte de conquistador, com a anuência de Marlene, Antônio foi o escalado para um encontro “casual” com a tal secretária.

Capítulo XX

Que explica que, como recurso desesperado, conseguiram o computador do gringo

Enquanto mexia e remexia a eletrônica da máquina sem resolver o problema, Teófilo perguntava-se por que a vida o confrontara com tal casualidade que poderia ser comum, mas que ele nunca pensou que pudesse acontecer a si próprio. Por mais que fizesse, não conseguia solucionar a tal manha tecnológica. Tanto era assim que todas as noites seu Guilherme punha para que ouvissem os trechos das gravações telefônicas que selecionava durante a tarde e ouviam especialmente a voz do diretor técnico da firmeca. O homem consertava aparelhos por telefone. O cliente falava o defeito e ele dizia: mexa em tal fio ou troque tal peça e, pouco depois, o cliente respondia que o aparelho havia voltado a funcionar. Ele só ia examinar pessoalmente os casos mais complicados. Apesar das informações precisas que a voz de um homem desconhecido e odiado passava por telefone, e eles verificarem na própria máquina cada parte mencionada, não conseguiam atinar com o que precisavam fazer para que ela funcionasse corretamente. Quanto mais o escutavam mais davam como certa sua cumplicidade com a Divina Providência, e mais sua voz lhes ia infundindo um ódio feroz contra sua pessoa, capaz de executar o ato com que eles não atinavam. Houve uma noite em que seu Guilherme perdeu a paciência e chegou a perguntar ao filho e a Antônio o que é que eles haviam feito todos aqueles anos nas universidades do mundo que não aprenderam a deslindar o segredo daquela máquina! Mas logo em seguida se acalmou, dizendo que nos seus longos anos de vida já havia visto tudo, só não via mudar as coisas neste país. Aqui venciam os que eram espertos e faziam cambalachos com a aquiescência do Estado! Havia conseguido o principal que era a reserva de mercado, o resto era uma questão de tempo. A firmeca tinha seus dias contados e o tal diretor que enfiasse seus conhecimentos no Cu.

Diante daquela adversidade, Teófilo lutava por troféus de uma batalha histórica travada contra adversários que julgava poderosíssimos. Coisa alguma abatiria-lhe a determinação encarniçada de acabar com os gringos e conseguir a tecnologia, nem que para isto fosse preciso mover mares e terras. Consumia todas as horas do dia desentranhando todos os fios da máquina e refazendo-os de forma que funcionassem perfeitamente. Por mais que se empenhasse, no momento em que era acoplada ao computador e deveria funcionar corretamente, a máquina engasgava e não tinha o desempenho necessário.

Eudócia não se preocupou em descobrir como eles chegaram à tal secretária que desviava as pastas do arquivo, mas a tal mulher não foi capaz de fornecer-lhes mais do que a lista de clientes que o órgão já lhes havia fornecido. Embora Nelson e Antônio não fizessem muito mais do que curtir o ódio pelo diretor técnico, Teófilo continuava na luta. Como idéia seguinte, ele e seu Guilherme pensaram em conseguir o computador do gringo que a tal secretária afirmou conter todos os detalhes da sua vida. O segredo tecnológico não podia deixar de fazer parte da vida do gringo. Havia o problema de como chegar ao computador. Pensaram e repensaram, pois a secretária não sabia manipulá-lo, e tampouco poderia carregá-lo com a facilidade que carregava as pastas do arquivo. Num suspiro de desabafo, Nelson e Antônio afirmaram que, com seus conhecimentos, se tivessem acesso ao computador tudo estaria resolvido. A coisa que mais sabiam fazer na vida era manipular programas e arquivos dos computadores. Mas afastaram a hipótese de passarem a noite na firmeca e serem presos como ladrõezinhos mequetrefes.

Apreensivo com o problema com que se deparavam, seu Guilherme chegava na casa do filho, instalava-se em sua cadeira de couro e, com um copo de uísque numa das mãos e o cachimbo aceso na outra, ouvia suas músicas prediletas. Ficava horas submerso na música e na fumaça enquanto pensava no assunto. Como sempre, foi ele a vir com uma idéia. Pelas gravações telefônicas, soube que o computador do gringo fora comprado de um destes contrabandistas que oferecem suas mercadorias nos melhores jornais do país. Com amigos da receita federal e uma denúncia anônima, seu Guilherme conseguiu que dessem uma "batida" na firmeca e apreendessem exatamente o computador. Quem fez o serviço vasculhou o resto só para dar um susto no pessoal, mas o alvo era preciso: apreender o computador do gringo. Com a segurança que o terceiro mundo dá aos protegidos do Estado, a operação foi executada com aparatos "hollywoodianos". Durante a "batida", mais do que nunca, as escutas estavam funcionando. Quando puderam ouvir as fitas, Eudócia ouvia vozes apavoradas e não era capaz de recordar os rostos vistos na feira da mecânica. Odiou Paulo por ter-lhe provocado tamanha convulsão naquela noite que a fez ficar num estado de choque, incapaz de pensar em coisa alguma que não fosse ter sido vítima de um ato de principiante. Apesar de tudo, o simples fato de recordá-lo fez com que uma tristeza se abatesse sobre ela. Sua falta pareceu-lhe tão insuportável que teve ímpetos de lhe telefonar para que fosse naquela hora à sua casa beber um licor de anis. Sentiu uma necessidade extrema que seus lábios roçassem-lhe a face, seus olhos cheios de desejo encontrassem os seus. No entanto, ao tentar recordá-lo, percebeu que se esquecera a cor da pele daquele galanteador tenaz e sentiu uma picada de ciúmes ao pensar que ele pudesse estar conquistando outra mulher. Pensou e repensou a cor da tez do homem que lhe despertava tanto os instintos e, por influência dos filmes românticos, imaginou Paulo com a pele acobreada pelos ventos. E não estava muito longe da realidade pois, antes de ser atacado pela obsessão por Eudócia, ele praticava esportes e sua pele estava constantemente absorvendo os raios de sol.

Capítulo XXI

Que conta como Paulo ia lidando com sua paixão

Mais de mil vezes, Paulo havia prometido tirar Eudócia da cabeça, e não fazia outra coisa na vida que não fosse pensar nela. Às noites, via-se dando voltas na cama até romper o dia, perdido no deserto de uma insônia onde a única coisa palpável era a lembrança dos olhos negros que o atormentavam. No meio de uma destas insônias, quando já não agüentava mais rolar na cama, pensou em Isabel. Todas as vezes em que ela aparecia no escritório para visitar Antônio, lançava-lhe olhares onde não era difícil perceber as segundas intenções. Naquela hora da noite ocorreu-lhe que ela era muito insinuante, além de ser livre e só. A julgar por seus olhares, disposta a lhe proporcionar a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer circunstância, a compaixão que lhe fazia falta. Sim, porque àquela altura da vida, amor só o de Eudócia. Sem notar o avançado da hora, intempestivamente pegou o carro e saiu resolvido a visitar Isabel. Seria a primeira vez que bateria à sua porta no ermo de suas insônias mas, em tempo, compreendeu que seria inútil. Não estava em condições de se apresentar na porta de uma mulher como ela, sem o menor aviso e naquele estado de depressão.

Ao cabo de muito pensar, sonâmbulo, dirigindo o carro pela cidade que nunca parava definitivamente, acabou por aportar num bar. Com uma mulher qualquer, destas que basta uma noite para que jamais se pense nela, acreditou ser mais fácil deixar escorrer e, se preciso fosse, até gritar aquela paixão de besta. E assim foi. Com a primeira que puxou assunto, lançou um olhar de náufrago em busca de um ponto de apoio e falou sem parar com a mesma volúpia com que bebia, ansioso por encontrar um caminho secreto para desabafar. Pois disso é que sentia falta: botar a alma pela boca. Bebeu e falou como um alucinado, diante de uma mulher acostumada a resgatar os náufragos. Quando ela, sem agüentar mais seu hálito, tentou safar-se, sentiu-lhe o braço poderoso a segurá-la, obrigando-a a ficar até o estertor último de suas lamúrias. Apesar disto, ele jamais recordou se a mulher que obrigara a ouvir tamanha baboseira era loura ou morena. Sem se lembrar de ter voltado para casa, nem de como o conseguira, despertou com a sensação de que havia dormido sem saber, sonhado que não podia dormir, com um sono conturbado pelos olhos negros de Eudócia e despertava num pântano de ressaca. Ao abrir os olhos, pensou que as coisas ao seu redor estivessem pulsando, mas era sua cabeça que latejava. Aos tropeços, chegou até o banheiro, enfiou a cabeça em baixo da torneira e deixou a água fria escorrer-lhe pelos cabelos e pela cara. Engoliu diversas aspirinas, mas não teve disposição para ir ao trabalho. Passou o dia no quarto, imerso nos miasmas daquela paixão desenfreada, pela primeira vez na vida sem saber como lidar com uma mulher.

No dia seguinte, refeito do latejar da cabeça, porém com os ossos e músculos semi amortecidos, foi para o escritório. Lá, desobedecendo a todas as promessas e acometido daquela ingenuidade que nos vai deixando viver e contra a qual ninguém pode, foi conversar com Nelson. Seu único intento era saber de Eudócia. Ao entrar no escritório de Nelson, chegou a pensar que houvesse errado de sala. A ressaca não o deixara ir trabalhar no dia anterior e não soube que tampouco os dois estiveram na firma. Só que o golpe sofrido por eles, os desancara muito mais do que a bebedeira fizera com Paulo. Encontrou-os aniquilados nas poltronas, e teve dificuldades em visualizá-los na fumaceira que criavam com seus cigarros. A voz de Antônio estava engrolada quando resumiu o ocorrido. Havia passado o dia manipulando o computador do gringo, sem conseguir a informação que buscavam. Os olhos amarelados de Nelson haviam perdido a luz e seus cabelos estavam desalinhados ao confessar a utilização de todos os recursos

conhecidos. Não deixaram um único trecho do "software" intacto. Leram todos os arquivos. Detectaram até quanto o gringo usava de papel higiênico por mês, mas não encontraram a informação técnica de que tanto precisavam.

Apesar da própria dor, Paulo olhou os dois e se sentiu penalizado. Antônio, que vivia alardeando o amor e se gabando das conquistas, transformara-se num boneco de trapo. Nelson, que sempre o impressionara com seus duros olhos amarelos, parecia tê-los voltado para dentro de si, sem a menor esperança de decifrar o tal enigma tecnológico e conseqüentemente adiando a criação do sonhado império. Acostumado a acompanhar as metamorfoses dos elementos para seus intentos químicos, Paulo lembrou-se de ter lido em algum lugar que os alquimistas que buscavam o segredo do ouro só por ambição de riqueza, acabavam tendo suas experiências fracassadas. A primeira transformação de um alquimista deveria ser a de si mesmo, libertando-se dos egoísmos e das limitações individuais. Atingindo-se esta primeira etapa do processo, as seguintes se seguiriam docilmente. Olhando os dois amigos com o ânimo em pior estado que o seu, Paulo teve um ímpeto de enaltecer os alquimistas, mas se conteve a tempo. Estava certo de que não desistiriam do intento por nada deste mundo, e muito menos para buscar transformações no próprio ser. Conjeturou, então, o quanto custaria a execução daquele sonho maluco. O fato de não terem conseguido desvendar o mistério por si, tornaria a empresa ainda mais onerosa.

Como se unisse sua dor a deles, Paulo consolou-os. Animou-os dizendo que mais dia menos dia acabariam por descobrir o malfadado segredo, enquanto dava a si mesmo a esperança de que mais dia menos dia conseguiria Eudócia. A simples esperança já era um sopro de vida nova. Com a persistência de um alquimista, iria buscar dentro de si aonde errava. Convenceu-se de que era ele a cometer um erro que, se detectado, seria facilmente reparado. Por fim, não agüentou mais os vapores de desespero daquela sala e saiu, não sem antes prometer que uma noite destas iria à casa de Nelson. E ainda teve humor para dizer que era só para filar um uísque!

Capítulo XXII

Que narra como a encantada boneca de pano entrou na vida de Eudócia

Na solidão da tarde, Eudócia assistia a um filme no videocassete quando seu Guilherme chegou com as fitas que continham os telefonemas dos sócios da firmeca no dia em que a fiscalização confiscou o computador do gringo. Vendo excitação nos olhos do sogro, apesar de estar se deliciando no enredo do filme, parou-o e foi para a sala de jantar. Enquanto o sogro ligava o aparelho e ordenava as fitas, olhou a "Pesca Milagrosa". A situação daqueles apóstolos se esfalfando com a rede de peixes, à mercê da vontade de Cristo sobre as águas, era mais ou menos como a da turma da firmeca, à mercê de forças ocultas que podiam lhe puxar o tapete com a mesma facilidade com que Cristo deixaria o barco se espatifar. Já ia enveredando pela sorte da Flamingo, à mercê de um enigma tecnológico, que só Cristo ou alguém que entendesse a máquina para solucionar, quando as primeiras conversas começaram. Antes da fiscalização entrar em cena, duas vozes de mulher falavam sobre empregadas ineficientíssimas, mantidas só para que suas patroas tivessem uma desgraça diária a ser narrada; filhos adolescentes, cujo pavor que sofressem um desastre escondia o incontido desejo de abatê-los à machadinha, e maridos que jamais chegavam num horário viável para o jantar. Eudócia e seu Guilherme atribuíam as falas às esposas dos diretores quando uma das vozes chamou-lhes a atenção pelo tom noturno que tomou. Narrava que uma rezadeira lhe havia feito uma boneca de pano e que diariamente, exatamente à meia-noite, lhe espetava um alfinete no baixo-ventre. Nesta altura, a fita fez um barulho estranho e silenciou. Com um frio a percorrer-lhe as vértebras, Eudócia observou os dedos incertos do sogro tentando solucionar o problema, mas não conseguiram ouvir a continuação da conversa. Mesmo retornando diversas vezes a fita, sempre que ela chegava naquele ponto, emitia um chuvisco atordoado, e não se distinguiam as palavras.

Eudócia e seu Guilherme se entreolharam e não puderam deixar de acreditar que, com todos os rancores que se iam criando, aquilo só podia ser contra eles. Jamais souberam que a conversa devia-se ao fato de uma das esposas ser muito ciumenta e, cismada com uma possível prevaricação do marido, tentava torná-lo impotente com qualquer outra mulher que não ela, mediante o desprestigiado sistema de fincar alfinetes num boneco de pano parecido com ele. Tanto Eudócia como seu Guilherme, sem saber o fim da conversa, sentiram-se fisgados numa armadilha da qual não tinham a menor idéia de como sair. Aquele ardil da esposa traída, não fez muito mais do que causar, muitos anos mais tarde, um tumor na próstata do marido. No entanto, os fragmentos de conversa provocaram em Eudócia e seu Guilherme um tal estremecimento gelado que nem conseguiram se divertir com as palavras apavoradas. Foi só quando o grupo se reuniu à noite e ouviu os trechos selecionados, que Eudócia riu com o pavor do pessoal da firmeca diante da invasão da polícia federal. A primeira coisa que fizeram foi chamar o advogado, falando baixinho para que os homens que executavam a "batida" não ouvissem. Depois telefonaram para as esposas sem ter a menor noção do que fazer diante dos imponentes e sacralizados homens da polícia federal que lhes vasculhavam cada gaveta e cada canto de armário, buscando algum aparelho que não tivesse a documentação regulamentada, sem a menor noção de que aqueles homens tinham uma meta precisa. Uma das esposas, quando o marido terminou de descrever a cena aos sussurros, comentou que tinham vivido vinte anos de ditadura militar sem um único ato terrorista, e agora que estavam na democracia da Nova República invadiam-lhes a firma! Que merda de gente que não largava o poder! Aquelas frases

sensatas, perdidas no meio de tantos disparates, ficou por muito tempo pairando na cabeça de Eudócia. Naquela noite, ao sentir o hálito nauseabundo de Teófilo discursando sobre a democracia, conjeturou sobre as diversas definições que a palavra alcançava e do que ela era capaz.

Terminadas as conversas das fitas, mais xenófobo do que nunca, com a raiva em carne viva, Teófilo reafirmou que ainda não haviam conseguido fazer a máquina funcionar, mas tampouco a firmeca teria chance de importar um único parafuso que se usasse nas máquinas. Para isto já haviam empenhado até a alma e não desistiriam facilmente. Naquela época, Eudócia nem poderia suspeitar que o malogro da empresa não resultou dos privilégios conseguidos, mas sim dos compromissos pouco realistas que tiveram de contrair devido ao fato de não terem sido capazes de descobrir por si o segredo tecnológico.

Mesmo com todas as atribulações e artimanhas usadas para iniciarem a construção do império, Eudócia não conseguia tirar Paulo da cabeça. Ninguém mencionava o seu nome e ela se sentia saudosa. Por mais que se dispusesse a não pensar nele, percebia que o desejo de esquecê-lo era o mais forte estímulo para se lembrar dele. Nos dias que se seguiram, atirou-se aos filmes lacrimosos, confundindo os personagens da tela com os da vida real e reservando para ela e Paulo os papéis mais românticos. Empolgava-se de tal forma que, terminado o filme, continuava pensando em Paulo, imaginando-o em cada canto da sua casa, tentando escolher comidas de que ele gostasse caso chegasse para o jantar e tomando licor de anis depois do jantar como se aquele gosto fosse o gosto dele, sobressaltada com a possibilidade dele chegar a qualquer momento.

Capítulo XXIII
Que fala da decepção com o computador do gringo ao encontro com o diretor técnico

A falta de informações do computador do gringo desbaratou um plano julgado infalível. Quando conseguiram que a polícia federal arcasse com o peso da máquina e a transportasse para um depósito, não poderia ocorrer-lhes que segredos tecnológicos não fizessem parte dos seus arquivos. Eudócia, que tanto empenho pusera em instigar seu homem a enfrentar o mundo, estarrecia-se observando-lhe o esforço debalde e conjeturava como os segredos técnicos eram parecidos com os culinários. Se bem que havia alguns revertérios nestes assuntos. Certa vez comera na casa de uma amiga um molho, cuja receita lhe fora dada truncada. A falta de algum ingrediente fez com que ficasse diferente, porém muito melhor. Alvorçada com o resultado, Eudócia fez questão que a dona da receita o provasse ante seu aviso de que não a ensinaria. Só que, no caso da Flamingo, aquilo estava longe de acontecer, jamais produziram uma máquina melhor do que a já existente.

Haviam chegado a um ponto aonde não havia força capaz de levantar os homens de suas frustrações. As três esposas se esforçavam, mas tudo o que faziam eram inútil. Seu Guilherme sentava-se em sua cadeira de couro com a vibrante música de Bethoven e o cachimbo fumegando, aguardando que alguma idéia lhe ocorresse. Tinham de pensar com uma certa rapidez porque tendo aberto uma firma, começavam a perceber que, para mantê-la, os gastos eram cada vez maiores. Pela primeira vez atinavam que as sonhadas comissões mirabolantes não iam diretamente para o bolso dos sócios da firmeca, mas boa parte delas servia para cobrir despesas, especialmente pagar impostos. Depois de muitas horas envolto em sua música, seu Guilherme chegou à conclusão que afinal o diretor técnico não era nenhum monstro e poderiam montar um plano de aproximação. Sendo ele o primeiro a engolir o ódio, não foi difícil convencer os sócios de que se haviam levantado as portas do órgão, poderiam fazer com que a firmeca não tivesse outra saída que não fosse levantar-lhes as portas. A maneira de interessá-los era simples. Uma vez que não conseguiriam, em hipótese alguma, importar as máquinas americanas sem a autorização de quem as fabricava no Brasil, ou seja, a Flamingo, talvez pudessem fazer uma associação. A firmeca conhecia o mercado e sabia que tudo era uma questão de tempo, os clientes acabariam por se acostumar com a idéia de que não tendo a menor chance de um equipamento importado, comprariam os fabricados aqui. Eles fariam as vendas e a Flamingo a fabricação! Eudócia viu-os marcar o encontro com o tal diretor e saírem com o discurso afiadíssimo. As asas das narinas de Teófilo e seu Guilherme vibravam quando disseram que se atraíssem o homem para as vendas, conseguir-lhe o truque tecnológico seria só mais um passo. Talvez para isto bastasse seguir a idéia de Eudócia e dar-lhe uma boa bebedeira. Eudócia sentiu um gelo percorrer-lhe a espinha, como sentira no dia em que o sogro começou a odiar o tal diretor e rogou a Deus que os ajudasse naquela empreitada. No fundo do coração, penalizava-se de ver Nelson tão dedicado àquele empreendimento sem conseguir resultados práticos.

Mais penalizada ainda ficou quando os viu de volta, bufando de ódio e se atirando à garrafa de uísque. Enquanto lhes providenciava os copos e os servia de gelo, reparou que Nelson passara a fumar tanto que seus dentes estavam ficando escuros. Sem sentir, comparou seus dentes que a beijavam tão esporadicamente e ela nem se lembrava se lhe causavam algum

estremecimento, com os dentes carnívoros de Paulo. E seu coração amargurou-se ao pensar que, apesar de todo o charme, ele só era bom quando o imaginava nos filmes, na realidade não era capaz de criar uma situação favorável ao amor. Já ia enveredar por aqueles caminhos emaranhados de um desejo que se ia tornando cada vez mais complicado quando a voz dos homens a resgatou. Apesar da paixão, acompanhava as jogadas daquela empresa com o interesse que assistia aos bons filmes policiais.

Haviam usado de tudo para atrair o diretor técnico, desde a amizade e a participação na firma até o suborno, mas tinham de concordar com o pessoal do órgão que ele era um casca de ferida presunçoso. Também tinha seu discurso e repetiu-o quantas vezes fora preciso. Havia trabalhado por mais de dez anos para implantar a idéia do produto e o próprio produto no Brasil, e não iria pagar para ter um sócio. Além do mais sabia que o que queriam era a tecnologia, pois não haviam conseguido fabricar um único aparelho que funcionasse! O órgão iria se cansar de ter de dizer não para as importações sem que eles apresentassem de fato uma única máquina funcionando. Tudo era uma questão de tempo. Quem agüentava mais! Sabia pelos muitos exemplos no país, que tão logo absorvessem a tecnologia, dariam um pé na bunda de quem não interessasse como representantes, fabricantes americanos, etc., etc..

Quando seu Guilherme mencionou os cursos e diplomas que os sócios da Flamingo possuíam, o diretor técnico esboçou um sorriso irônico e respondeu-lhe que as manhas da tecnologia moderna não se aprendiam nas escolas, nem mesmo nas boas escolas suíças! Cada firma investia dinheiro e muitas horas de trabalho de seus técnicos para desenvolver a própria tecnologia. Por não terem experiência alguma, até que haviam copiado a parte física bastante bem. No entanto, para que o físico da máquina recebesse os impulsos necessários a fim de executar as funções era preciso um "software" perfeito. Um computador não era inteligente por si. Era preciso que um ser humano escrevesse o "software" como se lhe soprasse uma alma! Quem o fazia tomava cuidados especiais para não se deixar copiar por qualquer um. Seu Guilherme admitiu o homem sabia das coisas. Enquanto emborcava seu uísque, foi contestado pelo hálito de Teófilo. Sem sequer cogitar que o mundo dá voltas e mais voltas, com os olhos empoçados de álcool e ódio, Teófilo esbravejou que iriam acabar com o desgraçado. Aquela pretensão seria engolida por ele nem que tivessem de empenhar a alma!

Eudócia quase morreu de dó ao ver Nelson engolir todo o uísque do copo, voltar-se para os sócios e afirmar que a reserva de mercado havia sido criada como um setor estratégico para o desenvolvimento, e portanto achava que ele e Antônio deveriam deixar a estatal onde assinavam ponto e empenhar-se de corpo e alma para não só fazer a máquina funcionar como tentar melhorá-la. Seu Guilherme deu um soco na mesa e gritou "merda!" com tamanha fúria, que abalou os alicerces da casa.

- E o que é que vocês estão esperando! - Continuou com a voz gritada enquanto o amarelo de seus olhos tornava-se fosforescente.

Eudócia pensou que só mesmo o álcool para provocar aquele rasgo de idealismo no seu homem. Do que será que ele pretendia viver sem o gordo salário de todos os meses e as tantas regalias?

Capítulo XXIV

Que narra como a música indicou a seu Guilherme uma diretriz

Eudócia jamais fora aficionada nos filmes com abertura para a emergência do irracional e onde o "nonsense" era a referência máxima. Para ela, o rigor das imagens propositadamente inacabadas, transmitindo a impressão de que em tudo o que se faz sempre falta alguma coisa, angustiavam-lhe o espírito. Eram os filmes que seguiam as normas clássicas do processo narrativo, ou seja, os filmes com começo, meio e fim e com histórias românticas, os que apreciava, pois se sobrepunham e ajudavam a agüentar a realidade. No entanto, vendo os homens no emaranhado de atos inacabados que não levavam a parte alguma, começou a entender a idéia dos cineastas que seguiam aquela linha. Só que, mais do que nunca, procurava assistir aos filmes que reinventavam a vida de maneira a tirar o espectador da própria realidade e integrar-se na do filme.

Foi seu Guilherme quem percebeu que o "nonsense" tomava conta da Flamingo. No meio daquele turbilhão de atos disparatados, que especialmente a firmeca pensava serem frutos de um plano elaborado com todo o vagar até nos seus pormenores e que não passavam de atos desesperados, ele parou para pensar. E tinha de pensar rápido, pois, seguindo a linha de atos desatinados, um dos seus amigos do órgão jogara-se de pára-quedas de um avião e o pára-quedas não se abriu. Se a estrutura com quem tinham os contatos desmoronasse, seus planos cairiam por terra antes mesmo de serem assentados os alicerces.

Numa das noites em que o grupo não se reuniu em casa de Nelson, seu Guilherme serviu-se de um uísque duplo, pôs no toca-discos peças de Mozart, acreditando que algumas horas de música fossem um bom remédio para as graves sombras de seu espírito. Afundando na cálida maciez da poltrona de couro, colocou o cachimbo fumegando entre os lábios, fechou os olhos e esperou que a música operasse seu inevitável milagre. Veio-lhe à mente a imagem do coronel exposto dentro do ataúde com seu uniforme de guerreiro e suas condecorações de quinquilharia, debaixo do olhar benevolente dos familiares atônitos. Além da vaidade pessoal, o que levaria um homem da sua idade a jogar-se de um avião com um pára-quedas às costas, na tentativa de repetir um ato executado na juventude? Entristeceu ao pensar na morte e rapidamente ingeriu seu uísque. Enquanto a música o embriagava, um redemoinho de perguntas sem respostas giravam em sua mente. Naquela hora, mais do que nunca, era necessário fazer concessões à sensatez. Submetera-se a tantas humilhações, pedindo bolsas de estudo para o filho e o porra não era capaz de resolver aquele problema técnico! Bem que o diretor da firmeca afirmara-lhe que aquelas coisas não se aprendiam na escola, nem mesmo nas boas escolas suíças!

Em seguida acalmou-se pensando que esta era um ocasião privilegiada para pôr à prova a norma moral que fizera sua desde jovem e segundo a qual era preferível compreender a julgar os homens. Diante de toda aquela barafunda de atos onde a única realidade era que não tinham competência para decifrar o truque tecnológico, não se sentia horrorizado, nem indignado, nem muito menos surpreendido. Em vez disto, sentia uma recôndita emoção, uma invencível benevolência misturada de ternura e de piedade quando conjeturou que tinham aquele fato e não adiantava pensar no passado, mas decidir o que fariam para solucionar o problema. Não obstante resolvesse decidir sobre o futuro, a imagem de sua esposa veio-lhe à mente, e pela primeira vez depois de muitos anos pensou nela com carinho. Como era bom o tempo em que

tinha uma companheira que o recebia todas as tardes com jantar e paciência para escutá-lo. Pela primeira vez reconheceu que havia feito dela gato e sapato e lhe deu razão por ter arranjado alguém que também a escutasse e lhe desse um pouco de carinho. Não queria que o filho enveredasse por esse caminho, mas via-o envolvido naquela máquina e negligenciando Eudócia. Ainda bem que apesar de perceber a corte que Paulo fazia à nora, ela não lhe correspondia e em pouco tempo ele desistiria. Sem imaginar que Nelson já conhecia Arlete, seu Guilherme conjecturou que, certos dias, observava um brilho tão intenso nos olhos do filho, que seria capaz de jurar que ele prevaricava. Só o amor clandestino para dar aquele brilho ao olhar.

Lembrou-se também de sua filha, de gênio forte, tão diferente da mãe. Ela havia se casado um pouco antes da morte da mãe. Aquela morte meio inexplicada fez com que se afastasse ainda mais dele. Ao invés de, como ele esperava, se reconciliarem de todos os silêncios mal-entendidos de suas vidas, a filha teve a certeza de que a mãe agira daquela forma por culpa dele. Desde então só a encontrava em enterros e casamentos. Com todos estes percalços de sua vida, ainda queria deixar para o neto que tinha seu nome uma firma de que se orgulhasse. Precisava de calma para organizar um plano de ação e não se deixar levar pelos atos tresloucados que vinham executando.

Precisavam de um plano palpável que lhes permitisse finalmente fincar alicerces por cima dos azares da política e dos horrores das disputas de mercado. Tinham a oferecer um grande trunfo que era a reserva de mercado e precisavam desesperadamente do segredo tecnológico. A firmeca teria todas as comissões dos sistemas vendidos, desde que conseguissem as guias de importação. Sabia que se eles oferecessem aos homens do órgão uma parte destas comissões, teriam conseguido para eles a reserva de mercado. Não fosse a obstinação de honestidade ou burrice do pessoal da firmeca, já o teriam feito. E nunca se pode precisar a hora que as pessoas começam a ter um preço, nem muito menos quando um homem resolve comprar o outro. Portanto tinham de agir com uma certa rapidez. Iria chegar o momento em que o órgão não poderia continuar impedindo as guias, afirmando que havia alguém fabricando as máquinas no Brasil, sem apresentar uma que funcionasse. Tudo o que haviam feito até então lhes havia custado dinheiro e suas reservas estavam nas últimas. Só continuavam porque as comissões empenhadas seriam pagas quando os negócios fossem realizados. No entanto, se qualquer um dos seus contatos do órgão fosse descartado, como o foram vários burocratas do novo regime, a coisa se complicaria. Embora fosse um emprego muito bem pago, Antônio e Nelson tinham de sair da estatal, e de uma vez por todas se dedicar integralmente à própria firma.

Dando um grande gole no seu uísque, seu Guilherme pensou que o fato dos rapazes não terem atinado com o segredo tecnológico, fez com que comesçassem a acreditar que o mundo não passava de um mistério. Para agravar essa idéia, ouviram nas conversas telefônicas que havia uma das esposas dos diretores da firmeca usando o artifício da boneca espetada de alfinetes e todos acreditaram que aquilo só poderia ser contra eles. Como logo a seguir tiveram a péssima experiência de não conseguir descobrir o segredo através do computador do gringo e a notícia que o pára-quadras de um dos homens do órgão não se abriu, atribuíram ambos os fatos aos poderes de feitiçaria daquela mulher desconhecida. Quanto à morte do coronel, seu Guilherme tinha as mesmas dúvidas da nora e conjecturava se aquelas coisas aconteciam pela intervenção do Maligno ou se um mortal qualquer, que tinha interesse que o dito homem saísse de seu caminho, amarrara o pára-quadras de maneira a não abrir na hora necessária. De qualquer forma os jornais noticiaram que seriam nomeadas comissões para apurar o acidente e obviamente, com esta desculpa, contratariam dezenas de pessoas para não descobrir coisa

alguma. O fato era que tinham de resolver a própria situação antes que a estrutura do órgão sofresse qualquer modificação. Seu Guilherme ouvia os últimos trechos da música, quando lhe ocorreu que uma das formas de resolver o problema era arrumar um sócio capitalista que já possuísse uma fábrica ligada à eletrônica ou mesmo à informática e, com isso, conseguir a aproximação com os gringos. Uma transferência de tecnologia em troca da reserva de mercado era a única solução viável para o ponto em que haviam chegado. Ao desligar o toca-discos, seu Guilherme estava feliz por ter encontrado ao menos uma diretriz.

Capítulo XXV

Que narra como os planos do seu Guilherme começaram a ser postos em prática

O amor faz coisas estranhas. Paulo, tão ocupado com seu laboratório, era capaz de encontrar tempo para estar sempre assuntando Nelson e Antônio. Ia à sala de um ou de outro tomar um cafezinho e saber como estava a organização do império. Mesmo mantendo as feições lúgubres enquanto eles falavam o que já era de seu conhecimento, no fundo do coração uma luz de felicidade se acendia. Sabia que, apesar de todos os diplomas emoldurados e pendurados na nova firma, o fato de Nelson não conseguir decifrar aquele problema técnico, o desmerecia aos olhos de Eudócia. Ainda que Teófilo jamais tenha desistido de desentranhar a maçaroca de fiozinhos e pecinhas coloridas e por fim compreendê-los, Paulo sabia que se não haviam conseguido até ali, jamais iriam consegui-lo. Ao mesmo tempo em que conversava com eles, tomava a firme resolução de mudar sua atitude em relação a Eudócia. Não tinha dúvidas de que ela sentia atração por ele. Tentando encontrar onde errara, acreditou que seria melhor passar a tratá-la com um pouco de indiferença e esperar que ela demonstrasse mais claramente os sentimentos.

Foi num dos cafezinhos tomados na firma, que Nelson contou a Paulo a idéia de seu Guilherme de arranjar um sócio capitalista. Com o trunfo da reserva de mercado pretendiam uma sociedade com alguém que já possuísse uma indústria operando na área e quisesse fabricar aquele tipo de equipamento. Munidos da reserva de mercado e da fábrica acenariam para os americanos e, em troca de assinarem as guias possibilitando a realização de todos os negócios pendentes, conseguiriam a transferência de tecnologia. Num suspiro de desabafo, Nelson confessou que seu pai sempre tinha boas idéias e que, no caso, era a única saída viável. Paulo ouviu-o com atenção e também não via outra saída a curto prazo. Sabiam que a persistência da firmeca em abrir mercado havia transformado aquelas máquinas em ferramentas indispensáveis. As firmas que precisavam delas para manter a qualidade de seus produtos frente à competição internacional começavam a fazer pressão para importar. A única coisa que segurava eram as amizades de seu Guilherme com o pessoal do órgão.

Um pouco por compaixão, um pouco para ficar sabendo tudo o que se passava na organização do império, e muito para acompanhar a vida de Eudócia, Paulo começou a procurar entre suas amigas, uma que pudesse ser o sócio sonhado por seu Guilherme. Nos tempos em que não sofria o enfeitiçamento de Eudócia, havia feito programas fabulosos com esposas de altos executivos. Voltar a contactá-las foi uma distração agradável. O campo do amor, era o único em que as amadoras haviam vencido de longe as profissionais. Não havia prostíbulo, por mais sofisticado que fosse, que possuísse uma funcionária capaz de substituir uma mulher de saco cheio do marido. A vontade de auto-afirmação do ego feminino fazia com que mulheres aparentemente bem casadas executassem malabarismos de circo, cheias de ímpetos de potranças xucras, para atingir orgasmos atrás de orgasmos nas camas alheias. E foi com a lembrança de terem sido satisfeitas por Paulo, que diversas esposas de executivos conseguiram encontros de seus maridos com seu Guilherme e o grupo da Flamingo.

Para Eudócia, aqueles encontros eram como se tivesse de casar uma filha com um bom partido, ou seja, alguém munido de um dote que os favorecesse. Quando já se pensava estar com as bodas marcadas, um percalço qualquer os punha outra vez no princípio. Nos encontros que ocorriam em sua casa, enquanto trazia baldes de gelo e limpava os cinzeiros, assustava-se com

os cochichos fugazes e arrufos de noivos com que transcorriam as conversas. Também reparava que seu Guilherme dramatizava sem pudores a ineficiência da firmeza em não querer representá-los, procurando suscitar nos possíveis sócios o mesmo ódio que sentia.

Paulo não perdia encontro. Eudócia o via desenvolto entre os cochichos e arrufos do pessoal, tentando fazê-los mais íntimos e encafifava-se que não lhe desse nenhuma atenção extra. Era educado, beijava-a com afeto, trazendo-a para bem perto dele e falando com mornidão, mas não passava disso. Não fazia a menor insinuação para que fossem almoçar juntos, nem que fizessem outro programa. Munira-se de uma indiferença tão encarniçada que não poderia ser outra coisa que um subterfúgio para dissimular um tormento de amor. Eudócia, vendo só a aparência de suas atitudes, amargava a possibilidade de perder-lhe o carinho. A cada dia esperava suas visitas perplexa com as mudanças de comportamento. E passava o dia todo cuidando de si mesma como jamais o fizera, com a única finalidade de reconquistá-lo. Mas, por mais insinuante que montasse sua figura, não conseguia nada. Paulo não conversava outro assunto que não fosse a formação do império. A cada dia que passava, ela se perguntava se ele se apaixonara por outra e por isto perdera o interesse por ela. Suas suspeitas ficaram ainda mais fortes o dia em que ele displicentemente comentou que havia almoçado com Isabel. Uma facada perfurou o coração de Eudócia. Só então sentiu como lhe fazia falta seu assédio, e como os ciúmes a consumiam. Paulo percebeu nitidamente a chaga que causava e sentiu um incontido desejo de aumentá-la. Comentou, então, que Isabel era uma mulher de fibra. Ganhava o próprio dinheiro e aceitou seu convite sem o menor problema. Neste almoço ela falou-lhe que estava com quase todo o capital para realizar o grande sonho de ter uma boate. Eudócia ouviu-o com galhardia, tentando demonstrar o mínimo possível que suas entranhas se dilaceravam. Mas a partir daquela conversa, passou a se sentir insegura. E foi afundando num mal-estar tão grande que já não suportava as reuniões com possíveis sócios que nunca davam certo. Buscando alcançar uma sintonia entre o "nonsense" que a cada dia mais tomava conta do mundo ao seu redor e o próprio ritmo interior, começou a planejar com Jacira e Marlene a próxima viagem de compras aos Estados Unidos.

Embora Eudócia ainda vivesse a excitação dos planos de enriquecer, tinha mais fé que ela mesma pudesse fazê-lo e de maneiras mais sólidas do que o marido. Talvez pela influência das palavras de Paulo sobre Isabel, contabilizou o capital que havia conseguido com suas viagens e achou que possuía o suficiente para começar um negócio por conta própria. A vida de ficar em casa esperando seu homem enriquecer era tremendamente enfadonha. Se ao menos ela pudesse participar ativamente da empresa, talvez fosse mais interessante. Mas não fazia muito mais do que limpar os cinzeiros e trocar baldes de gelo para que eles pudessem, embalados pelo uísque, seguir as conversas sem fim. Restava-lhe o delírio das compras em Nova York e as consecutivas vendas. O que de qualquer forma era um trabalho divertidíssimo. Mesmo com a empolgação das viagens, todas as manhãs ao abrir as janelas do seu quarto sentia persistir no ar o rescaldo dos amores sem ventura. E mais desanimada ainda se sentia ao ter de admitir que Paulo tinha razão. Apesar do empenho, seu homem não estava se mostrando capaz de construir o império tão falado.

Capítulo XXVI

Que narra como Paulo conseguiu um sócio para a Flamingo

Sem suspeitar que a indiferença encarniçada de Paulo nada mais era do que um subterfúgio para dissimular o tormento de amor, Eudócia surpreendeu-se num profundo estado de melancolia. Despertava todas as manhãs sem uma esperança pessoal de realização, mas pensando o que poderia fazer para encher o dia. Era como a escuridão se materializando num nevoeiro. As horas se arrastavam lentas. A vida tomava um peso insuportável. Embora ela tentasse a cada dia melhorar a aparência a fim de comovê-lo, acabava na frente da TV, vivendo amores por procuração. Por seu lado, Paulo notava que sua indiferença causava em Eudócia mais inquietação do que seus assédios. O fato infundia-lhe audácia para continuar disfarçando as comoções de cada vez que a via, no gosto por magoá-la.

Mais do que nunca Eudócia envolvia-se nos filmes. Deliciava-se nas cenas românticas, mas começava a admirar a vida das mulheres empreendedoras. Gostaria de encontrar uma maneira de deixar de viver tal "script" por procuração, e mergulhar na criação de uma empresa que não só lhe desse dinheiro, mas especialmente a salvasse do tédio. Fora as compras em Nova York, não atinava com outro empreendimento. Cuidar de casa e criar filhos não a enterneciam. A cada dia mais, ela sentia a falta que lhe fazia o amor! Como conseqüência, percebia nitidamente os poderes sobrenaturais da química. As mudanças de comportamento em função das menstruações eram um fato. Chegara a um ponto da vida onde acreditava que ganhar dinheiro talvez fosse a única atividade a superar as confusões dos humores pré-menstruais e os desatinos do amor. Observando as amigas que se desquitavam, chegava à conclusão de que cada pessoa tinha capacidade de produzir certos elementos químicos que atraíam determinadas criaturas. E esses elementos químicos eram responsáveis por boa parte da personalidade, de forma que se atraía quase sempre pessoas com características semelhantes. Na maioria das vezes, contra todos os padrões sonhados, as pessoas atraíam ou eram atraídas por indivíduos exatamente iguais aos que já suportavam e dos quais estavam tentando se livrar.

Na fase de estagnação em que Eudócia se encontrava, a conduta de Paulo fazia com que sua vida desabasse num marasmo. Postergou uma nova viagem de compras. Passava um tempo enorme em "shoppings" ou supermercados, atormentada pelos preços que triplicavam a cada congelamento determinado pelo governo. E assim teria continuado ano após ano, envolta em laçadas de tricô, compras para a casa e filmes românticos, perdendo o mundo de vista, como acontecia com tantas mulheres, se não fosse uma substância química que a impulsionava a meter a cara no mundo. Já não erguia castelos de enriquecimento às custas das maluquices dos homens, nem instigava Nelson a prosseguir com aquela empresa. A possibilidade de enriquecer para valer alvoroçou-a por um bom tempo, fez com que se dedicasse a fazer planos mirabolantes sobre onde e como gastar o dinheiro. Mas as coisas não estavam indo com a rapidez esperada, ou talvez sequer estivessem seguindo. A tempo percebeu que o sonhado império dependia de um minucioso trabalho de contatos eficazes, amizades, conciliábulos e favores que se fazia às pessoas adequadas no momento preciso. E ela sentia que o fato deles não

terem sido capazes de descobrir o segredo tecnológico fazia com que perdessem o bonde naquela empreitada. Tomando alento nos filmes que mostravam mulheres empreendedoras, pensava em fazer alguma coisa que não dependesse de tatear saídas através do absurdo, mas simplesmente do seu trabalho. No entanto, não possuía suficiente entusiasmo, tampouco uma meta definida.

Certa manhã, ao abrir as janelas do seu quarto, por um motivo completamente alheio a tudo o que vivia, pensou no amigo do sogro que caíra do céu com o pára-quadras fechado. Como sempre associava os membros do órgão com tripulantes de um brigue flibusteiro, sorriu ao imaginar um deles caindo do céu e se espatifando no solo. Também o homem do órgão com quem jantara uma única noite lhe parecera um traquejado cavaleiro dos pampas e não um pirata. Mesmo sacralizado por seus poderes, devia viver desgarrado naquele brigue ancorado em Brasília. A união de pessoas tão diversas, num setor estratégico para promover o desenvolvimento tecnológico, devia fazer com que disputassem as glórias e vivessem um descalbro de solidão, sempre apavorados com a próxima puxada de tapete. Claro que antes que ocorresse, coletavam todo o dinheiro possível em benefício próprio. Mas acima de todas aquelas conjecturas, o que mais atormentava Eudócia era a própria tristeza por Paulo estar tão indiferente. Só assim percebia que gostava dele de verdade.

Para seu desespero, era uma época em que o via quase que diariamente, pois o interesse dele em arranjar um sócio para que a organização do império se concretizasse era imbatível. E tanto empenho Paulo pôs na busca, e tanto a Flamingo precisava do sócio, que acabaram por encontrar a pessoa que possuía todos os requisitos de que necessitavam. Com as coisas encaminhadas, seu Guilherme pôde sentar-se em sua poltrona de couro, pegar o uísque e o cachimbo e ligar o toca disco. Desta vez confraternizou-se com Mozart e o destino que haviam premiado sua perseverança não só com um sócio capitalista, mas dono de uma fábrica com ferramental adequado para construir todas as peças que precisassem. Ainda faltava o maldito segredo tecnológico, mas agora tinham o que oferecer aos gringos em troca da transferência de tecnologia.

Capítulo XXVII

Que narra como Isabel acabou atraindo Paulo para sua cama

Tão logo foram feitos todos os trâmites para se oficializar a sociedade, Paulo se sentiu de alguma forma logrado. Fizera tudo aquilo por Eudócia e acabara por ajudar Nelson a galgar mais um degrau em sua empreitada. E o fato de Nelson se sair bem, contava pontos para Eudócia. No entanto, no fundo do coração, acreditava que ela acabaria por reconhecer sua eficiência. Já não a convidava para almoço no motel, nem para coisa alguma. Sentia que sua nova tática de abordá-la com um certo desprezo, lhe causava grande inquietude. Isto lhe dava confiança para pensar que alguma coisa mágica aconteceria e finalmente a colocaria em seus braços. Seguindo a trilha de descobrir aonde errara, policiava o próprio comportamento de tal forma que se tornava hermético, e seu imbatível desejo por ela, fazia com que vivesse fantasias incríveis. Idealizando-a, transformava-a numa mulher coberta por uma nuvem de mistério que o passar dos dias ia tornando mais densa. Nos seus sonhos, as pupilas negras de Eudócia iam tomando uma sigilosa beleza de serpente. Foi nesta época, que numa das conversas com Nelson, ficou sabendo que ele pretendia retornar aos Estados Unidos para visitar mais uma vez a empresa americana e não levaria Eudócia. Paulo estremeceu com a notícia. Só de imaginar que a situação ideal pudesse ocorrer, viu-se acometido do pavor que a voz lhe fugisse e ele nem pudesse dizer a Eudócia quanto a amava. E, pior que isto, aterrava-se com a possibilidade de ocorrer novamente o ato desajeitado do único beijo que tentara. Ao invés de exultar, viveu dias de angústia. Para seu consolo, a viagem de Nelson foi se adiando e, quando finalmente se concretizou, Eudócia, atormentada por sua indiferença, resolveu ir com o marido e levar as sócias.

Enquanto Eudócia tentava esquecer Paulo entregando-se ao delírio das compras, Isabel foi visitar Antônio. Ele estava tão ocupado, sem poder dar-lhe a devida atenção e Paulo convidou-a para jantar. Há algum tempo não fazia um programa decente e achava Isabel suficientemente interessante para entreter-lhe a noite. Ao apanhá-la em casa, impressionou-se com o capricho com que estava vestida. Sentiu-se orgulhoso ao entrar no requintado restaurante com aquela pantera loiríssima que não deixou de chamar a atenção de um único cliente.

No princípio da noite ela lhe contou sua luta para conseguir realizar o sonho de possuir uma boate e ele se interessou. A seguir, ele descreveu-lhe toda a luta para que a Flamingo arranjasse o sócio. Isabel interessava-se bastante pela vida de Antônio e aproveitou para especular sobre os assuntos que ele mantinha em segredo. Ao terminarem de jantar, Paulo ficou meio confuso, sem saber o que fazer com ela. Mas Isabel salvou-o, sugerindo que fossem a uma boate. Ela gostava de conhecer todas as novas casas da cidade a fim de ir tirando idéias para o dia em que a sua fosse uma realidade. Ele encantou-se ao ter sua noite conduzida por ela. No entanto, na hora em que dançavam, tendo abusado da bebida, Paulo não se agüentou e desabafou sua desparatada paixão por Eudócia. Quanto mais tentava tirá-la dos seus pensamentos, mais e mais, ela ia se entranhando em sua alma. Ante os olhos atônitos de Isabel,

acrescentou que não conseguia remediar sua angústia com substituições, por melhores que fossem. Ele, que começara a noite loquaz e com voz de galã, fazia aquela confissão com uma voz que definhava, acabando num ronco de gato asmático. Sem saber ao certo se estava arrependido ou não, acreditou que sua confissão fosse o fim da noite, mas não foi.

Isabel não demonstrou a raiva que sentia por ele estar falando de outra em sua companhia. Não disse uma única palavra de consolo, mas pensou que o obrigaria a podar aquela paixão pela raiz. Pediu café bem forte para os dois e conversou sobre outros assuntos. Com muito carinho, ouviu-o falar do produto mágico que fabricava. Sem demonstrar um único instante de desatenção escutou suas explicações sobre a combinação de elementos, sua metamorfose e especialmente os lucros obtidos com o tal produto. Elogiou-lhe as pretensões alquimistas, tendo o cuidado de não deixá-lo recair no afogadouro de falar de Eudócia. Depois, como se o sonho de ter uma boate já fosse uma realidade, pediu-lhe ajuda para a inauguração. Ele empolgou-se com a quantidade e qualidade de amigos que convidaria para o evento. Ao se dar conta, Paulo estava no apartamento dela. Acabou a noite, que ele já havia dada como perdida, nos braços de Isabel que o desnudou sufocada pela febre da raiva. Indignada com a confissão daquela paixão, ela fez o que pôde para mostrar-lhe que ninguém era insubstituível, e o fez sentir um tal tremor que ele teve de propor ao próprio corpo uma nova acomodação sísmica. Ao dirigir para a casa, Paulo sentiu uma sensação de reconforto. Desde que conhecera Eudócia era a primeira vez que uma mulher lhe causava aquela comoção. Mas, apesar de tudo, tão logo soube que Eudócia chegava de viagem, foi ao aeroporto esperá-la.

Capítulo XXVIII

Que explica como Isabel desancou Eudócia

Tão logo acertaram a sociedade e passaram a fazer parte da diretoria da fábrica do novo sócio, Antônio e Nelson, na sucessão ininterrupta de atos tresloucados, demitiram-se da estatal. Mas chegaram à conclusão de que era a hora de se decidirem e, de uma vez por todas, assumir o projeto de corpo e alma. Quem mais se desesperou foi Paulo, pois não podia ter diariamente notícias de Eudócia. Sentiu-se melancólico com aquela falta. O escritório já não era o mesmo sem a ansiedade de encontrar Nelson e medir as palavras para, sem deixar transparecer o próprio aturdimento, obter-lhe as notícias. Logo em seguida, os escritórios de Nelson e Antônio foram preenchidos com novos contratados, o que aumentou-lhe o tédio. Passar pela casa de Eudócia uma noite ou outra, com a desculpa de saber como ia a sociedade, era a oportunidade que lhe restava para encontrá-la. Nestes encontros estavam todos numa tal euforia com a nova organização da Flamingo que não havia espaço para outro assunto. Paulo continuava com sua atitude de indiferença em relação a ela. Por seu lado, ela se mostrava tão animada com aquele marido finalmente capaz de construir o império com que sonhavam, que ele mais se amofinava.

Numa tarde em que Paulo estava acabrunhado no laboratório, fervendo seus cadinhos, transformando elementos simples num produto tão valioso como o ouro, Isabel foi visitá-lo. Ele assustou-se com sua magreza e a nova cor de seus cabelos, mas não disse nada. Ela fora lá para lhe contar as novidades. Sem dar a devida atenção àquela visita dedicada exclusivamente a ele, num ímpeto que nem ele era capaz de explicar, convidou-a para ir à casa de Eudócia ver as novidades da última viagem. Num esforço sobre-humano para não demonstrar o quanto se enfurecia com a atitude dele, Isabel não titubeou e aceitou. Apesar de tudo, precisava de ajuda para divulgar sua nova casa entre os grã-finos endinheirados. Aproveitou o trajeto para contar-lhe que finalmente comprara a boate, e estava terminando de reformá-la para fazer uma inauguração de arromba. Paulo sorriu, mas Isabel percebeu que sua cabeça já estava em casa de Eudócia. De forma que ele não pôde perceber o brilho que a raiva imprimia nos plácidos olhos de Isabel.

Ao abrir-lhes a porta, Eudócia se assustou, Isabel parecia outra pessoa. Elogiou-lhe a esbelta silhueta, o moreno dos cabelos, sem na realidade saber se aquela nova figura caía-lhe bem ou mal. Só então Paulo, com calma, examinou a figura de Isabel e se assustou. Mas a própria Isabel foi tão convincente em dizer o quanto estava melhor que tanto Eudócia como Paulo acreditaram. Ela explicou que estava fazendo um tratamento médico para emagrecer pois pretendia estar esfuziante para a inauguração da sua boate. Estava trabalhando feito louca na reforma, mas ia finalmente realizar seu sonho. Enquanto Eudócia lhe mostrava o que ainda tinha para vender, Isabel criticou Antônio e Nelson por terem largado o emprego pago pelo Estado. Apesar de realizar seu sonho com a boate, jamais abandonaria uma fonte de renda segura. Ainda mais agora que a Nova República comprava apoios para eleger seus governadores, os salários dos servidores públicos tornavam-se mirabolantes! Ela só pararia de assinar o ponto com uma

gorda aposentadoria.

Eudócia reparou que Isabel estava mais falante do que de costume, mas atribuiu o fato a ela estar finalmente realizando o grande sonho da sua vida. Depois de escolher algumas coisas já pensando na festa da inauguração, Isabel mencionou que tinha outros compromissos e arrastou Paulo para levá-la de volta. Antes de sair, convidou Eudócia para um aperitivo mais a tarde. Eudócia aceitou o convite e Isabel combinou às seis horas no bar de sempre. Sabendo que Paulo não perderia aquela chance, convidou-o também, mas pediu-lhe que chegasse um pouco mais tarde, queria conversar com a amiga, de mulher para mulher! Cheio de ingenuidade, após a desfeita de levar Isabel para a casa de Eudócia, ele nem se preocupou em saber sobre o que versaria a conversa. Levou Isabel e foi para a casa se preparar para o encontro.

Na hora marcada Eudócia chegou ao bar e, ao ver Isabel, mais acostumada com sua magreza, pensou que ela deixara de ser uma loura insinuante para se transformar numa morena comum. Sem pressentir que estava diante de mais um dos fenômenos sobrenaturais da química, Eudócia a escutava. Tão logo ingeriu o primeiro drinque, sua fisionomia transtornou-se e, a seguir, Isabel começou a declinar todos os seus dotes, numa tentativa absurda de endeusar-se. Sempre fora a melhor aluna da classe e entrara para o serviço público por concurso. Aliás, passara em primeiro lugar! Era doutora com várias especializações e por isso seu salário era maior do que os que não possuíam os mesmos títulos. Com o dinheiro que ganhava podia escolher o homem que quisesse, não era mulher que precisasse agüentar marido. Enquanto percebia que a intenção da amiga era dar-lhe uma facada no coração, e recebia-a com bravura, Eudócia observava-a ingerir o segundo drinque com a mesma volúpia com que se tornava mais e mais eloqüente. Em seus olhos, além do vestígio do álcool, empoçava-se um ressentimento contra o mundo que procurava compensar criando para si um fantástico "script". Seguindo uma intenção bem planejada, enumerou suas qualidades de boa amante, explicando o fogo que sentia, só apaziguado por homens fogosos, capazes de malabarismos incríveis. Como golpe fatal, mencionou como Paulo era bom para isso. Enquanto o olhar de Isabel fixava-se na expectativa do desabar da amiga, Eudócia engoliu seu drinque às pressas para atenuar o choque que parecia matá-la. Precisava de um certo aturdimento para tentar compreender aquela mulher que fisicamente já não era Isabel e que tampouco reconhecia espiritualmente.

Num estado calamitoso que tentava disfarçar, Eudócia pediu mais um drinque e ingeriu-o o mais rápido que pôde. Tentava arranjar forças para pensar racionalmente sobre a nova personalidade da amiga quando sua vontade era quebrar-lhe a cara. Isabel continuava discursando desbragadamente sobre as qualidades de Paulo na cama enquanto Eudócia se lembrava dos filmes onde a referência máxima era o "nonsense". Para assistir esse tipo de filme não precisava ir ao cinema, a própria vida mostrava cenas que só se agüentava por não ter outra alternativa. Tentava concentrar os pensamentos, quando uma idéia caiu-lhe na cabeça como um raio. Mais uma vez se deparava com os poderes sobrenaturais da química. No caso, não se devia a um estado pré-menstrual, mas às drogas que emagreciam. Para perder todos aqueles quilos, Isabel deveria estar tomando vários tipos de drogas não só para tirar o apetite, mas para mudar-lhe o metabolismo fazendo o organismo queimar mais calorias. Tais medicamentos por

si só já revolucionavam a química do organismo, associados ao álcool causavam uma considerável alteração da personalidade. Só que apesar de todo aquele racionalismo, Eudócia não conseguia engolir o fato de Paulo ter levado Isabel para a cama. E foi se envenando de tal forma naquele pensamento, que quando Paulo chegou sorridente e perfumado, deparou-se com uma leoa varada por uma lança. Sem dar tempo para coisa alguma, Eudócia levantou-se e disse que não ia atrapalhar-lhes o fim da tarde e muito menos a noite. Sua decisão era tal que Paulo não foi capaz de fazer um único gesto para impedi-la de sair. Fingindo nem notar o abismo de desencanto em que a amiga desabava, Isabel comentou que Eudócia deveria estar enfurecida porque ela lhe contara a magnífica noite de amor que tiveram. E segurando Paulo pela mão, comentou que com certeza a repetiriam.

Enquanto Paulo fazia esforços extremos para, ao mesmo tempo que tentava entender aquela confusão, fazer jus às expectativas de Isabel, Eudócia ia para a casa com uma bile amarga a lhe envenenar o sangue. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto e seu coração era uma chaga aberta enquanto imaginava ter descoberto o porque da indiferença de Paulo. O filho-da-puta dormia com Isabel! Eudócia estava de tal forma transtornada, que não poderia imaginar que, no meio de uma barafunda de pensamentos, Paulo estivesse enternecido, tendo tomado aquele seu intempestivo ato de ir embora, como uma declaração de amor.

Ao chegar em casa, Eudócia disfarçou as lágrimas alegando um resfriado. Encontrou seu Guilherme radiante por ter conseguido um jantar com o pessoal da firmeca. Confusa com a possibilidade de estar assistindo mais uma cena alucinada, concentrou a atenção nos homens. Ouviu o sogro explicar que o sócio capitalista acreditava na própria capacidade de interessar o pessoal da firmeca nas vendas e, com isso, arrancar-lhes o truque tecnológico sem ter de se associar aos gringos. Diante de tanta euforia, a raiva de Eudócia foi arrefecendo. Ficou sabendo então que para o tal jantar haviam sido convidados todos os diretores da firmeca e os diretores da Flamingo com o novo sócio capitalista. Ao mesmo tempo em que mais uma vez reanimavam-se as esperanças de descobrirem o truque, seu Guilherme estava preocupado porque o diretor técnico havia descoberto as escutas na sua linha telefônica.

Capítulo XXIX

Que conta como as partes reuniram-se para um jantar

Enquanto esperavam o jantar onde pretendiam resolver uns tantos problemas, seu Guilherme voltou a ouvir detalhadamente as fitas com as conversas telefônicas da casa do gringo. Jamais perdeu a esperança de que o Espírito Santo lhe soprasse o segredo através daquelas palavras gravadas. Pelo empenho férreo da firmeca em livrá-lo de situações embaraçosas e especialmente em recuperar-lhe o computador, seu Guilherme acreditava que o gringo tivesse algum ouro escondido. E foi com esta idéia que fez com que Nelson e Antônio retornassem ao depósito da receita federal onde estava estocado o computador e, antes que o devolvessem, revirassem novamente todos os arquivos em busca do truque tecnológico. Com novas esperanças, os dois dedicaram alguns dias à tarefa. Um por um, os arquivos foram lidos à exaustão, mas nada de novo foi descoberto. Mesmo com o ânimo abatido, seu Guilherme não desistiu das conversas telefônicas. Decifrava-as com sua invencível imaginação e um pequeno dicionário de inglês, na esperança secreta de que nos colóquios do gringo com a matriz acabasse por ouvir a solução do problema. Empenhava-se daquela forma, não por um mero capricho, mas sabendo que qualquer solução sem a associação oficial com os gringos seria menos onerosa. A associação com a firma americana iria tirar-lhes o poder de decisão e a liberdade de fazer o que bem entendessem.

Nas tediosas tardes em que seu Guilherme passava ouvindo a baboseira daquelas fitas, descobriu que o gringo tentava se livrar de uma série de piranhas que lhe haviam proporcionado fins-de-semana inesquecíveis e noites mirabolantes e que queriam repetir a dose, claro que pagas em dólares. Apesar das dificuldades com o inglês, o que o obrigava a voltar várias vezes as fitas, jamais o ouviu mencionar um único problema técnico com a matriz, só o ouvia reclamar da falta de dinheiro. Ficava estarecido que com todos os extras que as firmas americanas ofereciam para que seus funcionários trabalhassem em países não civilizados, aquele gringo estivesse constantemente duro. De qualquer forma, saber que o homem era louco por dinheiro não deixava de ser um grande trunfo.

Na noite em que finalmente ocorreu o jantar com os diretores da firmeca e o diretor da firma com a qual acabavam de se associar, seu Guilherme preparou-se para engolir aquele ódio ferrenho que nutria não só pelo diretor técnico mas que ia se dilatando por toda a turma da firmeca, e fez das tripas coração para ser simpático. Além do que, como já contava que não fosse conseguir nenhuma associação, tinha o propósito de sentar-se ao lado do gringo e, à medida do possível, sondá-lo. O jantar foi só de homens e Eudócia ficou esperando que retornassem para saber as novidades.

Nelson chegou aniquilado, como todas as vezes que se punha numa missão importante em relação à Flamingo. Contou que apesar dos esforços, especialmente de seu Guilherme, ninguém se abriu. Num determinado momento, como que para arrasar com a pouca camaradagem que conseguiam, Teófilo se pôs a fazer um discurso xenófobo, afirmando que não

assinariam uma única guia para a importação de máquinas americanas uma vez que estavam desenvolvendo melhores aqui no Brasil. O diretor técnico simplesmente o olhou e perguntou se já haviam instalado alguma que funcionasse. Houve um silêncio constrangedor e ao invés de Teófilo se acalmar, pelo contrário, continuou falando como se eles não precisassem de mais nada, soubessem todos os segredos daquelas máquinas e estivessem não só produzindo como pesquisando técnicas mais avançadas. A firmeca possuía motivos de sobra para odiá-los, e o discurso de Teófilo só fez afundá-los no pântano de desgosto por estarem ali participando daquela farsa. O fato de Teófilo reafirmar a impossibilidade de continuarem importando, automaticamente bloqueava-lhes qualquer tipo de camaradagem e conseqüentemente o acesso ao segredo tecnológico. No discurso, estava claro que não cederiam, mas podiam ver um arzinho de superioridade e deboche no rosto do diretor técnico, o que lhes exacerbou o ódio.

Já deitado, com os olhos empoçados num lago de desgosto, Nelson confessou que o jantar fora bem pior do que imaginara. Para completar, ou talvez tenha sido a única maneira que encontrou para calar Teófilo, o sócio capitalista fez com que fosse buscar a conta e preenchesse o cheque que ele assinou. Por fim, mandou que Teófilo levasse o cheque ao caixa e exigisse nota fiscal, deixando bem claro para todos quem pagava as contas. Foi impressionante a bravura com que Teófilo suportou a humilhação frente a todos os olhares da mesa, representando o papel de "boy" do sócio capitalista. Antes de se voltar para o lado e adormecer, Nelson mencionou a boneca de pano com os alfinetes fíncados. Só podia ser uma mandinga das bravas para que nada desse certo!

Apesar de todo o desespero de Nelson, a humilhação de Teófilo punha um sorriso nos lábios de Eudócia. Era engraçado ver uma criatura tão pernóstica como ele, servindo de capacho. O que ela sequer imaginou, era o domínio que o sócio capitalista ia adquirindo sobre Teófilo, a ponto de acabar por fazê-lo desempenhar com bravura o papel de Judas. O entusiasmo com o sócio capitalista durou pouquíssimo. E ela sabia que não era mandinga que desviava os rumos do negócio, mas a falta do malfadado segredo. Eudócia interessava-se pelos negócios não para mais uma vez armar castelos de enriquecimento. Ela o fazia para não sucumbir à desatinada emoção diante de Paulo. Ao mesmo tempo em que quase morria de ódio por saber que ele havia levado Isabel para a cama, pensava que indo para a cama com ele matava dois coelhos com uma só cajadada. Poderia olhar com gosto para o marido ineficiente que fazia de corno, e se vingaria de Isabel. Se fosse para a cama com Paulo, ela estaria fora do páreo. Mas desanimou, Paulo estava indiferente e não iria implorar-lhe um encontro. Como a Flamingo, que não desvendara o segredo a tempo, ela deixara escapar a oportunidade. Cheia de angústia, pensou que ele não mais a queria.

Enquanto os homens continuavam tateando saídas através do absurdo, Eudócia percebia que o egoísmo de Nelson ia se tornando oceânico. A possibilidade de enriquecer, que para ele era uma certeza, exacerbava-lhe os ares de tirano. Chegava a hora que bem entendia, fazia o que queria, nem ligava para os filhos, e ela que estivesse pronta quando ele precisasse apresentar uma esposa e uma família modelo. Então, ele recriava com palavras os filhos e seu grande amor por uma mulher maravilhosa que era ela. Nestas horas, ela parecia agir pela força das palavras

dele, como uma esposa exemplar. E por uns poucos instantes Paulo saía de seus pensamentos.

Capítulo XXX

Que narra como seu Guilherme se chegou ao gringo

Seu Guilherme não perdia a esperança de que o Espírito Santo lhe soprasse o segredo técnico através das escutas telefônicas. O que foi dificultado quando o diretor técnico descobriu as escutas. Ao decidir colocá-las também nas casas dos sócios, quem executou o serviço, fez mal feito e acabou ligando o telefone da casa do diretor técnico à de um vizinho e as conversas passaram a ser ouvidas nas duas casas como se o telefone de um não passasse de uma extensão do outro. No afã de remediar a situação, um técnico não avisado contou-lhes que seus telefones estavam grampeados. Imediatamente atribuíram a safadeza à Flamingo. Desde então, cada vez que falavam em negócios, alguém lembrava: cuidado com o telefone grampeado! De modo que chegou a um ponto onde a única possibilidade do Espírito Santo soprar-lhes o segredo era através das escutas da casa do gringo, que continuou falando como se as ignorasse.

Por diversas vezes, Eudócia fazia companhia a seu Guilherme. Numa das últimas conversas antes de descobrirem as escutas, ouviu uma que a enterneceu. Duas vozes de mulher se queixavam dos maridos que jamais chegavam no horário para que tivessem um jantar como se fossem uma família unida. Seus homens viviam pela firma e elas não passavam de um simples apêndice. Ouvindo-as, Eudócia sentiu-as perdidas na ansiedade de compreender o sentido da própria vida. Uma delas disse que estava tão carente e amolada que nem um amante resolveria. A outra afirmava ter um marido que podia ser considerado bom, e, no entanto, encontrava mais tropeços do que complacências na evocação da sua vida. Eram demasiadas incompreensões recíprocas, brigas inúteis, rancores mal solucionados. Eudócia pensou na incrível possibilidade de alguém ser feliz no meio de tantos percalços e chateações que era a vida cotidiana. Nos problemas dos outros era fácil lidar com os dados e dar conselhos, mas quando se tratava da própria vida, as menores desavenças pareciam chatíssimas e sem solução. Talvez a vida fosse um inferno coletivo, com apenas alguns momentos de glória para uns poucos iluminados. Foi a idéia de que Paulo pudesse lhe dar um destes momentos que a pôs estupefata. Estaria loucamente apaixonada por ele e o deixara escapar para Isabel?

Eudócia penalizava-se de ver o empenho do sogro em desvendar as conversas telefônicas do gringo e muitas vezes ajudava-o aproveitando para melhorar seu inglês. Era incrível que, desprovidos da emoção, ouvidos ali na sala de jantar, os diálogos com as piranhas que mal falavam inglês e os encontros que marcavam não tivessem a menor graça. Às vezes, Eudócia chamava a atenção do sogro para frases que denotavam algum duplo sentido, mas seu Guilherme limitava-se a um sorriso forçado e passava adiante. Sua meta era pegar alguma conversa técnica. No fim de várias semanas naquela luta sem o menor resultado, seu Guilherme percebeu que o gringo estava a fim de se livrar de todas as piranhas que tentavam abocanhá-lo e havia escolhido uma única para se casar e ter filhos e cachorros como todas as famílias da sua terra. Outra coisa que descobriu e jamais entendeu era que o gringo não havia sido convidado a morar no Brasil, o que lhe proporcionaria todas as regalias que os americanos davam a quem

vivia em países não civilizados. O gringo estava aqui como opção de vida! Alguma coisa o atraía nestas paragens exóticas e emaranhadas e, com certeza, não era nenhuma ninfa perfumosa das nossas matas. Seu Guilherme se encaifava. Se tivesse nascido num país rico, jamais pensaria em viver no terceiro mundo, a menos que fosse para rachar de ganhar dinheiro.

Todas estas conjecturas somadas aos pequenos detalhes que se ia descobrindo sobre a vida do gringo, vulnerabilizava-lhe a posição e tornava seu preço mais viável. Seu Guilherme delirou no dia em que ouviu uma conversa em que desabafava com um amigo que, sem as guias para importação, não havia como movimentar o mercado. Mais um pouco a firma americana fecharia o escritório brasileiro e ele teria de retornar. Na matriz, ele já não teria posto dentro da organização, seria encostado até se tocar e arranjar coisa melhor ou seria despedido. Para realizar as vendas, a firmeca não podia fazer coisa alguma. Sem acesso ao órgão, não havia quem lhes aprovasse as guias de importação, tornando seu corpo de vendas totalmente inútil. A única a poder solucionar seus problemas era a Flamingo, pois era ela a possuir a reserva de mercado.

Aquele desabafo do gringo pôs seu Guilherme eufórico. Antes mesmo de consultar os sócios tomou a decisão de lhe propor um encontro. As gravações telefônicas não desvendaram o segredo tecnológico, mas vulnerabilizaram-lhe a posição. Ele precisava mais do que qualquer um das guias de importação, caso contrário a empresa americana se desinteressaria por um mercado neste fim de mundo e ele corria o risco de ser despedido. De qualquer forma, os sócios se encontraram para discutir como o abordariam. Queriam chegar com um tiro certo. Tinham medo de ser surpreendidos por uma pessoa completamente diferente do que a voz insegura que ouviam gravada, e encontrar alguém com o mesmo sorriso irônico-debochado do diretor técnico, que não se comovera nem com a troca de favores, nem com o suborno oferecidos. Acreditavam que tivesse um talento diabólico para manejar segredos sem jamais imaginar que fosse um homem sem segredos. Quando já haviam decidido o encontro, ouviram-no falar com o consulado americano. Havia uma multinacional que, ciente de não haver uma empresa brasileira capaz de atender suas necessidades com uma daquelas máquinas, iria fazer pressão junto ao governo para importar a máquina americana. Seu Guilherme se apavorou. Jogou-se num avião às pressas para falar com o pessoal do órgão. Para amenizar o poder da multinacional, empenhou mais algumas comissões das máquinas que venderiam tão logo descobrissem como fazer as máquinas funcionarem. Ao terem certeza que nem com a pressão daquela multinacional a firmeca conseguiria a guia de importação, munidos da importância que todas aquelas circunstâncias lhes ia conferindo, marcaram o encontro com o gringo. Seu Guilherme fez questão de frisar bem que seria sem o pessoal da firmeca. E haviam feito tantas conjecturas a respeito daquele encontro que quando finalmente se viram diante do evento, ficaram fascinados com a simplicidade do gringo.

Capítulo XXXI

Que explica que também o gringo sonhava com comissões mirabolantes

Na tentativa de evitar qualquer encontro desagradável, a conversa com o gringo foi marcada numa lanchonete. Para o evento, foram designados Nelson e seu Guilherme. Não incluíram Antônio por ele não ser tão ativo na sociedade, tampouco Teófilo para que o gringo não se perdesse na sua oratória desenfreada. Embora já o conhecesse, ao revê-lo numa ocasião tão informal como a lanchonete, seu Guilherme assustou-se com a desolação de sua figura. Era a primeira vez que o via sem estar trajando terno e colete. Usava sapatos com extravagantes solados de borracha, calças jeans e camisa de vaqueiro, e seu caminhar lembrava um marreco perdido. Não parecia transpirar como os demais mortais e cheirava a desodorante. Sua pele clara tinha o leve bronzeado dos que crêem que o esporte é a fonte da juventude. Logo que se acomodaram numa mesa, de acordo com o método que sempre usara para conhecer as pessoas, seu Guilherme falou um pouco de tudo. Só que no caso, era para confirmar o que já sabia. Se para decifrá-lo em inglês, tinha de usar a invencível imaginação e o dicionário, em português era preciso concentração. O gringo falava em rajadas, com palavras aportuguesadas, na toada americana. Logo após o primeiro "milk-shake", perdeu os escrúpulos iniciais e, com uma simplicidade alarmante, tirou de dentro de si tudo o que julgavam tivesse guardado com astúcia. O que para o gringo era tudo, para eles não representava coisa alguma. Ficou logo bem claro que estava desesperado com a impossibilidade de realizar negócios no Brasil e que conhecia pouquíssimas soluções técnicas. Sabia o suficiente para convencer os clientes a comprarem o equipamento.

Enquanto a conversa seguia, seu Guilherme conjecturava que, se pudesse comprar diretamente aquele homem, seria incrivelmente mais barato do que se unir à empresa americana. Ao mencionarem dinheiro, ainda sem oferecê-lo diretamente, só falando sobre as comissões perdidas por desfaçatez da firmeca, o gringo repetiu a palavra na sua língua franzindo o senho, fazendo a boca contrair miudinha e os olhos transtornados foram aos poucos imprimindo às feições o que a coisa tinha de maravilhosa. Foi então que Nelson admirou-lhe o ar civilizado. Após um longo gole no seu segundo "milk-shake", o gringo repetiu a palavra "money" saboreando-a com volúpia. Seu Guilherme percebeu que estavam no caminho certo. Como todo o gringo, também aquele tinha como meta de vida enriquecer, e os fins justificavam qualquer dos meios empregados. Só então seu Guilherme sorveu com gosto o cristal de chopp deixando o líquido geladinho ir lhe relaxando os músculos. Infelizmente não poderiam obter o segredo tecnológico diretamente dele, mas poderiam interessá-lo na aproximação com a empresa americana. Se não tinham outra saída que não fosse a "joint-venture", que fosse num clima de amizade.

Nelson e seu Guilherme terminaram o encontro com o gringo bastante animados. Depois do desastroso jantar, haviam conseguido mais progressos do que imaginaram. Embora não tivessem determinado preços, tinham certeza de que haveria um. Pelo encaminhamento da conversa, sabiam que ele se contentaria com uma parte das comissões a receber pelos negócios que liberassem a importação. Mas o melhor foi perceberem que, em sua ingenuidade, ele acreditasse piamente na cumplicidade da Flamingo com a Divina Providência, e que bastava assinarem um contrato de "joint-venture" onde ofereciam a reserva de mercado em troca da transferência de tecnologia, e todos os pedidos em andamento seriam efetivados pelo simples

acionar de uma varinha de condão. O gringo nem parecia viver neste país e saber que os malabarismos econômicos inventados pelo Estado criavam uma perpétua crise econômica, onde os investimentos eram de alto risco. Não havia firma que não estivesse restringindo os gastos, e depois de tanto tempo sem conseguir a licença de importação, muitas delas cancelariam os pedidos. Além do mais, estando em crise econômica, a última coisa em que se pensava era controlar a qualidade do que se fabricava! Após tantas conjecturas sobre o gringo, seu Guilherme jamais acreditou que bastasse uma conversa para que ele se propusesse a intervir a favor da Flamingo junto à matriz. A única coisa que pediu, foi que não se desligassem da firmeca, o que lhes pareceu impertinente, mas não se opuseram radicalmente. Cada coisa vinha a seu tempo. Pelas conversas, sabiam que o gringo tinha ligações de amizade com os diretores e não podiam acabar com tudo de uma só cajadada. Ao terminar aquela primeira entrevista, seu Guilherme saiu abraçado ao gringo, e continuaram com um bom relacionamento até o dia em que se depararam com tamanhos descabros que o perderam de vista.

Ao saber do sucesso do encontro, Eudócia tentou reavivar na memória o rosto daquele gringo que vira uma única vez na malfadada noite em que fora com Paulo à feira da mecânica. Mas, lembrava-se muito mais do próprio mal-estar do que de qualquer outra coisa. Ouvindo sobre as ganas do gringo em participar da divisão dos lucros, pensou que em meio àquela guerra sórdida criada desde o aparecimento da Flamingo, seu escritório devia ser uma empresa em perpétuo desassossego. E, entre as piranhas sem trégua e a ilusão de se casar e ser pai de família no terceiro mundo, o gringo também estava tateando saídas através do absurdo. Ao pressentir a possibilidade de pôr as mãos em parte das mirabolantes comissões, acreditou estar diante da saída ideal para todos os seus problemas. Tampouco ele hesitaria em puxar o tapete de quem quer que fosse, desde que pusesse a mão na grana! O simples título de "americano" o colocava num nível diferente dos demais imigrantes que haviam chegado do Ocidente ou do Oriente fugindo às pestes, escapando às guerras ou com o lombo arrebatado de trabalhar nos campos de lá e vieram arrebatá-lo aqui e formar a nossa raça. Como os ingleses no século passado, os americanos já chegavam com o nariz em pé, os clubes exclusivos e escolas especiais para os filhos não se misturarem à gentinha da terra. Com um soldo que na sua terra os faria um borra-botas, aqui, os disparates cambiais faziam deles senhores respeitáveis. Diante destes pensamentos, Eudócia suspirou, mas com uma abanada de mão banuiu as más idéias e pensou que se finalmente os negócios se concretizassem, poderia replanejar o que faria com a fortuna que mais uma vez se aproximava.

A partir daquele, os encontros com o gringo foram muitos e variados, e o progresso das negociações era evidente. Tão convencido estava o gringo da cumplicidade da Flamingo com a Divina Providência e tão fascinado com a possibilidade de enriquecer rapidamente, que se transtornou na euforia de realizar o possível e o impossível. Com uma capacidade de trabalho que a Flamingo sequer ouvira falar, se pôs em campo para resolver todos os impasses que se interpunham à realização da "joint-venture" e não teve trégua enquanto não viu sua meta realizada.

Capítulo XXXII

Que trata do empenho do gringo para fazer de um sonho, realidade

Munido de um advogado infalível. Destes que já havia feito contratos pelo mundo todo e jamais tivera um revertério na vida, com a garantia de que absorvida a tecnologia, os sócios brasileiros não tivessem como se desvencilhar da empresa americana, o gringo fez o que pôde para organizar o "joint-venture". A própria Flamingo assustava-se com o empenho férreo que ele possuía para fazer funcionar o esquema bolado por seu Guilherme e chegavam a se perguntar quanto iria custar aquilo. Os sócios da Flamingo, incluindo Teófilo, viajaram para os Estados Unidos a fim de fazer uma visita oficial à diretoria de lá, e o gringo fez das tripas coração para que causassem boa impressão. Mesmo para os impasses que não haviam pensado, inventava uma resposta certa, dando sempre como desculpa as dificuldades com a língua. No acordo, além da troca da tecnologia pela assinatura das licenças de importação, havia a promessa de que o mercado brasileiro absorveria equipamentos orçados em alguns milhares de dólares. Não se tocou na crise econômica que se agravava dia a dia.

A seguir, os americanos envolvidos no projeto vieram para cá, certificar-se de que investiriam bem o dinheiro e a tecnologia. Convencidos pelo próprio gringo da cumplicidade da Flamingo com a Divina Providência, deixaram-se cair nas mãos do sócio capitalista que lhes ofereceu do bom e do melhor. Não pararam um só instante. Visitaram desde firmas importantes e cobras no Butantã, até "shows" com mulatas atrevidas e muito samba. Viram as mansões e as favelas do Morumbi. Compraram incontáveis objetos feitos com borboletas embalsamadas de asas azuis e pedras semipreciosas. Era como se vivessem uma lua-de-mel deslumbrante. Eudócia divertiu-se tanto que se desenvenenou por uns tempos da picada de cobra que sofrera ao saber do caso entre Paulo e Isabel. Apesar de toda a euforia, ela era a única a conjeturar com seus botões que, como ela que acabara por fazer o que mais abominara, ou seja, não passava de governanta dos filhos e do marido, a Flamingo passaria a fazer o que condenara na firmeca. Importando partes da máquina, iriam simplesmente montá-la aqui, sem fazer uso da reserva que previa o desenvolvimento de tecnologia tupiniquim. Enfim, passariam a ser testas-de-ferro dos gringos. Mas o que importava tudo isto diante dos milhares de dólares que mencionavam!

Ao começar as negociações, a Flamingo exigiu que para os negócios já realizados pela firmeca, que não eram completados por falta de licença de importação, a comissão a receber fosse dividida em três. De maneira que a firmeca tivesse um terço e eles os dois terços. Com isto, seu Guilherme acreditava poder pagar todas as dívidas com o pessoal do órgão, o próprio gringo e as demais entidades com que se comprometera. E dali para a frente começariam vida nova sem depender de favores governamentais. Como um tributo à amizade que o diretor técnico lhe dedicara, o gringo fez questão que enquanto as negociações prosseguissem, a firmeca continuasse como representante exclusiva das máquinas que se fabricariam no Brasil. E ele mesmo se empenhou de tal forma em minimizar aquele ódio que julgava descabido, que chegou a conseguir encontros cordiais entre as partes. A Flamingo convenceu-se da necessidade da associação. Tinham de pensar que o maldito diretor técnico sabia fazer a máquina. Nada o impedia de fabricá-la sem usar o nome da firma americana e lançá-la no mercado simultaneamente a eles, com a vantagem da firmeca possuir um corpo de vendas montado no país todo. Sendo representante deles, era mais fácil mantê-lo por um tempo sem se meter na

fabricação. Uma vez que a própria firmeca tivesse concretizado o mercado para eles, ficava fora de propósito lançarem uma máquina igual. Até então, teriam montado o próprio corpo de vendas e seria a hora exata de dar-lhes com o pé na bunda. Alguém aventou a hipótese da firmeca não aceitar as condições que impunham, mas Teófilo acertou ao afirmar que a situação econômica do país se agravava e não estava para se recusar coisa alguma. Mesmo recebendo só um terço das comissões que teriam direito de receber integralmente não fosse o aparecimento da Flamingo, era mais que nada.

Nelson delirava ao comentar com Eudócia a burrice da firmeca. Com tanto dinheiro das comissões nas mãos não foram capazes de oferecer um pouco para que as portas do órgão se levantassem em seu favor! Pagavam com a própria grana os arranjos da Flamingo! Ao vê-lo naquela euforia, com os olhos amarelos brilhando como não via há muito tempo, Eudócia sentiu um certo mal-estar. Não sabia precisar se seu amor por ele esfriara, ou se todo aquele empenho já não a convencia. O fato era que por vezes se lembrava do sortilégio de fincar alfinetes na boneca de pano usado por uma das mulheres da firmeca e pensava se não fora aquilo a desbaratar-lhes os planos. Ocorreu-lhe, então, um sortilégio que diziam infalível para fazer um homem fraquejar na hora do sexo. Era costurar sua foto dentro da boca de um sapo. Imediatamente pensou na possibilidade de usá-lo para que Paulo fraquejasse com Isabel. Mas não iria pôr as mãos num sapo, que lhe causava tanta repulsa, sem saber a receita correta. Podia haver um truque e o resultado não ser o esperado. Comentou com Nelson a respeito da boneca alfinetada, mas ele já não acreditava em qualquer coisas que pudesse se interpor em seus planos. Se tivessem feito alguma feitiçaria contra eles, a coisa já deveria ter esgotado o efeito, agora os caminhos eram irreversíveis!, afirmou cheio de convicção. Eudócia não via a coisa com tanto otimismo, mas deixou-se contaminar por sua euforia. Afinal, mesmo antes de assinar a "joint-venture", os americanos já se haviam juntado a eles. Apesar dos pequenos percalços, continuavam no caminho que haviam traçado. A finalidade maior, que era ganhar dinheiro a rodo, sobrepujava-se aos maus pensamentos, e os dois acabaram se unindo nos sonhos de onde e como iriam gastar tudo aquilo.

Tanto empenho o gringo pôs para que tudo funcionasse, que mesmo ficando claro que o mercado brasileiro já não era capaz de absorver os milhares de dólares prometidos, como último esforço, conseguiu que enviassem um técnico para ensinar o tal segredo tecnológico. No dia em que a companhia americana enviou um técnico que, como se tirasse um coelho da cartola, fez o aparelho funcionar, os sócios da Flamingo ficaram boquiabertos. Teófilo chegou a ter um ataque de nostalgia pensando que por ser a coisa tão simples, era inacreditável que não tivessem atinado com ela.

A firmeca, com a liberação das guias, pôde concretizar alguns negócios pendentes. A crise que o país atravessava, apesar do empenho férreo do gringo, não permitiu que as vendas fossem o que sonhavam e conseqüentemente as comissões não foram mirabolantes. Seu Guilherme não recebeu os dois terços da grana porque o gringo bateu pé para obter um terço para si. O que recebeu não foi suficiente para se pôr em dia com os compromissos assumidos. Teve de vender algumas propriedades que pensou reaver em pouco tempo. Com o que conseguiu entre comissões e vendas de propriedades ficava quites com o mundo e, embora com um certo sufoco financeiro, iam assentar os alicerces do império. A empresa americana, sem que no momento atinassem porque, transferiu a tecnologia daquela máquina sem concretizar a "joint-venture" e sem investir um único dólar. O sócio capitalista estava um pouco preocupado com os custos, mas de alguma forma feliz com a tecnologia adquirida. A sociedade parecia

perfeita. Seu Guilherme chegava no fim da tarde em casa do filho e, com o sorriso estampado na face, tomava um aperitivo deliciando-se com Mozart ou Bethoven e aproveitava para introduzir o neto nos deleites da boa música.

E foi quando tudo corria às mil maravilhas e parecia que iria correr até o fim dos tempos que uma puxada de tapete reverteu-lhes a vida.

Capítulo XXXIII **Que fala de Teófilo**

Dentro de sua casca grossa de xenófobo sem alma, Teófilo carregava escondido um lunático genial, graças a quem os demais sócios viram a máquina construída. Seu único desalento com o destino foi este não lhe ter premiado com o dom de descobrir por si o segredo tecnológico. Desde que se cogitou aquela empresa, as horas que ficavam livres entre o entediante trabalho na multinacional, as raríssimas ocupações domésticas e a idéia de dar aulas numa tentativa desatinada de catequizar um pouco a juventude, consagrou-as de corpo e alma à construção da máquina. Foi ele o primeiro a acreditar naquele projeto com tanta fé que se demitiu do bem remunerado emprego e dedicou-se somente a Flamingo muito antes que Antônio e Nelson deixassem a estatal. Embora fosse seu Guilherme a ter nas mãos os trunfos e favores do órgão federal, seu talento criador e seu invencível espírito de empreendimento o converteram rapidamente no líder da sociedade. Não foram raras as vezes em que seu Guilherme se aconselhara e tomara decisões com Teófilo, pois ele próprio não acreditava no talento dos outros sócios.

Teófilo havia saído do nada e conseguido chegar aonde chegara por seus próprios méritos e um sacrifício indômito da mãe a fim de que estudasse tudo o que estudou. Jamais fora mau agradecido e amparou-a até o fim da vida. Mesmo contra todos os rogos de Jacira, levou-a para viver em sua casa. Ter escolhido Jacira para esposa, talvez tenha sido um dos tantos desafios a que se propusera na vida. Atrás de sua aparência simples e do gosto por trabalhos manuais, Jacira tinha exigências de rainha entronada. Simplesmente não era capaz de entender a vida sem cozinheira de forno e fogão, arrumadeiras diligentes o dia todo às suas ordens, o último modelo de carro substituído a cada ano, os filhos estudando nas melhores escolas e deitar-se em lençóis de linho ou cetim. Se Teófilo já possuía idéias de grandeza, a fim de comprazer a esposa tornou-se um indômito trabalhador. Todo aquele que se atravessou em seu caminho, sofreu as conseqüências de uma determinação férrea, capaz de qualquer coisa para atingir seus fins. Não admitia a idéia de dizer não aos caprichos da esposa. Tinha a vaidade de satisfazê-los. E ela, pouco a pouco, foi tomando ares de rainha benévola, destas que se vêem nos livros da antiga história européia.

Teófilo gostava de sua casa luminosa e fresca, e orgulhava-se dos primores artesanais que sua esposa escolhia a dedo e colocava nos locais mais acertados. Quando tinham convidados que sabiam apreciar-lhes o bom gosto, entusiasmava-se e soltava a oratória desenfreada. Com uma voz que os anos iam tornando uma trovada e que só a ele podia pertencer, narrava com detalhes a história de todos os seus móveis assinados, tapetes persas, esculturas raras e gobelinos que sua adorada esposa executava, e se embarafustava pelo relato de novos e numerosos projetos que realizariam num futuro próximo. Não fosse o seu hálito de cozeiro que acabava por deformar os objetos, teria em Eudócia uma ouvinte incansável, pois era apreciadora de boas coisas e gostava das histórias. Mas o hálito de Teófilo associado à sua mania de revolução e ódio verbal do capitalismo, sempre a espantou.

Por sua maneira de ser, era o único a se dedicar de corpo e alma e a conhecer todos os meandros e segredos da empresa. Nada lhe passava despercebido. Desempenhou todas as funções sem cobrar a falta dos outros, com uma capacidade admirável, estudando cada fio daquela urdidura misteriosa que para ele era um livro aberto. E era durante os ócios do coração,

quando após o jantar sentava-se em sua poltrona predileta e desabotoava as calças para pensar melhor, que foi formando a respeito dos sócios a idéia de que eram mais sonhadores do que empresários. No começo, mais do que nunca, ele precisara dos sonhadores, especialmente seu Guilherme que sabia se movimentar naquela rede diabólica de armadilhas dissimuladas e cachorradas subterrâneas que eram os órgãos estatais. Quando tudo se organizou com o novo sócio capitalista e o enigma do truque finalmente se desvendou, Antônio, Nelson e seu Guilherme não passavam de figuras decorativas. Já não precisavam nem de sonhadores, nem de manipuladores de favores do órgão e muito menos de figuras decorativas. O pobre gringo, que acreditara na cumplicidade deles com a Divina Providência e que saíra como um Quixote a derrubar castelos, adquiriu uma úlcera estomacal ao perceber que os castelos não passavam de cenários, mas pôde tratá-la em bons médicos com as comissões exigidas. O sócio capitalista, com o pragmatismo dos empresários que não pertenciam às estatais, não tinha porquê manter figuras decorativas. Teófilo tinha os pés no chão o suficiente para perceber que a Flamingo teria sido um ótimo negócio se tivessem feito a máquina funcionar em tempo, e tivessem sido os únicos no mercado. Com tanta gente envolvida nos lucros, não era viável o império com que sonharam. Para que uns poucos sobrevivessem, era preciso cortar algumas cabeças.

Capítulo XXXIV
Que trata do dia da tragédia

Na última reunião da diretoria em que compareceram, com postura acadêmica e voz cavernosa, um dos membros deu a notícia que Nelson, Antônio e seu Guilherme seriam destituídos dos cargos de diretores por decisão da maioria. Sem plena compreensão do que ouvia, Nelson levantou-se como um boneco de molas. A princípio aterrorizado e a seguir atônito, lançou um olhar de desamparo ao pai e a Antônio. Foi só neste momento que, veloz e mortífera como uma picada de cobra, a suspeita assaltou a mente de seu Guilherme. Sentindo que o silêncio da sala se havia eletrizado, e sem ainda acreditar no que estava acontecendo, seus olhos encontraram o filho. Nelson tinha os olhos incredulamente abertos, a boca torcida num esgar que dava a seu rosto uma expressão absurda, e estava branco como um morto. Esquadrinhando com ódio cada participante da reunião, esperou que a realidade se materializasse e certificou-se de que Teófilo era o único ausente. Com um soco na mesa que fez com que o filho caísse sentado na cadeira e a sala estremecesse, esbravejou lastimando a ausência do filho-da-puta que os havia traído.

Ao ver o marido e o sogro entrarem em casa, Eudócia se assustou, tal a fidelidade com que havia ficado plasmado o horror do instante na expressão dos dois. Os rostos de Nelson e de seu Guilherme estavam deformados pela dor. Em seus olhos havia empoçado um ódio oceânico. Eudócia correu preparar-lhes uma infusão de erva-cidreira que não foi suficiente para entreter-lhes os nervos. Ela começava a ficar desesperada para saber o que houvera, mas os dois mantinham-se mudos. Sem saber por onde começar, ela trouxe a garrafa de uísque e o balde de gelo e serviu duas doses generosas na esperança de que o álcool fosse mais eficiente do que o chá. Eles o emborcaram de um gole. Ela serviu outra dose. Nas veias avermelhadas que lhes surgiam no branco dos olhos, o álcool e a raiva pareciam ir aumentando em doses idênticas, até que numa explosão de ódio, seu Guilherme começou a reagir. Falava em rajadas tentando explicar a Eudócia que haviam sido destituídos de seus cargos de diretores. Continuavam sócios com uma porcentagem de merda, seriam convocados para as reuniões de acionistas uma vez por ano, mas. . .

E enquanto ele continuava a explicar que jamais construiriam o império para o neto, Eudócia visualizou a boneca estripada pelos alfinetes. E foi quando seu Guilherme parou de falar, sem ter conseguido explicar um fato que para ele mesmo não tinha explicação, que Eudócia notou dois fíozinhos de baba pendurados nos lábios do marido. Sua expressão era grotesca. Nelson olhava sem ver e, ao tentar se levantar, suas pernas não o sustentaram. Eudócia e seu Guilherme tiveram de pegá-lo pelos braços e levantá-lo pelos ombros. Conseguiram que se dirigisse para o quarto. Nelson se balançava como um boneco de pano e ameaçava cair de bruços a cada movimento. Antes de se atirar na cama, conseguiu se debruçar na janela e vomitou em golfadas que apavoraram os cachorros do lado de fora. Atônitos que estavam, seu Guilherme e Eudócia deixaram Nelson em estado de estupor na cama e atenderam ao chamado da empregada dirigindo-se ao jantar com as crianças. Sem conseguir manter nenhum assunto, Eudócia deixou o silêncio eletrificado tomar conta da sala enquanto olhava "A Pesca Milagrosa". Viu os apóstolos se esfalfando para puxar a rede das águas sob o olhar divino-satânico de Cristo e pensou no próprio barco em que estava e que começava a sucumbir. E não havia Cristo com o dedo em riste que ordenasse calma às vagas tenebrosas a fim de que

conseguissem se safar com a rede cheia. Seu Guilherme mal provou a comida. Passou o jantar cabisbaixo, sem olhar para o neto. Sua simples presença fazia com que se envergonhasse. Terminado o jantar, anunciou que dormiria ali mesmo para ajudar caso o filho piorasse.

Nelson, como se tivesse adentrado um estado catatônico, não se mexeu a noite inteira. Quando na manhã seguinte, Eudócia tentou acordá-lo, percebeu que ele abria os olhos, revirava-os nas órbitas, mas estava mudo e agarrado à cama com a musculatura tensa e estática. Seu Guilherme já havia saído do próprio pasmo e tentava ajudar o filho que não reagia. Estava de tal maneira enrijecido que não tiveram outro recurso senão chamar o pronto-socorro. Dois enfermeiros com músculos de estivador e paciência de Jó não foram capazes de desenroscá-lo da cama. Diante daquela evidência, seu Guilherme caiu num pranto de carpideira. Os enfermeiros, orientados pelo médico aplicaram uma injeção em Nelson que lhe relaxou os músculos em questão de segundos, e outra em seu Guilherme que adormeceu no sofá mesmo, onde acordou três dias depois num charco de lama podre que Eudócia nem se preocupou em saber se era de urina, vômito ou lágrimas. Recém voltava do hospital para onde fora levado o marido e mandou que o sogro tomasse um bom banho e que as empregadas levassem o sofá para o quintal e o lavassem com esguicho.

Nelson permaneceu no hospital por vários dias mudo como uma porta. Aos poucos foi recuperando os movimentos, mas não a voz ou a vontade de falar. Recobrado do efeito da injeção, seu Guilherme tomou o banho, comeu como um leão e quis ver o filho. Eudócia levou-o ao hospital. Mesmo sendo advertido sobre o estado de Nelson, ao vê-lo, seu Guilherme não conseguiu conter um espasmo de dor que se manifestou num soluço. Desesperou-se com sua figura esquelética e muda. Usou de todos os recursos para fazê-lo falar, desde sustos até ameaças, mas nada fez efeito. Foi então que teve a idéia que imaginou que o salvaria e que acabou por desancar completamente com o filho.

Capítulo XXXV

Que trata de mais um dos mirabolantes planos de seu Guilherme

Para expor aquele plano tão delicado à nora, seu Guilherme esperou até o fim do jantar, durante o qual, olhou todo o tempo para o neto com olhos empoçados de lágrimas. Ao terminarem, foi para a cadeira de couro levando o cachimbo e a sobremesa que era um pedaço de pudim de coco. O relógio já dava nove horas. Afundou-se na poltrona, mas não ligou a música. Eudócia sentou-se à sua frente e observou-o comer com fastio, como se o pudim fosse apenas um recurso para ocupar-lhe os sentidos. Apesar da sua curiosidade em conhecer o plano, deixava o sogro contar a própria história, perdendo-se em labirintos do passado, cheio de um entusiasmo nostálgico que o fazia parecer muito mais maltratado e envelhecido do que o dia em que pela última vez saiu de casa para ir à firma no cargo de diretor. Estava claro que naquela hora, seu Guilherme tinha desejos de recordar. Enquanto o fazia, Eudócia tinha a impressão de que durante os anos gastos na formação do império sonhado, ele havia permanecido numa só idade estática e sem tempo e, que aquela noite, ao recitar o monólogo que só Eudócia ouvia, punha outra vez em movimento seu tempo pessoal, e começava a padecer de seu longamente adiado processo de envelhecimento. Falava num tom de voz mesclado de precisão e vacuidade, como se naquilo que recordava houvesse muito de uma incrível lenda e como se o transcorrer do tempo houvesse convertido a lenda numa realidade remota, mas dificilmente capaz de ser esquecida. Enquanto seu Guilherme falava, ela pensava no marido no hospital e pegou a garrafa de licor de anis e foi emborcando cálice atrás de cálice enquanto atenciosamente o escutava. E ele falava as coisas com um tal desejo de vivê-las novamente, ou com a dor que causava a evidência de que nunca mais voltaria a vivê-las que Eudócia pensou que apesar de tudo, aquele homem intrépido merecia que lhe escrevessem a vida em versos, mesmo que fosse sobre seu talento diabólico para manejar favores e amizades convenientes nas horas precisas.

Foi naquele desabafar sem amarras que seu Guilherme mencionou Arlete, a amante de Nelson. Eudócia, que já flutuava nos vapores do álcool, engasgou-se com o licor a ponto de se sentir asfíxiada. Por um instante, seu Guilherme olhou os olhos de cobra da nora e teve a certeza de que com ela, o filho jamais conhecera a explosão instantânea da felicidade. Via-lhe os olhos distintos dos de Arlete, sempre tão meigos. Eudócia estava de tal forma atônita com aquela revelação que ao se recuperar da engasgada, sentiu uma reação muito próxima às comoções do amor, só que desta vez desabava pelos abismo do desencanto. Foi então que seu Guilherme, totalmente entregue a si mesmo e sem a menor percepção do que se passava com a nora, disse que vinha pensando em pedir o auxílio de Arlete, convencido da eficácia dos conselhos vindos de lábios que conheciam a clandestinidade compartilhada. Acreditava que a amante tinha maiores possibilidades de tirá-lo daquela dor. Aturdida, Eudócia se deixava afundar no pantanal das bebedeiras provocadas por bebidas doces como o licor de anis e concordava com tudo. Sabia que no dia seguinte sentiria uma dor de cabeça tão forte que não poderia pensar em nada. Seu Guilherme continuou seu monólogo e ela pensou em Paulo. Perdoou-o por ter ido para a cama com Isabel e arrependeu-se amargamente de não ter aceitado seu convite para o motel. Naquela hora, se pudesse se vingar com o pensamento que o marido também era corno, daria uma trégua à própria dor. Continuou ouvindo o sogro tentando explicar fatos que dispensavam explicação enquanto ia bebericando o licor até sentir que as imagens saíam de foco e as forças se esvaíam. Então, largou o sogro com seu monólogo, foi para o quarto e atirou-se na cama.

Dormiu um sono conturbado, do qual despertou diversas vezes com taquicardia e suores abrasivos que em pouco tempo esfriavam e causavam-lhe calafrios.

No dia seguinte, só depois do almoço, Eudócia conseguiu se levantar do charco de uma ressaca visguenta para ir ao hospital. Seu Guilherme foi com ela e, durante o trajeto, explicou-lhe detalhadamente seu plano. Ele iria falar com Arlete e quando Nelson saísse do hospital, contratariam a ambulância para trazê-lo. Então ele, Eudócia e Arlete o esperariam. Ao entrar em casa, Nelson saberia instantaneamente que Eudócia havia tomado conhecimento de suas prevaricações e aceitava-as por amor a ele. Levariam Nelson para o quarto e deixariam que Arlete conversasse a sós com ele. Se preciso fosse, ela viria todas as tardes até que os nervos dele estivessem recuperados. Sabia que pedia a Eudócia um sacrifício monumental, mas ela poderia ter certeza que Deus o levaria em consideração na hora do julgamento final. Mesmo que seu amor por ele não fosse tão encalorado como no princípio, aceitar a amante em sua própria casa era uma terrível humilhação, mas implorava-lhe que o fizesse. Acreditava de todo o coração que aquele era um plano que salvaria o filho do desespero depois da descabida traição de Teófilo.

Estupefata, Eudócia aceitou aquele disparate sem nem ao menos ter certeza se queria que desse certo ou se torcia para, de uma vez por todas, ir tudo pelos ares.

Capítulo XXXVI

Que narra como mais um plano de seu Guilherme foi pelos ares

Eudócia tentou levar o caso da amante na brincadeira como tudo o que não queria discutir, mas alguma coisa a roía por dentro. Seu coração foi tomado por um sobressalto de curiosidade. Quem seria a mulher que copulara com Nelson por tanto tempo, e que jamais deixara um rastro? Mais encafifada ainda ficou ao pensar que os encontros só poderiam ocorrer na hora do almoço em algum motel. Enquanto se deixara levar pelas cenas românticas, vivendo amores por procuração, o marido arranjava uma figura real para dar vazão à sexualidade. Como seu Guilherme, que manejava um emaranhado de amizades e favores para puxar o tapete da firmeca, Nelson levou magistralmente a vida fora de casa para que ela não percebesse suas prevaricações. Ciente do fato, perguntava-se se a amante seria mais bonita e insinuante do que ela, se vestia-se com mais requinte. E o que mais lhe martelava a cabeça era saber a que horas copulavam. Uma espiral de dúvidas e perguntas alvoroçou-lhe de tal forma a imaginação, que no dia previsto para que Nelson saísse do hospital, estava mais curiosa em conhecer a amante do que em saber se o marido voltaria recuperado.

Quando Arlete entrou pela porta e foi recebida por seu Guilherme como velha amiga, Eudócia sentiu um abalo sísmico perpassar-lhe as entranhas. Ela era um tipo franzino, sem peito, sem bunda, sem coxas. Um rosto diáfano que não era feio, mas sem um único traço que chamasse a atenção. Então a tão sigilosa amante era aquele tipo totalmente inexpressivo! Eudócia constatou e tirou da cabeça toda e qualquer preocupação com o horário em que copulavam. Jamais soube que a primeira vez em que a vira na estatal, nestes trens de contratações para cargos que não exigiam nada além de buscar o salário no fim do mês, Nelson penalizou-se ao vê-la tentando fazer alguma coisa. E aquele sentimento de piedade foi tão forte que no afã de convencê-la a só assinar o ponto e ocupar o dia com coisas mais prazerosas, acabou por levá-la almoçar e, a seguir, despiu-a num motel. E ela entranhou-se de tal forma em sua vida que, em sua casa, ele se deitava rezando para que a noite passasse rápido e que chegasse a hora do almoço do dia seguinte para que pudesse novamente encontrá-la. E nesse atordoamento que era a espera do dia seguinte, a fim de que o tempo passasse mais depressa, ele se lançava de corpo e alma ao trabalho.

No dia em que recebeu alta, Nelson talvez tivesse deixado o hospital pensando em Arlete. Aliás, pensava muitas coisas confusas e ela era uma delas. O fato de chegar em casa e encontrá-la ao lado do pai e da esposa agiu sobre ele como um abalo de terror. Passado o efeito do primeiro impacto, a reação de Nelson foi de cólera. Ao ver a amante em sua casa, pensou que até ela lhe puxava o tapete, saindo da clandestinidade tão privada e gostosa. Ao invés de se dirigirem ao quarto para dar continuidade ao plano, não houve quem o convencesse, e muito menos quem o segurasse quando Nelson se pôs a dar murros nas paredes até lhe sangrarem os nós dos dedos. Pela primeira vez desde que enrijecera na cama e fora para o hospital, ouviram-lhe a voz que urrava impropérios. Os enfermeiros apavorados tiveram de intervir e, depois de um grande esforço para segurá-lo, aplicaram-lhe um calmante na veia. Arriando, ele se sentou no sofá com os olhos estatelados, e Eudócia percebeu que seu rosto ainda mantinha plasmado com fidelidade o horror do instante da revelação que Teófilo os traíra. Sem mudar a expressão, ele chorava por dentro, afundado na dor e no gelo, cuspidando blasfêmias de estivador contra a esposa, contra a amante, contra o pai, contra o amigo traidor e especialmente contra

Deus por ter permitido tudo aquilo. No meio daquela barafunda de idéias, sentiu-se idêntico à própria mãe. Pela primeira vez teve consciência de que prevaricava como ela e, à consciência desse fato se somava então a consciência de ser tão mortal como ela. Lembrou-se também da conversa que incluía a boneca com os alfinetes espetados e praguejou, com todos os impérios do mundo, que se alguém fizera feitiçaria contra ele, que esse alguém acabasse os dias entrevado na cama!

Eudócia, seu Guilherme e Arlete passaram um tempo que lhes pareceu infinito, com o rosto lívido e os lábios petrificados de medo enquanto ouviam todos os disparates. Quando Nelson finalmente se calou, ninguém teve coragem de mover um dedo, com a impressão de que o menor movimento causaria um abalo sísmico. Foi quando uma empregada entrou para dizer que as crianças estavam com fome e perguntar se podiam servir o jantar que Nelson incorporou a nova personalidade. Observaram-no enquanto se levantava como um boneco de molas. Tinha-se a impressão de que as calças iam revoar e cair, por falta de um corpo sólido onde pudessem se sustentar. Havia emagrecido brutalmente. Em seu rosto, já não havia vestígios do toque altaneiro que tivera na juventude, mas a expressão abúlica e fatigada do homem que não sabe o que será de sua vida no minuto seguinte, nem tem o menor interesse em sabê-lo. Lentamente, ele moveu as pernas e dirigiu-se para o escritório. Com a cabeça ligeiramente inclinada para trás e um pouco de lado, olhando de través, com uma mistura de desconfiança e miopia, deu a primeira volta ao redor da mesa.

Percebendo que não tinha mais nada a fazer ali, apavorada que Nelson começasse a esbravejar novamente, Arlete aproveitou para se desvencilhar daquele amante que já esgotara as promessas de que se separaria da mulher para se casar com ela. Despediu-se abraçando Eudócia e seu Guilherme com um gesto de solidariedade bastante sincero, pois, naquela hora, a última coisa que desejava na vida era estar casada com aquele trapo humano. Eudócia e seu Guilherme jantaram com as crianças, já sem o menor escrúpulo de esconder delas que não só o império jamais seria construído, como Nelson não tinha estrutura para enfrentar a vida de frente.

Capítulo XXXVII **Que fala de como Eudócia pensou Arlete**

Debalde, Eudócia e seu Guilherme tentaram convencer Nelson a comer alguma coisa ou ir para o quarto e deitar. Ele continuou no escritório, dando voltas ao redor da mesa. Seu Guilherme, mais uma vez ficou para dormir, e desde então jamais dormiu em outra casa que não a do filho. Eudócia foi para seu quarto, deitou-se exausta com aquele lodaçal de insensatez que tentava sugá-la, mas não dormiu. Depois de ter matado a curiosidade de saber quem era a amante do marido, que conseguiu existir sem que ela sequer suspeitasse, teve uma crise de melancolia que parecia roer-lhe as entranhas. Com os olhos pregados no teto, perguntava-se como aquele homem tão empenhado em enriquecer e criar uma empresa fantástica arranjava tempo para outra mulher? Afinal um relacionamento clandestino exigia tempo. Jamais percebera um atraso, uma palavra incriminadora, um fio de cabelo que fosse! Desde o dia em que seu Guilherme apareceu com o calhamaço tecnológico e Nelson empolgou-se com a criação do império, vira-o sair eufórico todas as manhãs. Nunca vinha almoçar porque a firma não era próxima de sua casa. As poucas vezes que se atrasara à noite, tinha sempre uma desculpa plausível. As noites em que não jantavam fora ou saíam juntos para algum compromisso, reuniam-se em sua casa. Não conseguia situar aquela mulher na vida do marido. Nelson sempre compartilhou com ela a idéia de que a partir do crepúsculo, o dia começava a ser propício para o amor. Como poderia ter se metido na situação de fazer amor nas poucas horas que tinha para almoço? Aturdida, Eudócia não conseguia pegar no sono perguntando-se como Nelson escamoteara aquela relação que lhe parecia de tão longa data!

Sabia-se que Antônio jamais abandonara seu relacionamento com Isabel. Ninguém comentava o fato diretamente com Marlene, mas nas conversas, surgia sempre uma palavra dúbia, encriminadora. Por vezes parecia que Marlene ia descobrir tudo, e ela revirava os olhos e falava de outra coisa. Quem sabe a vida era boa assim e fingia não saber. Era bem provável que os amigos de Eudócia soubessem do relacionamento de Nelson e Arlete e pensassem que ela se fazia de ingênua para tirar proveito da situação. Com certeza, estivera tão aturdida com seu desejo por Paulo que fora fácil ludibriá-la. As idéias não a afligiam mas faziam-na compor um roteiro que não havia cogitado anteriormente. Ao recordar os argumentos infundados que o sogro usara para persuadi-la da importância daquela mulher vir dar seu apoio a Nelson, esconjurou a própria burrice em ter concordado com tamanha farsa.

No fim de tudo, sabia que a melhor coisa foi ter ignorado as prevaricações do marido. Teria sido horrível viver buscando provas. No entanto, atizada pelo suplício de saber, começou a esgaravatar a memória para descobrir as mudanças operadas nele, e caso houvesse alguma, quando começou. Por mais que se esforçasse só conseguia perceber duas fases muito nítidas. Uma desde que o conhecera até o dia em que tomou o malfadado champanhe no casamento. Outra, desde que tivera a idéia de construir a maldita geringonça até o dia em que fora destituído do cargo de diretor da firma e deixara aflorar a esquizofrenia. Na primeira fase, imaginou-o um homem maravilhoso, e na segunda o viu como um egoísta cheio de gestos de tirano. Provavelmente ele não mudara, sempre foi o que tinha sido, fora ela a perder o encanto. Pensou então nele na fase da criação do império, em seu alvoroço compartilhado com ela, com a família e com os amigos. Será que também com Arlete fazia planos de onde e como gastariam o dinheiro? Diante desta questão, Eudócia sentiu uma certa felicidade por não tê-lo ganho. Jamais

sobreviveria à humilhação de ter de dividi-lo com Arlete ou qualquer outra mulher.

Mais uma vez voltou a pensar em onde e quando o marido começou aquele relacionamento. Lembrou-se de épocas em que andou evasivo, inapetente na mesa e na cama, mas não acreditava serem provas decisivas da prevaricação, pois a ela também ocorriam aquelas fases. Sentiu então o mesmo arrepio gelado que sentira na noite em que acordara sobressaltada por um estado fantasmagórico, e era Nelson fitando-a na escuridão daquele mesmo quarto com os olhos que pareciam carregados de ódio. O fato ocorrera quase que simultaneamente à criação da Flamingo e a euforia que se seguiu fez com que pensasse que era somente um dos seus estados pré-menstruais e os conseqüentes desassossegos químicos. Sem sequer imaginar que aquela fora a noite que se seguira ao dia em que Arlete entrara na vida de Nelson, achou que ali já existisse a outra e ela não soubesse. Pensou e repensou até que esgotada, desistiu. Cheia de ódio por si mesma aceitou que fora feita de idiota a vida toda e odiou-se mais ainda por não ter ido almoçar com Paulo. Se tivesse aceitado um dos seus convites e pudesse olhar o marido como corno, enfrentaria muito melhor a humilhação. Estirada na cama, olhando o teto, teve a revelação completa da magnitude da ironia da vida. Por pouco, Arlete não lhe havia puxado o tapete e ela ficaria sem o marido que, por pior que fosse, a sustentara por longos anos num padrão digno de altos funcionários do Estado. Eudócia adormeceu ruminando um ódio feroz por Arlete, e de alguma forma regozijando-se de que nenhuma das duas pusera as mãos nos tão falados milhares de dólares.

No dia seguinte teve tantos afazeres para resolver as catástrofes domésticas, que não voltou a pensar no assunto e, ao passar pelo escritório só teve tempo de dizer: pobre homem!

Capítulo XXXVIII
Que conta a visita de Antônio depois da catástrofe

Eudócia estava tão pasmada com a própria sorte que se esqueceu por completo que Antônio passava pelo mesmo terremoto. Ao vê-lo chegando em sua casa para uma visita, veio-lhe à mente a tarde em que Marlene estivera no hospital. A imagem vinha-lhe com nitidez maior do que a visualizara na hora em que as coisas ocorreram. Marlene ardia em febre dentro de uma roupa escura. Parecia ossuda e cinzenta, com olhos lacrimejantes que Eudócia não descobriu se eram por Nelson, Antônio ou por si mesma. Entrou no quarto como uma aparição, não disse uma palavra, fitou-os fundo nos olhos, beijou-os, abraçou-os tentando transmitir uma tremenda solidariedade, e foi embora como se desaparecesse para sempre. Foi tudo tão rápido que, ao ver a figura de Marlene esfumar-se pela porta, Eudócia lembrou-se da primeira viagem que fizeram juntas. Então, uma turbulência pega pela nave fez com que as duas sentissem uma espuma gelada percorrer-lhes as tripas e agarraram a mão uma da outra. Para a turbulência que suas vidas pegavam naquela hora, não bastava agarrarem-se as mãos ou abraçarem-se com solidariedade. Era preciso ter uma alma de ferro e muita ação!

Tão logo entrou e cumprimentou Eudócia, Antônio confirmou que Marlene saíra de sua vida. Já andava envolvida com outra pessoa e aproveitou aquele golpe e o fato de Isabel reaparecer tentando consolá-lo para tomar a decisão definitiva. Antônio, que havia engolido com fígado de bom bebedor o golpe da perda do cargo na firma, engoliu também o do abandono da mulher. Aliás, vinha com ótimas notícias que queria dar pessoalmente a Nelson. Eudócia conduziu-o ao escritório, mas antes preveniu-o que não esperasse encontrar o Nelson de antes. Pelo impacto que observou na face de Antônio ao estancar na porta do escritório, ela sentiu o tanto que o marido estava mudado.

Quando finalmente Antônio perdeu o ar de susto e entrou, Nelson parou de andar e encostou-se à parede, como se esperasse uma agressão. Antônio tentou agir normalmente e aproximou-se para um abraço, mas Nelson manteve-se estático desencorajando o amigo. Foi nesta hora que seu Guilherme entrou e retribuiu o abraço de Antônio. Os dois se sentaram, preocupados em não demonstrar ansiedade em relação a Nelson. Após uns segundos de hesitação, ele obedeceu o desejo do pai e também sentou-se. Eudócia pediu à empregada que providenciasse o café.

Refeito do impacto diante de Nelson, Antônio entrou no assunto. Como se contasse uma das suas antigas conquistas, alvoroçou-se ao dizer que se sentia vingado até o fundo da alma com os últimos acontecimentos. Sua euforia era tamanha que o recuperava do infortúnio anterior, e lhe dava forças para começar uma vida nova. Era sabido que não só os americanos, mas todos os países desenvolvidos jamais paravam sua pesquisa tecnológica. E, na empresa americana que se unira a Flamingo, evoluíram de tal forma, que o que fora motivo de tanta mesquinha não passava de um produto obsoleto, com tecnologia apenas adequada aos países do terceiro mundo. Para o mercado mundial, havia uma nova versão mais avançada tecnologicamente que já era dona do mercado. Após tê-los destituído dos cargos de diretoria e de ter imaginado que os americanos eram uns calhordas dando-lhes de graça a tecnologia, Teófilo e seus comparsas percebiam que também o seu tapete fora puxado. Podiam engolir suas máquinas. Quem não fora capaz de descobrir o segredo tecnológico da primeira, não descobriria jamais o da nova versão. Os gringos ensinaram a tecnologia em troca de guias de importação

que desencalhava as máquinas obsoletas de seus estoques!

Antônio acreditava que com a abertura que o governo esboçava na área das importações, outras firmas que fabricavam aquele tipo de equipamento disputariam o mercado. A própria firmeca poderia representar outras firmas, uma vez que a Flamingo havia assinado tantas cartas autorizando a importação! À medida que falava, Antônio entusiasmava-se e, percebendo que seu Guilherme se envolvia no entusiasmo dele, mais conjecturas fazia sobre as possibilidades de Teófilo se foder. As palavras de Antônio eram música para seu Guilherme que esfregava as mãos, antevendo o encardidinho xenófobo também destituído do cargo e dos poderes. Pegou a bandeja da mão da empregada e ele próprio serviu o café.

Sem notar que a expressão de Nelson não tivera a menor reação frente às notícias, Antônio bebeu o café, deixando a quentura descer pelo estômago. Eudócia observou Nelson pegando uma xícara e animou-se com a possibilidade daquelas boas novas mudarem-lhe o humor, mas ele depositou a xícara intacta sobre a mesa e levantou-se. O movimento de Nelson fez com que Antônio e seu Guilherme parassem de falar e pegassem os olhos em sua figura que recomeçava a andar ao redor da mesa. Alheio ao que se passava à sua volta, Nelson retomou o eterno caminhar. Com um suspiro de desalento, seu Guilherme conduziu Antônio para fora do escritório. Sem ter diante de si a figura deplorável de Nelson, os dois retomaram a animação da conversa. Passaram a tarde recordando as proezas realizadas no empenho de construir o império, e a satisfação com a possibilidade de Teófilo estar acabado. Por fim, Antônio mencionou estar ajudando Isabel na preparação da inauguração da sua boate. Reconhecia que ela fora mais inteligente do que eles. Não se demitiu do emprego público, de modo que podia realizar seu sonho sem perder as mordomias. Tanto ele como seu Guilherme concordaram que este país só era viável para quem se pendurava nos bons empregos do Estado!

Ouvindo-os, Eudócia conjecturava que, com aquele cataclismo que se abatia sobre sua casa, ela precisava com urgência não só pensar, mas realizar um trabalho lucrativo. Era preciso salvar as finanças que desmoronavam com a mesma rapidez que todo o resto. Se ela não se mexesse, em pouco tempo teriam que viver das aposentadorias de seu Guilherme e de Nelson que, após tantas façanhas onde largaram empregos fabulosos das estatais para se dedicarem à criação do tal império, não passavam de aposentadorias de cidadãos comuns: umas merdas! Era uma semi-viúva de um homem que lhe havia consumido os melhores anos da vida, e que agora iria consumir-lhe as economias para se manter naquela vida vegetativa de dar voltas e mais voltas ao redor da mesa. Era muito tarde para se arrepender por ter influído na decisão dele largar a estatal e se dedicar de corpo e alma à Flamingo. Estremecia só de pensar que teria de investir no marido as economias que fizera ao longo de toda a vida. Entediada com a conversa delirante entre o sogro e Antônio onde recontavam a desdita e regozijavam-se com a possibilidade de Teófilo se foder e sem saber que envolto em seus cadinhos e tubos de ensaio Paulo pensava nela, Eudócia resolveu colocar no vídeo um filme romântico a fim de imaginá-lo.

Sem ter perdido por um único minuto a esperança, Paulo lastimava a sorte de Eudócia que, mais cedo ou mais tarde, iria precisar de dinheiro. Se não quisesse viver às expensas e, conseqüentemente, às ordens do sogro, iria ter de se virar. Sentindo que era a hora de ajudar, Paulo preparou-se para ir visitá-la, imaginando sugerir a Eudócia uma nova viagem aos Estados Unidos, onde ele poderia acompanhá-la visto que as sócias se embrenhavam por novos caminhos. Confiante no próprio poder de persuasão, largou seus cadinhos e tubos de ensaio e foi para a casa cantarolando a fim de se preparar para a visita da noite.

Capítulo XXXIX

Que fala da visita de Paulo

Sem saber por onde começar a modificar a vida, Eudócia distraía-se com os filmes no vídeo. Era uma diversão que a desligava por algumas horas da atordoante realidade, e a fazia viver por procuração uma vida mais gostosa e leve. Naquela tarde, enquanto seu Guilherme e Antônio conversavam, cansada de ouvi-los repetir ao infinito que sua empresa não tivera sucesso única e exclusivamente por causa da traição de Teófilo e o quanto se regozijavam ao imaginá-lo fodido, deixou-os e foi assistir um filme. Ao terminar, mais uma vez pensou que quem escrevia os bons roteiros tinha a perspicácia para preparar os acontecimentos que deviam ser sempre antecidos por uma cena capaz de criar expectativa. Era preciso dar um tempo para o espectador curtir a mudança. Na vida real não havia destes requintes técnicos. O ritmo da vida era bastante diferente. No geral, as notícias ruins vinham como um balde de água fria e muitas vezes sem água, só o balde direto na cara. A falsa monotonia do cotidiano apresentava surpresas inimagináveis pelos ficcionistas do cinema, preocupados em selecionar emoções mais atraentes. Depois de todos os disparates de sua vida, quando finalmente acreditou que o império iria se concretizar, via-se com um marido esquizofrênico e sem dinheiro. E de quebra, Arlete caíra em sua vida, sem antecedentes técnicos preparatórios.

Depois da visita de Antônio, durante o jantar, Eudócia e os filhos contaminaram-se pela euforia de seu Guilherme. Entusiasmado com a conversa da tarde, ele não parava de falar que Teófilo e seus comparsas acreditavam estar puxando o tapete dos americanos apossando-se da tecnologia sem assinar a "joint-venture", e eram eles a levar a rasteira! E pior, os americanos, em troca de fornecer tecnologia obsoleta, sem investir um único centavo, criavam a possibilidade de desencalhar os equipamentos com tecnologia ultrapassada, vendendo-os no Brasil. Para os negócios realizados depois que a Flamingo reconheceu sua incapacidade de fabricar, estavam sendo entregues máquinas com tecnologia obsoleta. A firmeca, após a decepção com o gringo que lhes puxara o tapete, não precisou levar outro pé na bunda. Tão logo recebeu as comissões dos negócios maiores, esperava a abertura das importações anunciada pelo novo governo e introduziria no mercado máquinas de outros fabricantes. O sócio capitalista parecia um pouco descrente das possibilidades de lucro num mercado a cada dia mais incerto. Como tampouco havia investido muito dinheiro, investira seu nome e a possibilidade de usarem suas instalações industriais, falava em desistir do projeto. O gringo que, sem compaixão, puxara o tapete de seus amigos da firmeca, recebera um terço das comissões e estava dando um tempo para ver para onde a vida seguiria.

Ouvindo o sogro conjeturar sobre tudo aquilo com os olhos brilhantes e vendo-o comer com um apetite feroz, Eudócia olhava às suas costas as figuras do quadro, suas velhas companheiras! Cristo com o dedo em riste vendo Pedro que afundava, ordenava-lhe que tivesse fé. Estava na Bíblia que ele recuperaria a fé e sairia das águas. No entanto, observando-se as figuras desesperadas podia-se imaginar variados desfechos para a mesma história. Inclusive pelo olhar atônito dos apóstolos no barco, não se podia afirmar se tudo chegaria a bom termo, ou se visualizavam a catástrofe e não havia como evitá-la. Eudócia sorriu. Como eles, ela visualizava a catástrofe e era preciso muita fé e um Cristo para salvá-la! Não poderia se deixar afundar e acostumar à vida de semi-viúva sofredora!

No final do jantar, o som estridente da campainha estremeceu a sala. Eudócia sentiu o alvoroço interno que anunciava Paulo. Correu para a porta e lá estava ele. Recebeu-o cheia de carinho e conduziu-o até a mesa de jantar. No embalo do entusiasmo, seu Guilherme narrou as novidades trazidas por Antônio. Paulo interrompeu-o para elogiar o vestido lilás que Eudócia vestia. Afinal não fora lá ouvir o que todo o mundo já sabia. Como se não tivesse ouvido as palavras de Paulo, seu Guilherme, cheio de ódio por Teófilo, continuou repetindo o que já havia dito sobre os meandros de puxadas de tapete e cachorradas subterrâneas até confessar que o que ainda lhe dava ganas de viver era a possibilidade de ver o encardidinho xenófobo acabado!

Paulo aproveitou a deixa para encerrar o assunto afirmando que os gringos saíam-se sempre melhor do que todos. Afinal ensinaram uma tecnologia obsoleta em troca de poderem vender aqui tudo o que não poderiam vender para nenhum país desenvolvido e teriam que sucatear. A tecnologia aprendida por Teófilo não lhe serviria para nada!

Com o sorriso de felicidade que a possibilidade de Teófilo se foder lhe impunha, seu Guilherme finalmente anunciou que ia se deitar. Tomada por uma estranha força que lhe subia dos calcanhares, Eudócia pegou Paulo pela mão e levou-o ao umbral do escritório. Olhando pela porta entreaberta na escuridão do escritório, ele ficou estarelecido. Nelson não fazia absolutamente nada além daquela caminhada atônita com a mesma apatia silenciosa e dolorida de sempre. Cheio de compaixão, entreviu o seu seco e inexpressivo rosto de caveira de vaca contornado pelos cabelos revoltos. A única coisa que ainda restava do Nelson que conhecera era a vitalidade doentia dos seus duros olhos amarelos, que podia observar quando por raríssimas vezes os levantava do chão. Aturdido, Paulo acreditou que a atitude de Eudócia em mostrar-lhe aquele marido com o inconfundível aspecto do homem derrotado, queria dizer que já não contava com ele.

Retornando à sala, Eudócia encheu dois cálices de licor de anis. Ao sentir o toque de suas mãos entregando-lhe o copo, um espasmo na traquéia impediu o ar de entrar nos pulmões de Paulo e pareceu-lhe que o pulso parava. Ela não percebeu sua aflição e encostou o cálice no dele brindando por eles, que haviam restado intactos daquele cataclismo. Ele pigarreou e tentou agir normalmente. A vida estava no limite onde havia querido levá-la. Eudócia estava ali, ao alcance de sua mão. Não iria precisar convidá-la para o almoço no motel. A vida se encaminhava na direção de apresentar uma situação ideal para que o amor fosse pleno. Ele estremecia só de pensar que Eudócia pudesse se divorciar daquele marido imprestável e ser inteiramente sua.

Paulo sentiu que aquele fim de noite era muito mais do que esperava da vida. Conversaram como amigos de verdade. Ela lhe contou sobre Marlene. Falaram de Isabel aparentemente sem ressentimentos. Enveredaram pelas próprias vidas, mas não tocaram no amor. Quando os aveludados olhos de Eudócia detinham-se nos seus, Paulo sentia que uma coisa leve e gostosa mordida-lhe as vísceras. E, apesar do desejo enlouquecido por ela, conversaram até tarde sem que ele adquirisse a calma necessária para uma carícia audaciosa. Por vezes, ela deixava que suas mãos se roçassem e um alvoroço febril de adolescentes tomava conta deles. Paulo, que sempre fora tão desenvolto com as mulheres, ao lado de Eudócia não sabia por onde começar. Achou que era melhor deixar-se dominar pelas emoções de um namoro infantil e as coisas correriam ao sabor do tempo. As precipitações poderiam desfazer o que o próprio destino construía. Despediram-se latejantes de desejo. Ela acompanhou-o até o portão. Ele beijou-lhe as faces e entrou no carro enquanto ela ficou com um sorriso iluminado acenando para ele. Ele pôs o carro em movimento e seguiu observando uma mancha lilás esfumando-se no

espelho retrovisor.

Capítulo XL

Que narra como Paulo e Eudócia se entregaram aos delírios do amor

Depois da visita a Eudócia, Paulo voltou para a casa radiante. Sua insônia não foi preenchida pelo desespero de não tê-la, mas com a delícia de imaginá-la sua. Relembrava cada toque de mãos, o roçar dos lábios na despedida e pensava que ela aprendera a ser arisca com doçura. Iria lá novamente para aos poucos ir adquirindo sua confiança e criando uma condição propícia para o amor. Quando finalmente adormeceu, viu-a num sonho tranqüilo, onde a percorria com vagar, apreendendo o cheiro da sua roupa, do seu corpo. Criava a textura do seu cabelo, da sua pele suave nos locais mais recônditos, dos seus lábios frescos, do seu sexo sereno e do seu ventre amplo. Despertou inundado de felicidade. Desejava-a com calma e almejava iniciá-la na ciência mais antiga e mais secreta de fazer amor com amor.

Ao começar seu dia, Paulo percebeu que a pouca fome de depois de tantas insônias se esvaíra por completo com a emoção de sonhar com o amor. Não conseguiu engolir nem o café da manhã. Ao longo do dia, o apetite foi retornando, até que se sentiu apto a telefonar a Eudócia expondo seu plano de ir lá e quem sabe até jantarem juntos. Embora ele pensasse em jantar fora num lugar muito romântico, ela o convidou para jantar em sua casa. Paulo passou o resto do dia num estado de estupor e fez tudo o que fazia todos os dias com mais minúcias, para não deixar nenhum rastro do seu aturdimento. Ao sair do escritório, comprou uma garrafa do melhor licor de anis que encontrou. Em casa, foi executando todos os atos bem devagar para não ter de ficar pronto esperando a hora de sair. À medida que ia tomando banho e se aprontando para a ocasião, seu apetite ia retornando, e quando saiu para o jantar em casa de Eudócia, sentia uma fome de leão. A vida estava no limite aonde queria levá-la. Tudo dependia dele, e ele se deixava levar por um vento sobrenatural que o arrancava do seu centro.

Ao tocar a campainha e ser recebido por Eudócia, sentiu-se um adolescente. Ficou radiante ao perceber que também ela havia caprichado na aparência para esperá-lo. Deu-lhe a garrafa de licor, extasiado diante da sua cara de deliciosa surpresa. Ela fez questão de abri-la e servi-la como aperitivo. Ele pensou que ela o fizera por ter adivinhado que ele lhe levaria aquele presente, mas ela preparou biscoitinhos especiais porque de qualquer forma beberiam licor de anis. Os dois foram bebericando o licor e comendo os biscoitinhos. Seu Guilherme e as crianças vieram participar do aperitivo. Conversaram até que a empregada anunciou que o jantar estava servido. Comeram com calma enquanto falavam de tudo. Depois do jantar, Paulo foi ao escritório tentar falar com Nelson e acabou ficando um longo tempo observando aquele caminhar enlouquecido. Seu Guilherme e as crianças tomaram o cafezinho e subiram. Eudócia, que não se imaginava fazendo amor no motel na hora do almoço, jamais poderia supor que seus primeiros amores com Paulo ocorressem no sofá da sala, com os filhos e o sogro dormindo no andar de cima, e Nelson logo ali no escritório. Tampouco Paulo, tão calculista e sempre disposto a criar situações maravilhosas para suas amantes, seria capaz de imaginar que lhe fosse ocorrer um daqueles atos de principiante, numa bolinação de alucinado, sem tirar completamente as roupas.

Sem ter tempo de pensar no milagre que estavam vivendo, Paulo e Eudócia deixaram-se levar pela vida. Começaram pelos beijos com sabor de anis e foram se abandonando às delícias do tato, atormentados pelas desordens dos instintos, sufocando-se na própria febre, até que se

despediram aturdidos e maravilhados. Ele afirmou que a apanharia no dia seguinte às oito, para jantarem fora à luz de velas, e depois irem dançar. Saiu assobiando, dirigindo o carro em estado de levitação, sem soltar um impropério contra os buracos das ruas, e sem sequer suspeitar que seu inferno privado estivesse longe de ter um fim, mas ainda lhe apresentaria muitas provações mortais. Além de amá-la, Paulo comovia-se ao imaginá-la em casa com aquele homem que fora seu marido e que se transformara num animal duro e sem alma, entregue a um impertinente caminhar, capaz de tirar o juízo da pessoa mais equilibrada.

Capítulo XLI

Que conta como Eudócia começou a buscar um roteiro para si

Sem ter em mente a idéia de semi-viuvez, Eudócia vestiu-se de negro para o encontro com Paulo. No entanto, ao se olhar no espelho de corpo inteiro, percebeu que enlutada causava um grande efeito. Deixou-se enternecer imaginando o poder de sua figura sobre a virilidade de Paulo. Dignamente vestida, o ato tresloucado da noite anterior mais lhe parecia uma alucinação. O poder de atração de Paulo fez com que se entregasse sem remorso a um turbilhão desatinado. Mirando os próprios olhos no espelho pensou que iria repetir tudo com calma, sentindo cada emoção. Finalmente mataria a curiosidade em saber do que eram capazes a língua poderosa e os dentes grandes e carnívoros de Paulo. Ao pressentir sua chegada, sentiu o costumeiro alvoroço. Recebeu-o com um carinhoso beijo e saíram. Encantada que estava, deixou que a noite seguisse seu rumo. Jantaram, dançaram bem juntinhos, deixando os corpos se roçarem, e acabaram num motel. Desta vez, como previra, pôde desfrutar de sua língua poderosa e de seus dentes grandes e carnívoros. Ele conseguiu dominar as emoções desbaratadas e a amou como sempre amara suas amantes, cheio de requintes. Ela percebeu segurança nos seus gestos e foi-se entregando aos poucos. Desfrutaram-se ao delírio. A noite foi melhor do que qualquer roteiro feito com capricho. Ela não só viveu cada cena de amor, como sentiu que cada uma delas era precedida de situações que criavam a expectativa necessária.

Por fim ele a levou para a casa. No caminho comentaram sobre a inauguração da boate de Isabel, que se realizaria em poucos dias, e combinaram ir juntos. Enquanto falava displicentemente no assunto, Eudócia sentia uma facada no peito ao se lembrar que Isabel vivera as mesmas emoções ao lado de Paulo. Cheia de mágoa pensou em contar-lhe durante a festa que agora era ela a titular. Mas talvez houvesse vingança melhor. Com o regime, Isabel havia perdido muito de sua beleza, além de ter envelhecido. Devia estar esfalfada com a reforma e os preparativos da festa. Eudócia visualizou-se com o melhor vestido que possuía. Nem que ficasse com algumas contas sem pagamento, iria investir em salão de beleza e não só arrumaria os cabelos, como faria uma maquiagem. Iria se apresentar de maneira a não só impressionar Paulo, mas a festa toda. Delirou com a certeza de que estaria mais insinuante do que Isabel!

No dia da inauguração, Paulo e Eudócia compareceram à recepção elegantíssimos. Provocando o efeito desejado e vendo Isabel menos esfuziante do que de costume, Eudócia se esqueceu do ódio mortal e elogiou o bom gosto da amiga. Ela conseguira realizar a boate sonhada com requintes maravilhosos, e estava alvoroçada com sua realização. Eudócia via-a agindo como se estivesse vivendo uma tardia e estéril adolescência onde se esmerava em parecer uma adolescente, mas sem ser suficientemente jovem para ter uma amiga a quem pudesse transmitir suas ilusões ou seus desencantos. Embora a casa estivesse cheia, todos a cumprimentavam com sorrisos e palavras apropriadas à ocasião e nada mais. Só Antônio mantinha-se fiel, todo o tempo ao seu lado e atendendo-a como um cachorrinho encantado pela dona. Ao mesmo tempo em que se divertia na festa e encontrava velhos amigos, Eudócia pensou

que não poderia deixar a vida simplesmente correr. Tão logo deixara de ser a elegante esposa de Nelson, passava a ser a elegante amante de Paulo. Seguindo o exemplo de Isabel, tinha como meta ser a dona do próprio espetáculo!

Paulo estava nas nuvens, jamais desejara mais da vida. O que até então havia sido para ele uma ilusão, se convertia numa possibilidade que se podia colher com as mãos. Não encontrava razões para que Eudócia não estivesse resolvida a descobrir com ele um amor que converteria cada instante num milagre de viver. Contando com uma relação duradoura, no caminho de volta, enquanto dirigia, ia confidenciando lances engraçados da sua infância. Paulo não teria sido tão entusiástico, se tivesse suspeitado como Eudócia estava longe daqueles cálculos ilusórios, empenhada em reordenar o próprio mundo de uma maneira que ela mesma ainda não sabia por onde principiar. Olhando uma imensa lua luminosa no céu, ela conjecturava que ao se entregar de corpo e alma a Nelson, renunciara ao seu nome de família como à própria identidade. Tudo isto em troca de uma segurança que não passou de mais uma de suas tantas ilusões de juventude. Como lhe pesara o amor daquele homem! Teve de continuar o trabalho da mãe morta, criando-o até o fim. Quando não pudera evitar-lhe o terror ao dar de cara com a realidade, ele sucumbiu. Era preciso tomar muito cuidado para não se emaranhar nas malhas da ilusão. Não cairia em outra esparrela. Não instigaria outro homem a enfrentar o mundo por si. Ela mesma o enfrentaria. Antes de levá-la para a casa, o carro de Paulo desviou-se e acabaram indo a um motel.

Depois daquela, se tornaram assíduas suas idas a motéis. Embora vivesse da expectativa do próximo encontro com Paulo, Eudócia percebeu que não tinha razões válidas para estar fazendo o que fazia. Na realidade, apesar das comoções ao vê-lo, amava Paulo tão pouco quanto amava Nelson e além disso o conhecia menos. A verdade é que sempre sonhara com o amor, mas só se deixara iludir por bens terrenos. Quando se casara com Nelson, ele lhe oferecera segurança, dinheiro, roupas, viagens, coisas que somadas poderiam talvez se assemelhar ao amor. A comovedora determinação de Paulo em querê-la, mais lhe parecia o capricho de um garotão que não tivera quem o acabasse de criar e via nela o brinquedo inalcançável. Tão logo se casassem seria mais um a ter de instigar para que enfrentasse o mundo! Embora estivesse adorando os últimos acontecimentos de sua vida e Paulo fosse um amante surpreendente, no fundo sabia que não o amava, e pior, estava convencida de que o amor era o que mais falta lhe fazia para viver. Sabia que aceitando todos os convites de Paulo, não estava indo em busca deste amor. Ia em busca de algo que ela não poderia precisar, e que se pensasse bem era novamente a segurança, o dinheiro, as roupas, viagens e "status". Percebia um pouco tarde que por trás da vida social fascinante e do dinheiro fácil nos tempos em que trabalhou numa estatal e que nutriu o sonho de construir o império, o homem com quem se casara era um pobre diabo. Não tivera competência para realizar o sonho e muito menos para encarar de frente o seu desmoronar.

Na manhã em que o roteiro para a própria vida começou a se esboçar, Eudócia recebeu um telefonema de Paulo. Ele a apanharia às onze horas, e se propunha, de uma vez por todas, a tirar-lhe a má impressão de fazer amor na hora do almoço. No momento, Eudócia não pôde explicar a si mesma que causas ocultas da razão lhe haviam dado aquele ímpeto de dizer sim.

Mais tarde chegou à conclusão de que aceitara o convite numa crise de pena talvez até de si mesma, e o destino se encarregou do resto.

Como Paulo previra, ela perdeu a má impressão do sol pipocando no telhado, não porque aquele dia tivesse chovido torrencialmente, mas porque naqueles quartos tão cheios de atrativos não se poderia dizer se era dia ou noite. E foi depois de horas no motel, quando Eudócia já havia perdido por completo a noção do tempo que ele se tornou sentimental. Quis então dar-lhe a última prova do seu amor, ou mesmo mostrar-lhe como era importante seu cargo e a fórmula que comercializava. Descreveu-lhe todos os passos necessário para que os elementos simples que combinava acabassem por se transformar num produto que valia mais do que ouro. Talvez por falta de outro assunto, ela interessou-se e o fez explicar não só a fórmula, mas como aquilo entrava no mercado.

Capítulo XLII

Que fala de como Eudócia, depois de rever a vida como dizem que acontece aos que vão morrer, finalmente esboçou o próprio roteiro

Esgotada por todo aquele tempo passado no motel, Eudócia entrou em casa com a intenção de ir direto para o quarto. Mas, ao passar pela sala de jantar viu seus filhos fazendo a tarefa escolar. Sentando-se com eles, ouviu-os contar sobre as aulas e os colegas. Seu Guilherme juntou-se a eles e participou da conversa. Eudócia estava pensando na indiferença atormentada com que o sogro passara a assistir ao espetáculo da vida, quando ele lhe perguntou, de uma golfada, se ela já havia reparado como Guilherme Júnior estava a cara do pai. Eudócia fixou o olhar no filho. Sua expressão absorta que nada parecia perguntar, sua indiferença abstrata assustaram-na, tão parecidas estavam com as do pai. Como se o avô tivesse trazido naquela hora o malefício da identidade de Guilherme Júnior, Eudócia espantou-se ao se deparar com os duros olhos amarelos do filho, idênticos aos do pai. Será que gerara um filho para acabar como o pai, numa caminhada insana? Os duros olhos amarelos que pela primeira vez via no filho, faziam-na pensar que todos os seus sacrifícios seriam vãos. Até pouco tempo atrás o menino não tinha um único traço do pai e bastou o avô mencioná-lo para que ela percebesse que era o pai escarrado. Amargurada, olhou o quadro na parede. Os olhos atônitos dos apóstolos, sem saber o que seria de suas vidas no instante seguinte, pareciam-se incrivelmente com os olhos dos homens de sua vida. A partir do seu pai até seu filho, passando por seu sogro, marido, amante e sócios, todos eles sempre a olharam com os mesmos olhos atônitos e nenhum deles foi capaz de lhe proporcionar o amor e o carinho de que tanto precisara. Todos eles necessitavam, muito mais do que ela, de alguém que os amparasse. Ocorreu-lhe que seus filhos entravam na adolescência, e em pouco tempo os perderia. Se a fase de criança fora-lhe tão enfadonha, que seria das contestações adolescentes! Reconhecia que as gerações só se olhavam de través, falavam-se para não se entenderem, para se acusarem mutuamente por crescerem infelizes e morrerem desiludidos. Olhando Cristo com o dedo em riste, sentiu que todo o cansaço das emoções e vivências dos últimos dias abatia-se sobre ela. Beijou os filhos e deixou-os com o avô, avisando que iria descansar.

Ao entrar no seu quarto, olhou pela janela e viu a lua imensa e luminosa. Ela, que mal sabia rezar, pediu àquele astro que há tantos milênios governava as marés, as regras menstruais e os ataques dos licantropos que a ajudasse a encontrar um rumo. A seguir, atirou-se na cama e dormiu profundamente até o dia seguinte. Abriu os olhos e recordou-se com nitidez do sonho do qual despertava. Com a aura esverdeada dos sonhos, via-se no tempo em que era criança. Não seria capaz de precisar se tinha três, quatro ou cinco anos. Via-se vestida de uma musseline diáfana passeando pela mão da mãe numa praia quase deserta. As poucas construções que havia, ficaram de tal forma gravadas em sua memória que mais tarde, intrigada que estava, foi à casa

da mãe e perguntou-lhe se algum dia quando era pequena haviam estado naquele local. Depois de fazê-la descrever o local do sonho várias vezes, e enquanto isto ir arregalando os olhos, a mãe disse-lhe que se lembrava muito bem daquela praia e daquela viagem exatamente como ela a descrevia, mas acontecera pelo menos uns três anos antes dela nascer. E era-lhe uma imagem tão nítida, que não precisaria ter consultado o álbum de fotografias para recordá-la. Só o fez para que a filha tivesse certeza que era mesmo o local do sonho.

O fato de ter sonhado uma história e um local que estavam na memória da mãe revolucionou o espírito de Eudócia. Voltou para a casa pensando na sua oração diante da lua na noite anterior. Não havia se transformado num lobisomem, mas com certeza num vampiro de sonhos. Sugara um sonho das lembranças de sua mãe. Foi então que lhe ocorreu a idéia. Tão logo entrou em casa, com o espírito destemido, pegou lápis e papel. Num esforço que depois a derrubou na cama por muitas horas, lembrou-se palavra por palavra da fórmula que estava na memória de Paulo e que ele lhe recitara no dia anterior. Enquanto remoía os miolos para anotar a fórmula sem omitir detalhe algum, não conseguiu deixar de despir mentalmente o amante ausente, o qual, comparado ao seu marido, suplantava-o, não só pela estatura como sobretudo pela virilidade dos seus desportivos quarenta anos. Enquanto desentranhava a fórmula da memória, evocá-lo era como permitir a entrada de uma lufada de ar fresco no seu quarto fechado. Paulo era a própria encarnação da displicência, da despreocupação, do prazer. Relembra-lo era como trazer até ali sua elegante presença animal que ela gostaria de ter como tivera nos últimos dias: quando lhe desse na veneta. Como meta de vida, iria construir uma fábrica que começaria no seu quintal a partir daquela fórmula, e cujo mercado só teria um concorrente a enfrentar: Paulo!

Depois de tanto esforço mental para anotar toda a fórmula, Eudócia sentiu-se exausta. Atirou-se na cama, dormiu como uma pedra e despertou sem que se recordasse de um único fiapo de sonho. Levantou-se e releu a fórmula. Embora seus conhecimentos de química fossem mínimos, a fórmula parecia-lhe perfeita. Sentiu que acabava de se escalar para um roteiro bem interessante. Sairia imediatamente para providenciar o material. Compraria também uns livros sobre o assunto e poria mãos à obra! Pediria, então, a Paulo para que lhe mostrasse o produto acabado e compararia com o que conseguisse fazer. Ao sair do seu quarto rumo à missão de executar a fórmula, passou pelo escritório. Deparou-se com o caminhar de Nelson. Seus duros olhos amarelos recordaram-lhe os do filho, ou dele mesmo quando o conheceu, ou quem sabe os do seu Guilherme. Eudócia murmurou entredentes um porra que ela mesma não sabia bem porquê. A cor daqueles olhos que por três gerações era exatamente a mesma e a nesga de pavor que jamais saíra do rosto do marido infundiram-lhe o domínio e a coragem necessários para enfrentar sozinha sua empresa. Desde então não teve trégua.

Capítulo XLIII

Que trata do empenho de Eudócia para executar a fórmula

Enquanto em sua casa tudo parecia acomodar-se ao desastre doméstico, alucinada pelas vigílias, Eudócia estudava nos livros, cozia e recozia os elementos acompanhando as metamorfoses e tentando desentranhar os segredos daquela química. Quando finalmente obteve o produto acabado, comemorou sozinha bebendo vários cálices do licor de anis que Paulo lhe dera. Ao mesmo tempo em que ela empreendia aquela façanha, seu Guilherme deixava as coisas como estavam. Sem perceber, começava a protelar seus problemas na esperança de que a morte os resolvesse. O golpe que acabara com Nelson não fizera muito mais do que lhe acelerar o processo de esclerose que aumentava a erosão da memória, especialmente no que dizia respeito aos fatos mais recentes. Além do prazer de narrar os fatos que desacreditassem Teófilo, gostava de narrar os tempos que havia conseguido manejar poder e ostentar prestígio. Diante do neto interessado, contava a tentativa de criar o império desde os planos até a execução de cada detalhe. Depois suspirava e, esquecido de que nem Teófilo conseguira o intento sonhado, deixava escapar que se não fosse o encardidinho xenófobo, eles todos poderiam usufruir das riquezas. E não havia mal maior do que a falta de dinheiro. Então batia nas costas do neto, afirmando que cabia a ele crescer e construir um império para a família. Ao ouvir o sogro falar que Guilherme Júnior era quem tinha a obrigação de sustentar a casa e a mãe, Eudócia saía de perto. Tal idéia provocava-lhe um estremecimento. Mesmo sabendo que o sogro não falava por mal, era inconcebível esperar o filho crescer para sustentá-la.

Apesar de tudo, seu Guilherme continuou usando, com a compostura dos seus anos de moço, o terno completo. Seu cabelo continuava com o mesmo penteado que tivera na juventude, salvo pela cor metálica. A barba serrada, sempre bem escanhoada, as suíças grisalhas e os bigodes engomados eram expressões fiéis do seu caráter. Com o transcorrer daquela vida caseira, adquiriu o hábito de tomar muitas pílulas. Tomava-as para as dores nos ossos em tempo de chuva, para os problemas de digestão, a insônia e especialmente para o bom funcionamento dos intestinos que acreditava ser o órgão regulador de todo o sistema. A neta jamais o comovera, muito pelo contrário, recordava-lhe a própria filha e cada beijo que a menina lhe dava de má vontade, aumentava-lhe a aversão. No entanto, cada vez que olhava o neto, lembrava-se do filho nos bons tempos em que segregava juventude e dinamismo por todos os poros, e vivia envolto numa luminosa atmosfera de simpatia. Por vezes, Eudócia observava-o passar uma das mãos nas costas do neto e com a outra segurar o cachimbo fumegante enquanto narrava os episódios mais importantes de sua vida. Entre eles estavam as proezas necessárias para conseguir "A Pesca Milagrosa", quadro que o acompanhava desde sempre! Ouvindo-o, ela recordava o próprio deslumbramento a primeira vez que colocara os pés naquela casa e ouvira a história. Naquela época, jamais poderia lhe ocorrer que fosse passar pelo que passou. Depois de tudo, ver seus homens divagando lhe atiçava a fúria por construir a própria empresa.

Ela, que tanto se deliciara com os filmes, escalava-se no elenco do próprio roteiro, dando às cenas uma seqüência lógica. Era preciso refazer a vida, se não totalmente, ao menos em parceria com o destino. Vivia os tempos tempestuosos dos primeiros embates na tentativa de resolver os inúmeros problemas de se começar uma empresa. Assustava com a própria capacidade para o trabalho. Enquanto estivera dedicada ao comércio de roupas e quinquilharias trazidas de Nova York, aprendeu que o mercado de consumo ensina a ser impaciente, a não acreditar nem no passado nem no futuro. A mulher, quando faz uma compra, acredita apenas no momento presente e nele sacia a voracidade do seu apetite. Eudócia, que acreditava nos poderes sobrenaturais da química, travou uma batalha árdua para entender seus rudimentos, até que finalmente conseguiu dominar a fórmula que Paulo lhe ditara. Tão logo viu que a fórmula funcionava e sua comercialização era viável, pensou que ou ela embarcava naquele aluvião ou se enlutava e vivia o "script" de viúva pobre e sofredora.

Embarcou no aluvião do presente. Rapidamente chegou à conclusão que os amores por procuração, vividos pelos atores na tela, eram muito melhores do que os da realidade e muito menos problemáticos. Em pouco tempo vislumbrou que ganhar dinheiro, além de ser uma emoção que só valia quando vivida com a própria pele, era a única atividade que superava as confusões da química feminina e os desatinos do amor. E foi com essa idéia na cabeça que ela continuou saindo com Paulo e especulando-o sobre o produto que fabricava. Afinal ele fizera a mesma coisa quando arrancara a fórmula de um amigo alemão. Ingenuamente, movido pela paixão, Paulo ensinou-lhe todos os truques e segredos, levou-lhe amostras. Sem a menor suspeita sobre o empreendimento em que ela empenhava a vida, estava a cada dia mais sonâmbulo, certo da possibilidade dela separar-se do traste do marido e finalmente concretizarem aquele sonho de amor tendo-a pelo resto da vida ao seu lado. E mesmo ela usando de toda a franqueza ao afirmar que jamais viveria com ele nem com homem algum, que gostava era da situação de amante, ele não acreditava. Cheio de benevolência, tinha em mente que ela não era mulher para levar vida de amante, mas sim ser dona do lar, e ingenuamente continuava fazer planos para o dia em que ela largasse a família e se instalasse em sua casa como rainha do lar.

Capítulo XLIV

Que explica como Paulo acomodou-se à situação

No dia em que Eudócia contou a Paulo que estava abrindo uma firma graças à sua fórmula e que iria lhe roubar o mercado, ele sofreu um impacto de pânico, mas achou que a possibilidade era tão absurda que a levou na brincadeira. No entanto, ao final de alguns meses, Paulo viu-se dando voltas na cama até romper o dia, perdido no deserto de uma insônia diferente. Eudócia aparecia no mercado em que ele era dono e senhor absoluto, ganhando na concorrência dos preços e na praticidade da embalagem. Só então percebera como se preocupara pouco em modernizar seu produto e incrementar o mercado. Quando não se tem de competir, não se pensa nestas coisas! Com a impressão que o mundo ruía a seus pés, compreendeu que com uma obstinação encarniçada, Eudócia se movia para criar o próprio negócio puxando-lhe o tapete. Diante desta evidência, Paulo desabou por completo. Ela, que dissera só admitir o amor como um estado de graça, fazia exatamente o contrário. Usara-o para tirar proveito. Ele que se empenhara em ampará-la na sua semi-viuvez, penalizado por ela viver com um homem que se transformara num animal imprestável, via-se diante de uma mulher de cimento armado, totalmente incapaz de se derreter por amor. Longe de se recordar que os homens haviam se acostumado a prometer o amor para fazerem suas esposas de verdadeiras serviçais, não entendia como uma mulher capaz de pensar no amor como um estado de graça se atrapalhasse ao aplicar esta regra à própria vida. O mesmo vento sobrenatural que sentira no auge da paixão, soprava sobre sua cabeça, trazendo um sentimento inexplicável, que lhe arrancava o ânimo pela raiz. Suas insônias eram cheias de pensamentos lúgubres. Numa das noites em que já não agüentava mais rolar na cama, pensou em Isabel. Sem pensar que ela não era mais a mesma e que naquela hora estaria gerenciando sua boate, acreditou que pudesse encontrá-la disposta a lhe proporcionar a compaixão que lhe fazia falta. Vestiu-se e saiu para visitá-la. Mas pensava muito mais em magoar Eudócia, contando-lhe o sucedido no dia seguinte, do que propriamente no que faria com Isabel. E tanto pensou naquilo que, alucinado, bateu na porta de Eudócia ao invés de Isabel.

Acordando no meio da madrugada com o alarde que Paulo fazia na campanha, Eudócia, ainda estonteada de sono, embrulhou-se no lençol e abriu a porta. Sem dar-lhe tempo para coisa alguma, ele foi entrando e lhe jogando na cara que ela era igual a todos, igual ao próprio marido e o sogro que puxaram o tapete da firmeca, igual a Teófilo que lhes puxara o tapete, igual aos gringos que davam a puxada geral. Sem escrúpulo algum, ela dava-lhe uma tremenda rasteira enquanto ele enlouquecia de amor. Refeita da sonolência, Eudócia não sentiu um pingão de compaixão por aquele homem atormentado que batia na sua porta no meio da madrugada e desabafava o que ela estava esperando que desabafasse. Foi única e exclusivamente pensando no próprio negócio que o fez entrar e se sentar. Enquanto ouvia suas lamúrias, foi-lhe servindo licor de anis e fazendo com que o emborcasse aos copos, um atrás do outro. Ele bebeu e falou como um alucinado e ela ouviu-o com a mesma paciência com que convencia os clientes a

comprarem seu produto ao invés do dele. Apesar do lastimável estado de desespero e bebedeira em que Paulo se encontrava, ela conseguiu fazer com que ele pensasse que era bom amante. Ao sentir-se convidado e conduzido ao quarto dela, envaidecido, deixou-se levar pelos meandros da noite. Enquanto subia as escadas e adentrava corredores, acreditou que iria desvendar-lhe alguns segredos de alcova. Mas entrou numa escuridão insondável, sentindo que ela lhe tirava a roupa e o trabalhava como um animal amortecido pelo álcool. Boiando no lodo daquele prazer, sentia uma ânsia aturdida de fugir, mas ela falava-lhe tão dentro do ouvido que não conseguiria passar aquela noite sem ele e o acariciava com uma febre tão morna e penugenta que ele foi ficando.

No dia seguinte, despertou com a impressão de que as coisas pulsavam e Eudócia ajudou-o com a ressaca. Acompanhou-o ao banheiro e lavou-lhe a cabeça com água fria. Trouxe-lhe o café no quarto e fez com que engolisse algumas aspirinas. Deixou que adormecesse pelo tempo que precisou para se recuperar. Ao perceber que ele já estava acometido da ingenuidade que nos vai deixando viver e contra a qual ninguém pode, convenceu-o de que numa estatal, se o produto dele parasse de dar lucro não faria a menor diferença. As estatais não passavam de cabides de emprego e não havia ninguém a prestar atenção se executava a fórmula com os requintes com que o fazia! Com a nova Constituição, como todos os servidores públicos, fora efetivado e não teria do que se queixar para o resto da vida. A menos que empresas como a dela sucumbissem e a arrecadação não fosse suficiente para cobrir os disparates governamentais. Então iria tudo pelos ares! Ele fazia aquele alarde só para arrasá-la. Deveria ajudá-la, pois na sua firma não era o dinheiro público que cobria as despesas, mas o produto de seu trabalho extenuante. Se não lucrasse, jamais conseguiria se erguer. E só ela sabia como precisava se erguer! Não poderia continuar a viver como uma semi-viúva, às expensas das aposentadorias miseráveis do marido e do sogro. E tanto Eudócia se explicou, que Paulo acabou penalizado e a perdoou.

Foi só algum tempo depois, quando o pó daquilo tudo se assentou, que Eudócia percebeu o empenho que pusera em alcançar o que alcançara sem calcular muito bem a própria força. Seu único objetivo fora salvar as finanças de sua família. Jamais medira as cachorradas subterrâneas nem a sordidez suportada, lutando com o intuito de dar vazão a sua indomável vocação de trabalhadora. A ineficiência de seus homens já não a aterrorizava, aliás pouco se importava com eles. Por vezes entrava no escritório onde Nelson continuava o ensandecido caminhar e contava-lhe suas façanhas. Apesar da própria solidão, sentia-se satisfeita por estar expiando a falta de por tantos anos haver tentado se convencer de que era feliz sem ao menos saber o que era felicidade. Através daquele trabalho de formiga ela se aperfeiçoava dia a dia e construía seu meio de vida, sem esperar que Cristo algum viesse lhe fazer o favor de salvá-la do afogadouro.

Havia dias em que falava tanto com Nelson que ele parecia se humanizar. E era monologando com ele que ia conferindo as contas da própria solidão, mas jamais se queixou, pois o presente era cheio de atividades que lhe davam uma tremenda paz de espírito. Só então percebeu que no mundo moderno já não havia lugar para heroínas que, ao lado do homem

desejado, não fizessem muito mais do que cuidar da casa e dos filhos. Jamais se sentira feliz sendo simplesmente a esposa de um alto funcionário de estatal que não fazia muito mais do que assinar o ponto. Naquela época, seu único desejo era pular num caixão, puxar uma coberta de flores e mandar tudo a merda. Ao sentir que podia extravasar um caráter férreo de criatividade e trabalho, conheceu um gosto maior pela vida. No final das contas Paulo a perdoou e continuou a amá-la. Saíam juntos como ela queria: quando lhe dava na veneta.
